

Celene da Silva Ribeiro

FONTAMARA REESCRITO NO BRASIL EM 1935

Dissertação submetida ao Programa de
Pós-Graduação em Estudos da
Tradução da Universidade Federal de
Santa Catarina para a obtenção do
Grau de Mestre em Estudos da
Tradução

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Patricia Peterle

Florianópolis
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ribeiro, Celene da Silva

Fontamara reescrito no Brasil em 1935 / Celene da Silva
Ribeiro ; orientadora, Patricia Peterle - Florianópolis, SC,
2014.

167 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Ignazio Silone. 3. Fontamara.
4. Reescritura. 5. Sistema de mecenato. I. Peterle,
Patricia. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

Celene da Silva Ribeiro

FONTAMARA REESCRITO NO BRASIL EM 1935

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Estudos da Tradução”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Florianópolis, 06 de maio de 2014.

Prof.^a Dr.^a Andreia Guerini
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Patricia Peterle
Orientadora
UFSC/PGET

Prof.^a Dr.^a Silvana de Gaspari
UFSC/PGL

Prof.^a Dr.^a Rosvitha Friesen Blumen
UFSC/PGET

Prof.^a Dr.^a Doris Nátia Cavallari
USP

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

Em primeiro lugar a Deus, por ter me dado a força e a coragem que eu precisava para concluir mais esta etapa importante.

Aos meus pais: Aécio e Milindra, que sempre incentivaram e apoiaram os meus estudos.

Ao meu querido esposo, Francesco, pela compreensão e amor, e pelas incansáveis leituras e revisões.

À minha orientadora e amiga, a Prof.^a Dr.^a Patricia Peterle, por seus valiosos conselhos e inúmeras leituras desta pesquisa. Também por ter me mostrado o caminho da pesquisa ainda na graduação.

A todos os meus familiares, pelo carinho e incentivo.

Aos amigos que me incentivaram durante esta caminhada.

RESUMO

O romance *Fontamara*, do escritor italiano Ignazio Silone (1900-1978), é publicado pela primeira vez em 1933, pela editora Verlag Oprecht und Helbling de Zurique, com a tradução em língua alemã de Nettie Sutro. Por razões políticas e ideológicas, o texto é impedido de circular oficialmente no sistema literário italiano nos anos do fascismo. O próprio autor vive um período de exílio e não pode voltar à Itália, pois seria preso pela polícia fascista, por ser considerado um subversivo. No Brasil, o texto é traduzido por Aristides Lobo e publicado pela editora Cultura Política, em 1935, dois anos após a primeira edição. Pensando nas tensões políticas e nas mudanças sociais e econômicas que ocorrem no Brasil da década de 30, e na posição que assume a literatura traduzida dentro de uma cultura, o presente estudo investiga quais são as principais motivações que levam à publicação do texto *Fontamara* em 1935, no Brasil. As reflexões partem da perspectiva de tradução como reescritura, proposta entre outros teóricos por André Lefevere (2007), que trata do papel das reescrituras dentro de um sistema literário. Deste complexo processo que é o ato tradutório, participam tanto a figura do tradutor (reescritor), como mediador, quanto outros agentes, que determinam que tipo de texto pode ou não circular entre o público leitor, segundo aquele que Lefevere chama de sistema de mecenato.

Palavras-chave: Ignazio Silone. *Fontamara*. Reescritura. Sistema de mecenato.

ABSTRACT

The *Fontamara* novel, by Italian writer Ignazio Silone (1900-1978), is first published in 1933, by Verlag Oprecht und Helbling from Zurich, with a translation into German by Nettie Sutro. For political and ideological reasons, the text is prevented from circulating officially inside the Italian literary system, during the years of fascism. The author himself experiences a period of exile and cannot return to Italy, where he would be arrested by the fascist police, under the accusation of being a subversive element. In Brazil, the novel is translated by Aristides Lobo and published by Cultura Política in 1935, two years after its first edition. While considering the political tensions and social and economic changes taking place in Brazil in the 30s, and the role of translated literature within a culture, this study investigates the main motivations that lead to the publication of *Fontamara* in 1935, in Brazil. These reflections are made from the perspective of translation as rewriting, a conjecture proposed among other theorists by André Lefevere (2007), who deals with the role of rewriting within a literary system. The complex process of translation involves both the figure of the translator (rewriter), as a mediator, as well as that of other agents who determine what kind of text may or may not circulate among the reading public, according to a scheme that Lefevere calls the patronage system.

Keywords: Ignazio Silone. *Fontamara*. Rewriting. The patronage system.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. <i>Fontamara</i> - Linoleogravura, 1945.....	80
Figura 02. Capa de <i>Fontamara</i> , 1935	82
Figura 03. Artigo sobre <i>A Escola dos Ditadores</i>	91
Figura 04. Capa de <i>Fontamara</i> , 2002.....	96
Figura 05. Cartaz do filme <i>Novecento</i>	97
Figura 06. Capa de <i>Fontamara</i> , 2003.....	100
Figura 07. <i>Fontamara</i> - Linoleogravura, 1945.....	101
Figura 08. Notícia da publicação de <i>Pão e vinho</i>	107
Figura 09. Invasão de terra pelos Sem Terra, em Roma.....	110
Figura 10. Divulgação de conferência de A.Candido sobre o tema: <i>o romance de Ignazio Silone</i>	111
Figura 11. <i>Folha de São Paulo</i> , 03 de janeiro1999.....	114
Figura 12. Cony faz uma releitura da obra <i>Fontamara</i>	116
Figura 13. Ignazio Silone, o exílio de um escritor “maldito”.....	121
Figura 14. Escritor previu em 50 a morte do comunismo.	124
Figura 15. Ignazio Silone no Brasil.....	125
Figura 16. Perfil de Ignazio Silone.....	128
Figura 17. <i>Fontamara</i> - Linoleogravura, 1945.....	166
Figura 18. <i>Fontamara</i> - Linoleogravura, 1945.....	167

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. A TRADUÇÃO E A RELAÇÃO COM AS LITERATURAS.....	19
1.1 A importância da tradução para as literaturas	19
1.2 A reescrita e o sistema de mecenato ou patronagem	29
1.3 A literatura traduzida no Brasil na década de 30	33
1.3.1 <i>Relação Brasil e Itália: a literatura italiana traduzida no Brasil nos anos 30.....</i>	39
1.4 A censura do livro na década de 30	50
2. A TRAJETÓRIA POLÍTICA E LITERÁRIA DE IGNAZIO SILONE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	55
2.1 Intelectuais em exílio nos anos do fascismo	55
2.2 A primeira experiência literária de Ignazio Silone	70
3. A TRADUÇÃO DE FONTAMARA NO BRASIL.....	79
3.1 <i>Fontamara</i> traduzido em 1935	79
3.2 Aristides Lobo: um tradutor engajado?	86
3.3 <i>Fontamara</i> , um long seller brasileiro	92
3.4 A circulação nos jornais, <i>Folha da Noite</i> , <i>Folha da Manhã</i> e <i>Folha de São Paulo</i> .	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	135
ANEXO I.....	147
ANEXO II	165

INTRODUÇÃO

A pesquisa objetiva investigar as motivações que levam o romance *Fontamara*, do escritor Ignazio Silone, a ser publicado no Brasil em 1935. A escolha da obra e do autor é fruto da pesquisa de extensão começada na graduação, no projeto *Banco de dados e Biblioteca digital: Ignazio Silone no Brasil*, financiado pelo PROBOLSAS, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Patrícia Peterle, na Universidade Federal de Santa Catarina. No desenvolvimento das atividades desse projeto, foram levantados no acervo da *Folha de São Paulo*, *Folha da Noite* e *Folha da Manhã* artigos que citam e tratam da obra do escritor italiano Ignazio Silone. Outra motivação é a minha participação no grupo de estudo *A Literatura Italiana Traduzida no Brasil 1900-1950*, no decorrer de 2011 a 2013.

Foi por meio destes estudos que cheguei até a obra *Fontamara* de Ignazio Silone, e descobri com surpresa o quanto é subversiva a capa da primeira tradução do texto no Brasil, de 1935. Um fator que motiva este estudo é a curiosidade em saber como uma obra, cuja publicação é recusada no próprio país do autor, a Itália dos anos 30, consegue espaço e é publicada no Brasil, que se encontra sob o governo de Getúlio Vargas.

A respeito da primeira edição do texto *Fontamara*, não podendo ser publicado na Itália fascista dos anos 30, o romance aparece primeiramente em 1933, em língua alemã, na Suíça, país onde Silone vive como exilado, devido a perseguições políticas do fascismo. Na obra *Fontamara*, o escritor italiano evidencia a condição miserável dos camponeses pobres do Abruzzo, região centro sul da Itália, desde sempre obrigados a conviver com a exploração por parte dos grandes latifundiários e das autoridades locais. Para sobreviver, eles precisam lutar pelo direito à água, único bem material que ainda lhes resta, e pelo direito de expressar o próprio descontentamento, mesmo tendo que pagar um alto preço. Por tratar de questões relativas à condição humana, a narrativa ultrapassa as fronteiras geográficas italianas e seu eco é sentido em muitas partes do mundo, onde também estão presentes as mesmas injustiças, como de fato demonstram as mais de vinte traduções, em várias línguas, em um curto espaço de tempo.

No Brasil, o texto italiano é traduzido para o português por Aristides Lobo e publicado pela editora Cultura Política, apenas dois anos depois da primeira edição. Após uma pesquisa inicial, descobriu-se que Aristides Lobo e Ignazio Silone apresentam algumas características políticas e ideológicas em comum, o que certamente contribui para a

aproximação entre o tradutor e o escritor. O estudo também revela um outro lado da tradução, talvez pouco estudado, ou seja, quando é usada como instrumento para divulgar uma ideologia política.

Para guiar a pesquisa, se recorre à concepção de tradução como reescritura, proposta pelo pesquisador francês André Lefevere (2007). Segundo Lefevere, as reescrituras são manipuladas para servirem a objetivos específicos em uma determinada cultura, um processo que tem início a partir do momento em que um texto é escolhido em detrimento de outros. Dentro desta complexa atividade que é a tradução, há ainda os agentes que se colocam entre o texto traduzido e o estrangeiro. Entre estes estão a figura do mecenas (pessoa ou instituição, que pede a publicação do texto), do tradutor, que se coloca como mediador entre as duas culturas, e ainda dos colaboradores culturais, como os resenhistas e críticos, que ajudam a manter determinadas normas literárias em um sistema literário.

Dentro das reescrituras, o papel que cabe ao tradutor é muito importante, uma vez que se parte do princípio de que ele é antes de tudo um leitor e, por isso, interpreta o texto de acordo com o seu conhecimento de vida e de mundo, colocando desta forma em circulação ideologias conscientes ou não. O tradutor, portanto, além de fornecer a imagem de uma obra e de um escritor, também pode fornecer a imagem do contexto histórico de uma sociedade, como será explorado mais adiante.

A relevância do estudo que segue provém da discussão sobre uma perspectiva importante para o campo dos Estudos da Tradução. Além do mais, até o momento, o romance *Fontamara* é trabalhado no Brasil sobretudo pela perspectiva da literatura, enquanto a presente pesquisa pretende dar sua contribuição sob a ótica de reescritura, com atenção especial à primeira edição brasileira de 1935. Não se objetiva, porém, trabalhar com o texto em si, mas construir algumas reflexões que tem como base aspectos externos, isto é, capa, textos que acompanham a obra traduzida, estudo sobre o tradutor, etc.

Os três capítulos que estruturam a pesquisa buscam dar conta da complexidade deste estudo, que se apresentou em um primeiro momento como um verdadeiro labirinto, no qual a atenção aos detalhes tornou-se fundamental, para juntar as várias peças e dar a elas uma significação. No primeiro capítulo, procura-se discutir como a tradução de obras literárias dá aos textos estrangeiros a oportunidade de viajarem para outros universos culturais. Por meio de alguns exemplos, percebe-se que a relação entre as culturas se constrói a partir da interação com as literaturas mundiais, ao ponto de não ser possível determinar sua

origem. Exemplo disso são a Alemanha, França e Brasil no final do século XVIII e início do século XIX, casos que mostram que o diálogo entre as culturas ajuda a reescrever identidades próprias. No caso da Itália, na primeira metade do século XX, durante a ditadura fascista, é possível verificar como um país que está vivendo um momento de crise cultural encontra na tradução de textos estrangeiros uma forma de superar a falta de voz e ação (basta pensar nas atividades de Cesare Pavese e Elio Vittorini). No Brasil dos anos 30, parece se repetir um cenário semelhante àquele italiano, sobretudo durante o Estado Novo, quando os livros traduzidos recebem uma atenção maior e se intensificam, como afirmam José Paes (1990), Sérgio Miceli (2001), Lia Wyler (2003), entre outros pesquisadores. Por isso é de grande importância estudar o aspecto editorial, efervescente neste período, com a venda de livros realizada por editoras nacionais, ou por aquelas fundadas por imigrantes, como é o caso da contribuição dos italianos para o desenvolvimento da sociedade brasileira. A tradução da literatura estrangeira, portanto, ganha mais visibilidade na década de 30 e merece maior atenção. Para o estudo das obras do período em questão uma das principais referências utilizadas foi o banco de dados do *Dicionário Bibliográfico de Literatura Italiana Traduzida no Brasil*, disponível online no endereço: www.dlit.ufsc.br.

No segundo capítulo, o autor Ignazio Silone é discutido dentro de uma perspectiva de exílio. Pois, como se sabe, sobretudo na Itália do final dos anos vinte, o enrijecimento do regime fascista de Benito Mussolini leva para a prisão e ao exílio importantes intelectuais que se recusam a participar da construção de uma sociedade idealizada pelo fascismo. Entre esses políticos e intelectuais destacam-se os nomes de Carlo Sforza, Gaetano Salvemini, Giuseppe Prezzolini e Ignazio Silone, obrigados a deixar o país para proteger suas próprias vidas e liberdade de expressão. Essas figuras, mesmo no exterior, continuam lutando pelos ideais de democracia não só na Itália, mas em toda a Europa, que vive um clima de ditadura tanto de correntes de esquerda, quanto de direita.

O último capítulo tem como foco a tradução de *Fontamara* no Brasil. Nessa seção, a atenção se volta para o momento em que o texto *Fontamara* é traduzido em 1935. O capítulo busca investigar os vestígios deixados no que se refere à editora Cultura Política, ao tradutor Aristides Lobo e à releitura do texto após a primeira tradução, e ainda à circulação do texto *Fontamara* e outras obras silonianas em três veículos de comunicação brasileiros: *Folha da Manhã*, *Folha da Noite* e *Folha de São Paulo*. Cabe ressaltar que os artigos escolhidos e selecionados

para o estudo não seguem uma ordem cronológica, apesar de estarem elencados em ordem de tempo no anexo I. Durante a leitura da transcrição desses textos, o leitor pode se deparar com o símbolo “[?]”. Isso significa que não foi possível transcrever o termo ou a frase por causa de sua ilegibilidade no documento original. Este capítulo é, sem dúvida, o mais complexo, mas ao mesmo tempo o mais relevante para esta pesquisa, pois evidencia porque certos textos são traduzidos em uma cultura. A tradução de *Fontamara*, por exemplo, revela como um texto proveniente de outra realidade pode dialogar com uma leitura e imagem do contexto social e histórico do Brasil dos anos 30.

1. A TRADUÇÃO E A RELAÇÃO COM AS LITERATURAS

1.1 A importância da tradução para as literaturas

A tradução de obras literárias existe há séculos, mesmo antes que se intensificasse a discussão sobre que tipo de texto pode ser considerado literatura. Um fato, que é de consenso, é que por meio da tradução as literaturas podem ser livres para viajar para outros universos culturais e ser lidas em diferentes idiomas. A tradução, portanto, exerce o papel importante de divulgadora das literaturas em outras tradições, isto é, permite a circulação de textos estrangeiros em outros sistemas literários, além daqueles onde são produzidos. É dessa troca cultural, concebida como uma via de mão dupla, que resultam as literaturas, as quais são consequência de um patrimônio comum de toda a humanidade - ao pensarmos no discurso como resultado de tantos outros discursos, reescritos consciente e inconscientemente.

Nos exemplos a seguir, percebe-se como a literatura traduzida contribui para o desenvolvimento cultural e literário de uma sociedade, mas, dependendo de como e quando uma literatura chega a um determinado sistema literário, a tradução pode tanto contribuir para o fortalecimento deste, principalmente quando o mesmo está dando os primeiros passos para se afirmar, quanto ajudá-lo a manter uma posição conservadora, sustentando certos modelos já existentes naquela cultura. Pois, uma vez que o texto traduzido entra em um sistema literário, ele não se comporta de modo estático, neutro, ao contrário, há diálogo e interação com a cultura que o acolhe.

Esta visão se sobressai no texto *La posizione della letteratura tradotta all'interno del polisistema letterario* (1995), de Even-Zohar. Para o teórico, a relação é mais forte em uma literatura que está se fortalecendo, onde a tradução pode assumir a posição central e ser instrumento inovador, especialmente quando novas formas literárias estão emergindo. Nesse caso, são introduzidos elementos na literatura de chegada que até então não existiam, um processo, porém, que não é aquele de reproduzir um modelo, mas de reescrevê-lo a partir de outras perspectivas e interpretações. Ainda de acordo com Even-Zohar, a literatura traduzida pode ocupar posição central em três casos: quando o sistema literário está no início de sua formação como nação; quando o “modelo” local de literatura é fraco ou insuficiente em uma cultura; quando o país passa por um momento de crise cultural (EVEN-ZOHAR, 1995, p. 231).

O exemplo da Alemanha, entre os séculos XVIII e início do século XIX, mostra que a tradução é usada como instrumento para enriquecer a própria tradição e pensamento literário. Notáveis nesse momento são as contribuições dos filósofos alemães: Novalis, Goethe, Humboldt, Schlegel, Schleiermacher, entre outros, conhecidos nos estudos da tradução por suas reflexões¹. Goethe, por exemplo, fala de duas estratégias de tradução, que são depois retomadas por Schleiermacher no ensaio *Sobre as maneiras diferentes de se traduzir* (1813). Neste texto bastante conhecido, Schleiermacher diz que a estratégia domesticadora tem por objetivo levar o autor até o leitor, de modo que o texto pareça escrito na língua deste. O outro tipo de estratégia, denominado estrangeirizadora, consiste em levar o leitor até o autor deixando transparecer o caráter estrangeiro da obra, através dos elementos sintáticos ou morfológicos. Por exemplo, Schleiermacher acreditava que fosse possível utilizar a tradução na Alemanha para preservar as diferenças linguísticas e culturais da cultura estrangeira (MILTON, 2002, p. 81-82). Já o outro tipo de estratégia, em relação à domesticação, na visão de Goethe, pode ser utilizada para que os leitores tenham o primeiro contato com os textos estrangeiros, e só depois, quando estivessem mais familiarizados com as letras, poderia-se passar à tradução estrangeirizadora, para conhecer os aspectos formais da língua fonte (MILTON, 1998, p. 71). Para Goethe, antes de tudo, é importante tornar o texto estrangeiro traduzido uma obra popular e familiar e, uma vez que o leitor se acostume e tome gosto pela leitura, ele irá se apropriar desse, inconscientemente ou não, para construir a própria literatura. Nesta etapa, fica evidente que o leitor não toma a literatura estrangeira como imitação ou modelo pronto, ao contrário, ele constrói o próprio discurso a partir do discurso de outros.

Ainda no contexto do Romantismo europeu, a tradução das obras de Shakespeare na França é outro exemplo que demonstra que, quando a tradução assume posição primária, inovações literárias podem surgir. O escritor inglês e seus textos traduzidos assumem uma posição na França que antes era reservada aos neoclássicos, e aproxima duas realidades linguísticas, literárias e culturais diferentes: a cultura do renascimento e a romântica. Assim, o século XVIII é marcado pela redescoberta e valorização do teatro, principalmente por parte da cultura francesa, que buscava naquele momento novas perspectivas literárias, uma vez que os “modelos” gregos e latinos já tinham sido bastante

¹ Ver: HEIDERMANN, Werner (org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Antologia bilíngue. Vol I, Alemão-Português. Florianópolis: NUT, 2010.

explorados. Vale lembrar o entusiasmo de Stendhal (1783-1842) ao entrar em contato com as obras de Shakespeare, uma aproximação que o leva a escrever diversos ensaios e a obra *Racine e Shakespeare* (1823)². Pode ser lembrado ainda o prestígio que ganha Shakespeare na escrita de Victor Hugo (1802-1885), o qual dedica inclusive o livro *William Shakespeare (vida e obra)*³ ao dramaturgo inglês.

Saindo do contexto europeu e indo até a América do Sul, mais especificamente até o Brasil, José Paes em *Tradução, a ponte necessária* (1990), observa que a interação entre literatura traduzida e literatura brasileira no Romantismo é limitada, pois muitos poetas e romancistas brasileiros, por conhecerem a língua do texto fonte, entram em contato com a obra estrangeira antes desta ser traduzida aqui. Vale ressaltar que muitos intelectuais brasileiros vão estudar no exterior, em virtude da carência de universidades no país (um quadro que mudará a partir do século XIX, em razão da ruptura política entre Brasil e Portugal). Este é o caso do poeta e teatrólogo Gonçalves Dias (1823-1864): além de estudar em Coimbra, o escritor conhece outros países europeus durante os quatro anos que passa realizando pesquisas educacionais como representante oficial da secretaria dos negócios estrangeiros. Nesta viagem, ele tem a oportunidade de conhecer a Alemanha, a Itália e a França. Gonçalves Dias também está entre os poetas que sabem a língua alemã, e chega a traduzir poetas e filósofos alemães Ludwig Uhland, Johann G. Herder e Heinrich Heine, e o drama de Friedrich Schiller *A noiva de Messina*. De fato, as obras de Herder exercem uma grande contribuição para a obra teatral *Patkull* de Gonçalves Dias, escrita em 1843. O poeta é considerado o primeiro divulgador de Schiller no Brasil, uma aproximação que se dá através de leituras iniciadas durante os estudos feitos em Coimbra, época em que entra em contato com os poetas românticos portugueses (PAES, 1990, p. 16).

Assim como Gonçalves Dias, outros intelectuais, ao retornarem para o Brasil, mantêm o hábito de leitura em língua estrangeira, um fenômeno que está também relacionado à posição ainda periférica da tradução. Vale lembrar a supremacia no século XIX da cultura francesa ao redor do mundo. Neste século, é traduzida na França, uma grande quantidade de autores, que a partir do francês serão depois traduzidos para vários outros idiomas, inclusive para o português de Portugal que, por sua vez, “exporta” esta literatura para o Brasil, até por uma questão de familiaridade entre as línguas. Como afirma Moura: “ao perceber que

² Traduzido por Leila de Aguiar Costa e publicado em 2008 pela EDUSP.

³ O livro é publicado pela Editora Campanário Editorial em 2000.

uma determinada obra lançada na França fez sucesso, os portugueses logo tratavam de traduzi-la para a língua portuguesa e a enviavam para o Brasil, possibilitando que não só as elites, que liam em francês, pudessem ter acesso à obra” (DE MOURA 19/09/2012). É inclusive por meio das versões dos textos em francês que os autores românticos brasileiros passam a conhecer o poeta inglês George Gordon Byron, entusiasmando a partir de então a nova geração de Álvares de Azevedo (PAES, 1990, p. 10).

Gonçalves de Magalhães é outro poeta que, depois do contato com a poesia em língua francesa, constrói a obra considerada introdutória do Romantismo no Brasil, *Suspiros poéticos e saudades*, publicada pela primeira vez em 1836 (PAES, 1990, p.15). No caso de Gonçalves de Magalhães, o conhecimento da língua francesa deriva do fato que ele trabalha como diplomata em Paris, cidade onde tem a possibilidade de entrar em contato com o movimento romântico. Além da capital francesa, também participa de missões diplomáticas em outras partes da Europa, como em Roma e Viena, experiências que contribuem para que ele leia autores dessas nações até mesmo na língua estrangeira.

Na interação entre as literaturas europeias renovadas pelo movimento literário romântico, o Brasil abandona pouco a pouco as normas e padrões estéticos do Classicismo, e dá espaço ao movimento literário romântico. Assim, Gonçalves Dias, Castro Alves, Gonçalves de Magalhães, Álvares de Azevedo e tantos outros poetas e romancistas se beneficiam do Romantismo europeu para elaborar a própria literatura. A leitura de obras literárias de outros países é importante nesse processo, pois, a partir do que é lido, podem ser produzidas novas leituras e releituras, animadas pelas características do Romantismo brasileiro, movimento que tem na recém proclamada independência de Portugal a valorização do que é nacional. O exemplo do Brasil evidencia, portanto, que o contato entre as literaturas contribui para proporcionar novas perspectivas aos escritores individuais de um sistema literário, os quais buscam, por meio da experiência de outras literaturas, construir a própria.

Voltando-se para o século XX, um exemplo que demonstra como a literatura traduzida pode ser utilizada como um instrumento para mostrar as tensões de um momento histórico de um país, é o caso da Itália entre os anos de 1930 e 1940, durante o regime fascista de Benito Mussolini. A península está vivendo um momento de crise literária ou até de vazio literário, pois o atual modelo de literatura, legitimado pelo poder centralizador do governo de Mussolini, é questionado por um variado grupo de tradutores e escritores. Elio Vittorini e Cesare Pavese

são certamente os nomes mais representativos entre os escritores e tradutores italianos, cujo intenso trabalho de tradução de obras americanas define este período como a “década da tradução americana”. Com tal atividade, esperam também contribuir com o debate literário e político na Itália, pois mostram aos leitores que existe uma literatura diferente daquela pretendida pelo regime fascista, e que esta certamente não é a única. Além de contribuir para que os leitores vejam outra realidade, até com características utópicas, o trabalho destes tradutores marca o nascimento da expressão “mito americano”, isto é: “[...] o mito da América como fabulosa terra de liberdade, legendária reserva de energia e de vigor, de virgem vitalismo e de juventude, como lições de estilo realístico, enxuto e antiliterário, impregnado de coisas, gestos, ações.”⁴ (TELLINI, 1998, p.349).

Neste momento cultural em que as normas do fascismo impedem tantos intelectuais de se expressarem, a tradução de textos de origem norte-americana é uma saída para criar um clima de debate, para contrapor ideias e refletir sobre a realidade italiana. Em outras palavras, se o momento não possibilita a discussão nos jornais e rádios, a literatura é um instrumento útil para poder dialogar com as incertezas e contradições de um país que está em crise. Apesar do controle do governo fascista, o escritor e editor Elio Vittorini e o editor Valentino Bompiani, fundador da editora Bompiani (1929), escolhem cuidadosamente os textos para não sofrer censura. Antes de serem editados, os textos passam pela aprovação ideológica e pelo controle do órgão oficial. Entre as obras proibidas de circular no sistema literário italiano, se encontra a antologia de literatura norte-americana *Americana*, publicada só em 1941, em dois volumes, contendo contos e novelas traduzidos por Eugenio Montale, Alberto Moravia, Cesare Pavese, entre outros escritores italianos, que também exercem a função de tradutores. Entre eles, Cesare Pavese é responsável pela tradução de inúmeros textos de língua inglesa, como aqueles de Dos passos, Sinclair Lewis, Sherwood Anderson, Gertrude Stein, Steinbeck, Herman Melville, entre outros. O livro *Moby Dick* de Herman Melville, publicado pela primeira vez pela Editora Frassinelli em 1932, e as outras obras traduzidas por Pavese, tem um significado neste momento de crise na Itália. O livro do escritor americano, publicado em inglês em 1851, não é apenas um texto para as crianças (há muitas adaptações desse

⁴ “[...] il mito dell’America come favolosa terra di libertà, leggendaria riserva di energia e di vigore, di vergine vitalismo e di giovinezza, come lezione di stile realistico, asciutto e antiletterario, intriso di cose, gesti, azioni.”

Todas as citações italianas foram traduzidas por mim.

clássico para esse público), uma vez que o texto americano apresenta no seu interior inúmeras digressões e reflexões filosóficas, científicas, literárias, e até religiosas, como se a viagem fosse apenas uma metáfora. O texto de Herman Melville é muito importante nos anos 30, pois, nesse momento, na Itália, é impossível fazer qualquer questionamento que vá contra a ideologia do fascismo, e nesse caso, a literatura é também um instrumento útil.

Em outro ensaio de Pavese intitulado *Ieri e oggi* (1947), as palavras do tradutor e escritor reafirmam mais uma vez o quanto a literatura americana representou um capítulo importante na construção do pensamento cultural e literário italiano daquele momento.

Para ser sinceros, então nos pareceu que a cultura americana tenha perdido seu magistério, aquele seu furor ingênuo e sagaz que a colocava na vanguarda do nosso mundo intelectual. Também não podemos deixar de perceber que isso coincide com o fim, ou suspensão de sua luta antifascista. Uma vez caídas as construções mais brutais, nós compreendemos que muitos países da Europa e do mundo são hoje laboratório onde se criam as formas e os estilos, e não há nada que impeça a quem tenha boa vontade, mesmo vivendo num velho convento, de dizer uma palavra. Mas sem um fascismo ao qual se opor, ou seja, sem um pensamento historicamente progressivo para encarnar, até a América, por quantos arranha-céus e automóveis e soldados produza, não estará mais na vanguarda de nenhuma cultura. Sem um pensamento e sem luta progressiva, correrá até o risco de entregar a si mesma a um fascismo, nem que seja em nome de suas melhores tradições. (PAVESE apud TELLINI, 1998, p.352)⁵.

⁵ “A esser sinceri insomma ci pare che la cultura americana abbia perduto il magistero, quel suo ingenuo e sagace furore che la metteva all'avanguardia del nostro mondo intellettuali. Né si può non notare che ciò coincide con la fine, o sospensione, della sua lotta antifascista. Cadute le costrizioni più brutali, noi abbiamo compreso che molti paesi dell'Europa e del mondo sono oggi il laboratorio dove si creano le forme e gli stili, e non c'è nulla che impedisca a chi abbia buona volontà, vivesse magari in un vecchio convento, di dire una nuova parola. Ma senza un fascismo a cui opporsi, senza cioè un pensiero storicamente progressivo da incarnare, anche l'America, per quanti grattacieli e automobili e soldati produca, non sarà più all'avanguardia di nessuna cultura. Senza un pensiero e senza lotta progressiva, rischierà anzi di darsi essa stessa a un fascismo, sia pure nel nome delle sue tradizioni migliori.”

Voltando à edição de *Americana*, de 1941, que também tem a forte contribuição de Pavese, o Ministero della Cultura Popolare (Minculpop), órgão de controle e censura do fascismo, criado em 1937, com o objetivo de conter qualquer tipo de publicação considerada ofensiva ou perigosa ao fascismo, que circula na imprensa italiana, considera bastante provocantes os comentários de Vittorini nas notas introdutórias e, como consequência, impede a edição da antologia. Em 1942, um ano depois, o texto consegue a autorização sob a condição de que Vittorini retire seus comentários. Desta vez, na introdução, é feito um comentário mais brando pelo crítico literário e membro da *Accademia d'Italia*, Emilio Cecchi, que também assinara o *Manifesto dos Intelectuais Antifascistas*, organizado por Benedetto Croce em 1925. Cecchi é um estudioso de literatura inglesa, com pesquisa que se comprova por meio de obras críticas como *Storia della letteratura inglese del secolo XIX* (1915), *Scrittori inglesi e americani* (1937) e *I grandi romantici inglesi* (1957).

A intervenção do Estado Fascista na antologia *Americana* de 1941, em relação aos comentários de Vittorini, pode ser entendida como uma espécie de filtro que determina que tipo de discurso pode circular no sistema literário italiano. A partir deste exemplo, pode-se dizer que a atividade da tradução está diretamente associada a fatores internos da própria cultura alvo, através das ideologias e redes de relações que interagem com o texto traduzido. Para retomar o texto de Even-Zohar, a tradução de textos na Itália nas décadas de 30 e 40 vai ao encontro do terceiro caso em que a tradução é de grande importância, isto é, quando na literatura há um vazio ou o modelo de literatura presente não é aceito. No caso da Itália, o país está passando por uma verdadeira mudança cultural, política e literária, ou seja, está vivendo um momento de crise.

Outras duas editoras que também publicam a literatura traduzida são a Mondadori, fundada em 1907, e a Einaudi, constituída em 1933, ambas ainda presentes no mercado editorial italiano. Segundo Guglielmino e Gresser (1994), a editora Mondadori é um caso particular, pois consegue manter-se no mercado adequando-se às mudanças dos novos tempos: publica livros e escritores fascistas, mas, ao mesmo tempo, diversifica o seu catálogo com obras da literatura estrangeira. Um grande sucesso é a narrativa policial, um tipo de literatura destinada ao grande público, que também aprecia os gibis de Mickey Mouse de Walt Disney, outro sucesso na época. Da mesma forma, a Einaudi também se empenha em publicar a literatura estrangeira, tanto americana quanto francesa, que contribuem para o pensamento filosófico, literário e cultural italiano. Entre as

personalidades que colaboram para o crescimento da editora, estão nomes já conhecidos como Cesare Pavese, Luigi Salvatorelli, Elio Vittorini, Norberto Bobbio e Carlo Levi, além da figura central de Giulio Einaudi. Para Guglielmino e Gresser, a editora constitui um capítulo importante na história do antifascismo e, mais tarde, para a cultura de esquerda. (GUGLIELMINO; GRESSER, 1994, p. 519-520). De fato, o próprio emblema escolhido para estar presente na capa dos livros é bastante significativo, como apontam as palavras de Norberto Bobbio, que se encontram presentes no site online da editora Einaudi: “É uma avestruz aquele da Einaudi, que jamais escondeu a cabeça sob a areia”.

Apesar da carência de um estudo aprofundado, percebe-se que o regime italiano não interfere quanto às estratégias de tradução dos textos estrangeiros publicados pela Mondadori, Einaudi ou ainda pela Bompiani. A sua preocupação se dirige aos elementos que acompanham o texto traduzido e se colocam como mediador entre o leitor e a obra, isto é, os paratextos: título da capa, prefácio, prólogo, epígrafes, notas e comentários, etc. Além do controle desses materiais, o que é elaborado a partir da leitura (resenhas críticas, e outros comentários relacionados à política Italiana), também pode sofrer censura. A antologia *Americana*, censurada em 1941, é apenas um exemplo entre tantos outros, que mostra que há forças que atuam, determinando o que deve circular em uma cultura.

Nas décadas de 1930 e 1940, na Itália, fica evidente que o resultado da tradução depende fortemente da rede de relações que vai se delineando, e ainda que a atividade não consiste apenas na decodificação de uma língua para outra, mas é um processo que dialoga com outros elementos dentro da cultura alvo, como fica evidente na quantidade de traduções na Itália deste período. Por isso é importante levar em conta os valores sociais da cultura que recebe o texto estrangeiro, pois, como afirma Lawrence Venuti, em *Escândalos da tradução* (2007), um texto é traduzido por muitas razões: literárias, comerciais, pedagógicas, conhecimentos técnicos, como instrumento de propaganda, por razões diplomáticas, etc. (VENUTI, 2002, p.14). Para o teórico, quando o texto estrangeiro começa a fazer parte de uma nova cultura, ele vai seguir as exigências desta, seja no que diz respeito a comportamentos e normas literárias, seja em relação a valores sociais, uma vez que essa escolha implica consequentemente na inclusão e exclusão de textos, um processo que ajuda a elaborar, fortalecer e até diminuir as relações entre as sociedades.

Apesar de serem poucos os exemplos mostrados, conclui-se que, por meio da tradução, sistemas literários diferentes podem dialogar uns com os outros, gerando novos temas e gêneros literários, como mostraram os exemplos entre os séculos XVIII e início do século XIX na Alemanha, na França e no Brasil. Já no exemplo da Itália do início do século XX, percebe-se que a tradução pode ser utilizada como instrumento de subversão, como demonstra a grande quantidade de textos da literatura americana traduzidas na Itália fascista das décadas de 1930 e 1940.

Contudo, se, nas reflexões, até o momento, os exemplos se referem a textos que saem de sua cultura e são traduzidos em outro sistema literário, no caso do romance *Zero*, do escritor e jornalista brasileiro Ignácio de Loyola Brandão, foi preciso que o texto saísse do próprio país onde foi escrito, caso contrário não seria publicado. Inicialmente escrito com o título *A inauguração da morte* e com mais de 800 páginas, o texto foi revisto e cortado pelo autor, com a ajuda do amigo Jorge de Andrade. Andrade, então, comenta a respeito do livro com Luciana Stegagno Picchio, professora da Università di Roma, pesquisadora de literatura portuguesa e brasileira, que após ler o texto decide procurar uma editora disposta a publicá-lo. A editora Feltrinelli, de Milão, decide editar o texto, colocando-o na coleção *I Narratori*, após tradução do escritor e tradutor Antonio Tabucchi, o maior especialista e conhecedor italiano das obras do poeta português Fernando Pessoa⁶.

Vale resaltar que antes da fase final de concretização do projeto editorial, o escritor Ignácio de Loyola Brandão fica indeciso se continuar com o projeto de publicação, pois teme pelas consequências no Brasil. De fato, logo após a publicação na Itália, há uma intervenção brasileira, mas o fato de ter sido publicado no exterior deixa a obra livre de censura (BETELLA, 2011, p. 162). Depois da edição italiana, em 1974, nenhuma editora brasileira quis arriscar publicar de imediato o texto; a primeira publicação no país acontece em 1975, um ano depois da publicação italiana, pela editora Brasília Ltda. O texto de Loyola recebe inclusive, em 1976, o prêmio de melhor ficção, concedido pela Fundação Cultural do Distrito Federal Brasília, mas entra na lista dos livros censurados nesse mesmo ano. *Zero* é um texto que faz referência ao Brasil das décadas de 60 e 70 e aborda elementos importantes do

⁶ É importante o texto: BOSCHINI, Max. *Zero, di Ignazio de Loyola Brandão*. 22/11/2013. Disponível em: << <http://www.mattatoio5.com/fantascienza/14-zero-di-ignacio-de-loyola-brandao/item>>>. Acessado em 03/04/2014.

cenário social desse período, como escreve a pesquisadora Gabriela Kvacek Betella:

Sob a atmosfera de abandono e omissão da cidadania, de um lado, e, de outro, a vigilância das atitudes, a repressão e a restrição da liberdade, a narrativa vai compondo um cenário de ‘terra de ninguém’ com acontecimentos familiares aos brasileiros, desde as marcas sociais do desemprego, do sonho da casa própria, das consequências da burocracia sob a dificuldade do contribuinte, até a nota política com o abandono do país por intelectuais, os assaltos a banco e estudantes presos (BETELLA, 2011, p. 152).

O romance pode circular novamente em 1979, ainda durante o governo do general João Batista Figueiredo que, apesar de ser um regime de ditadura, começa a dar os primeiros passos para a redemocratização no país. Exemplo desta abertura é a aprovação da Lei da Anistia em 1979, a qual concede aos políticos, escritores e artistas, que cometeram crimes políticos, o direito de voltarem para o Brasil: cita-se Caetano Veloso, Leonel Brizola, Gilberto Gil, entre outros. Vale lembrar ainda a abertura do sistema governativo por meio da lei, também aprovada em 1979, que permite o pluripartidarismo no país.

O romance *Fontamara* de Ignazio Silone trilha um caminho parecido com aquele de *Zero*, de Ignazio de Loyola Brandão. Além dos dois escritores compartilharem o mesmo nome “Ignazio”, o trabalho dos dois é primeiramente publicado no exterior, em língua estrangeira, e só depois na própria pátria, isto porque, tanto o texto brasileiro quanto o italiano abordam em sua narrativa problemáticas sociais e políticas fortes, que não podem ser discutidas dentro de um regime de ditadura: Silone trata de problemáticas sociais, agravadas ainda mais depois do regime fascista de Mussolini. E é por apresentar conteúdo subversivo e por seu escritor ser um militante do partido comunista italiano (partido que ajuda a fundar em 1921, mas do qual é expulso e se afasta dez anos depois ao perceber que a prática não condiz com a teoria) que a obra *Fontamara* não obtém espaço nos anos do fascismo. Já Ignazio de Loyola faz uma crítica ao sistema de governo que se instala no Brasil entre 1964 e 1985. O exemplo dos romances *Zero* e *Fontamara*, publicados primeiramente no exterior, confirma, portanto, que nem sempre uma obra tem permissão ou obtém sucesso no espaço onde é elaborada, por variados motivos, como se discutirá a seguir.

1.2 A reescrita e o sistema de mecenato ou patronagem

A partir do texto de André Lefevere *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária* (2007), é possível dizer que os vocábulos tradução e reescrita são sinônimos, pois ambos os processos têm início a partir da leitura, da interpretação e significações que são dadas a um texto, e terminam com a reelaboração deste ou elaboração de um novo. Em outras palavras, o tradutor ou reescritor participa deste processo como autor de um novo enunciado, pois, se antes o discurso acontecia entre o autor e os leitores da cultura do texto fonte, com a tradução ele acaba indo além desses dois agentes, passa antes pelo tradutor, que também é um leitor, até chegar ao leitor da cultura para a qual ele traduz. Esta visão, sem dúvida, é muito importante nos estudos da tradução, pois coloca o tradutor na posição de criador de um novo texto, dando mais visibilidade e crédito ao seu trabalho, que é solitário, mas tem a capacidade de ligar multidões de diferentes origens e culturas (VENUTI, 2002, p.15).

Voltando ao conceito de reescrita, o ato de reescrever, porém, não quer dizer reproduzir um modelo; ao contrário, é criativo, pessoal e depende da situação contextual onde a reescrita vai circular, pois um mesmo discurso pode ser dito de várias formas, dependendo do momento e do interlocutor para qual é dirigido, pois, como afirma Sobral: “[...] sujeitos diferentes, em momentos ou épocas diferentes, lugares diferentes, circunstâncias diferentes, criam em suas relações sentidos diferentes – inclusive para um mesmo discurso, um mesmo enunciado, uma mesma palavra” (SOBRAL, 2008, p.67). Assim, o exercício de reescrever leva em conta a bagagem cultural, isto é, as experiências de vida e de mundo do reescritor, uma vez que ele está inserido em um contexto histórico, e como qualquer outro sujeito participa e interage com a sociedade à qual pertence. Por isso sua leitura e reescrita não são imparciais, e o mesmo vale para aqueles que leem o que ele reescreve, pois cada pessoa traz consigo as próprias ideologias e experiências para agregar significado (s) à leitura.

O tradutor ainda leva em conta o público e o contexto social para o qual está traduzindo, pois, como o escritor não pode se dirigir àquele público, o tradutor é o responsável por criar a relação entre o escritor e o seu novo público, como um mediador. Mas o processo de reescrita não diz respeito apenas à tradução: para Lefevere (2007), tanto na produção de traduções, como de manuais de literatura, ou até mesmo na compilação de referências bibliográficas, antologias e críticas, os tradutores manipulam de modo voluntário ou não o texto, dando-lhe um

aspecto condizente com as correntes ideológicas e literárias daquele período. Por mais que não seja esta a intenção, as reescritas sempre refletem uma subjetividade, pois é um processo que contempla e também exclui, um ato que pode ser consciente ou não, dependendo das forças atuantes.

Ainda de acordo com Lefevere, a manipulação também ocorre em outras formas de reescrita tais como na cinematografia, na mídia em geral, e em diversas manifestações culturais, fruto do intelecto humano. No caso da escritura, por exemplo, os escritores podem escolher adaptar-se às correntes literárias e ideológicas de sua época, como também podem decidir opor-se aos parâmetros estabelecidos, escrevendo uma obra diferente daquelas consideradas aceitáveis para aquele momento e contexto social. No entanto, uma literatura que não segue as exigências propostas encontrará dificuldade tanto na publicação, quanto na circulação e aceitação por parte da crítica literária, e poderá ser tratada com descrença, vindo a assumir uma posição inferior em relação às outras literaturas presentes naquele sistema literário. É o que acontece com o romance *Fontamara* de Ignazio Silone, objeto de estudo desta pesquisa.

O escritor italiano escolhe não seguir as correntes literárias da época, assim como a ideológica, mantida durante o fascismo. Por isso, é preciso que o texto seja publicado primeiro no exterior em 1933, em Zurique na Suíça e só depois com o fim do fascismo na Itália, em 1947, ainda assim pela pequena editora Faro, de Roma. A sua obra não pode circular nesse momento porque não respeita os parâmetros estabelecidos pelo Estado, que por sua vez é ajudado pelos seus colaboradores: críticos, resenhistas, etc. De fato, *Fontamara*, assim como os outros textos de Silone, escritos e traduzidos durante o exílio político, na Suíça: o ensaio *O fascismo: origens e desenvolvimento* (1934); a coletânea de contos *Uma viagem a Paris* (1935)⁷; romance *Pão e vinho*, (1936-7), outro best seller de Silone, junto com *Fontamara*; e ainda *A semente sob a neve* (1941) não podem ser publicados imediatamente na Itália. Estes textos têm dificuldade seja para encontrar uma editora disposta a publicá-los, seja na circulação e aceitação por parte da crítica literária. Eles são tratados com inferioridade em relação aos demais textos, de modo especial no sistema literário da península, sendo, assim pouco comentados pela crítica italiana, e até em muitos países, cujos governos apoiam o regime fascista, ou simplesmente não querem que o público leitor leia um texto que segundo eles, possa incitar a subversão.

⁷ Os dois primeiros textos ainda não foram traduzidos para o português do Brasil.

Segundo Lefevere, os agentes que determinam o que deve ser escrito e publicado em um país fazem parte de um sistema que ele denomina de mecenato, termo que remete a Gaius Cilnius Maecenas (68 a.C. e 8 a.C.), importante incentivador e patrocinador das artes no tempo de Otávio Augusto. O mecenato foi uma prática comum durante o Renascimento, período de forte crescimento econômico e redescoberta das artes gregas e romanas. A partir deste momento, o termo ganha mais força, sendo associado a um comportamento bastante comum, nas sociedades e nos governos, que fazem uso desse recurso para melhorar a própria imagem, ou da sua família, como, por exemplo, os Médici, importantes patrocinadores e produtores das artes em Florença na Itália, entre os séculos XV e XVII.

Em relação à tradução como reescrita, inserida no sistema de mecenato, entre os agentes que pedem a tradução de um texto pode estar uma família, um indivíduo, um grupo de pessoas, uma organização religiosa, um partido político, uma classe social, as próprias editoras, um jornal ou uma revista, etc (LEFEVERE, 2007, p. 35). O mecena também é responsável pelo pagamento dos direitos autorais e pela contratação do tradutor. Além disso, contrata outros agentes para trabalhar para ele, como é o caso dos resenhistas e críticos, e os mantém em uma posição que lhes confere certo status na sociedade. Ele depende diretamente da cooperação desses profissionais para regular o sistema literário e, para isso, também opera por meio de instituições que controlam e regulam os padrões literários e a distribuição no mercado como, por exemplo, as academias, os departamentos de controle e censura de jornais e revistas de crítica, etc. Outros agentes, como os professores acadêmicos e os tradutores, além dos críticos e resenhistas, também são responsáveis por controlar o que entra ou não em um sistema literário. Eles podem manter ou conservar o que já é canonizado como sendo um clássico e ainda rejeitar obras que, segundo eles, não estão de acordo com o contexto histórico em relação ao aspecto social, político, literário, etc., ou seja, eles determinam como a literatura deve ser e como ela deve se comportar em relação àquela cultura.

No caso dos estabelecimentos de ensino, por exemplo, eles ajudam a conservar o cânone, ou não, através da seleção e escolha dos textos a serem trabalhados com os estudantes. Dessa forma, as instituições ajudam a manter vivos determinados valores literários e ideológicos. Mas a situação é ainda mais complexa quando os elementos ideológicos, econômicos e de status são fornecidos pelo mesmo *maecenas*, a exemplo do que acontecia nas cortes. Pode ser lembrada novamente a família Médici na Itália, na figura de Cosmo de Médici, um

dos maiores incentivadores e responsáveis por sustentar economicamente importantes artistas, como o Beato Angélico, Fra Filippo Lippi e o escultor Donatello. Nesse tipo de mecenato, é mais fácil controlar que tipo de arte e literatura entra em determinado sistema, pois quando um artista ou reescritor trabalha para um *maecenas*, é quase subentendido que o trabalho dele está condizente com aquilo que é esperado pelo “patrocinador”.

Dentro deste sistema, os tradutores desenvolvem um papel fundamental para a criação de imagens e a representação de uma obra de arte, de um texto, ou de qualquer outra manifestação criativa. No caso da literatura, por exemplo, esses homens e mulheres são tão responsáveis pelo sucesso de uma obra literária, quanto pela imagem de um escritor perante o público leitor, uma vez que participam do processo como autores. Eles também fornecem as imagens do contexto histórico e até mesmo da literatura da outra cultura, como acontece no caso do escritor Ignazio Silone, traduzido no Brasil em 1935. Neste exemplo fica evidente que as traduções são realizadas também por razões ideológicas ou até para ir contra uma ideologia, dependendo da identificação do reescritor. As motivações ideológicas também estão presentes quando são realizadas traduções de antologias, histórias da literatura ou compilações próprias de referência de leitura e ainda críticas, pois esses textos passam quase sempre por uma reelaboração para ajustar-se à corrente ideológica e literária do presente (LEFEVERE, 2007, p.23). Mas, além das motivações ideológicas, há também aquelas literárias, que tentam conservar padrões e normas, e até evitar que uma obra com ideias “inovadoras” possa ter sucesso naquele específico momento, voltando a circular com sucesso em outro.

De acordo com as considerações de Lefevere, não é possível negar o poder que exerce a literatura traduzida em um sistema literário, uma vez que os textos são produzidos a serviço ou seguindo restrições apoiadas por certas correntes literárias e ideológicas. Por isso é importante que um texto traduzido seja investigado não apenas sob o ponto de vista linguístico, mas, sobretudo, como um fenômeno social e cultural, pois assim é possível compreender quais motivações levam à tradução de determinados textos, e outros não (GUGLIELMI, 1999, p. 207). Este tipo de abordagem também ajuda a perceber o papel que exerce a tradução em uma determinada literatura, ou seja, em que medida os textos estrangeiros contribuem para o desenvolvimento

literário e cultural de uma sociedade. Da mesma forma, também permite entender como se dá a criação dos cânones e gêneros literários.⁸

Pode-se concluir que o status dado pelo mecena ou patrono ao tradutor faz com que este seja tão responsável pela sobrevivência e sucesso de uma obra literária quanto o próprio escritor. No entanto, o tradutor não está sozinho nesta tarefa, pois outros agentes e fatores também contribuem, durante e após o processo da tradução. Enfim, na discussão feita até o momento, ficam evidentes as motivações porque certos textos podem ou não ser publicados em um sistema literário, em determinado momento histórico, e porque outros são constantemente traduzidos. Eles podem ser editados por vontade de um grupo editorial, que busca a venda garantida de certas obras, ou de um partido político que quer garantir que sua ideologia chegue até certo público, ou ainda por vontade de uma instituição religiosa, de um grupo político que decide subverter a ideologia de um regime, etc. Assim, as questões levantadas apontam para a necessidade do pesquisador estudar não apenas o texto enquanto estrutura linguística, mas de modo especial as relações que perpassam as linhas do texto, pois, desta forma, é possível entender porque alguns textos são traduzidos ao longo dos séculos, outros são pouco traduzidos, outros ainda podem ser traduzidos em um determinado momento e em outro não, e outros talvez jamais sejam traduzidos por razões literárias e ideológicas.

1.3 A literatura traduzida no Brasil na década de 30

A partir do século XX, a produção do livro no Brasil aumenta consideravelmente, como aponta Laurence Hallewell em *O livro no Brasil* (1985), mesmo que no período entre 1914 e 1920 o comércio e venda de livros ainda não se apresente como umas das mais animadoras. Com o início da Primeira Guerra Mundial, tornam-se arriscadas as importações marítimas da Europa e, por isso, a atenção dos editores se volta para a publicação de autores nacionais, de livros didáticos e da legislação brasileira, por serem mais seguros economicamente (HALLEWELL, 1985, p.235). Com o fim da guerra, é novamente retomada a importação de livros, revistas e jornais estrangeiros,

⁸ Por cânone entende-se um texto que alcançou certa notoriedade em uma ou mais culturas, por apresentar características particulares na forma ou conteúdo. Gêneros literários são as categorias em que determinadas obras se inserem, com base no tema ou na forma. Entre as categorias se encontram o gênero épico, lírico e o dramático. No século XX, pensar em gênero literário é um debate muito complexo que não cabe fazer aqui.

publicados no continente europeu. Contudo, como aponta José Paes, em *Tradução: a ponte necessária* (1990), é a partir dos anos 30 que se pode finalmente falar da tradução como profissão no Brasil. A visibilidade desta atividade é decorrente de uma série de mudanças que ocorrem em todos os setores da sociedade, e que culminam com o crescimento da indústria editorial e o aumento do público leitor, pois se criam condições econômicas e sociais favoráveis, como assinala José Paes:

É somente no século XX, sobretudo a partir dos anos 30, que entram a criar-se no Brasil as condições mínimas, de ordem material e social, possibilitadoras do exercício da tradução literária como atividade profissional, ainda que as mais das vezes subsidiárias. Avulta em primeiro plano, entre essas condições, o surgimento de uma indústria editorial realmente digna do nome, vinculada de perto ao considerável crescimento, quantitativo e qualitativo, do público leitor, de que, a um só tempo, ela foi a causa e a consequência. (PAES, 1990, p. 25).

Entre as editoras que souberam aproveitar o crescimento da indústria do livro nos anos 30 está a Livraria do Globo,⁹ de Porto Alegre, fundada em 1883, conhecida atualmente como Editora Globo, após divisão interna entre Livraria do Globo e Editora Globo, em 1956. Nos anos de 1930, além de vender obras de autores brasileiros, a Livraria do Globo também passa a investir em autores estrangeiros, principalmente de origem anglo-americana, um grande sucesso na época, assumindo desta forma a posição em termos de catálogo, que antes era reservada principalmente à cultura francesa. O predomínio da literatura americana continuará ainda, seja durante, que após a II Guerra Mundial, uma vez que as trocas comerciais com a Europa diminuem e as importações dos Estados Unidos crescem significativamente (SCHNEEBERGERGER, 2003, Encarte XXV). Além da literatura estadunidense, a Livraria do Globo publica também escritores de língua alemã; nomes representativos da literatura italiana tais como Giovanni Papini e Luigi Pirandello; e ainda escritores russos, como Alexander Pushkin e Liev Tolstoi, alguns autores judeus, além de autores da cultura

⁹ É possível ver a lista de obras publicadas pela Livraria do Globo no *Dicionário Bibliográfico de Literatura Italiana Traduzida no Brasil*: << http://www.dlit.ufsc.br/dicionario/dados_editora/7 >>. Acessado em 16/11/2013.

francesa, destacando-se André Gide, Romain Rolland e Roger Martin Du Gard, além de outros nomes já consagrados pela crítica como Voltaire, Stendhal e Flaubert.

Para entender o sucesso da Livraria do Globo, é importante levar em conta a sua estrutura, já em 1936, ela dispõe de um edifício próprio e emprega cerca de quinhentos funcionários. O desenvolvimento da editora é decorrente de uma seleção de obras bastante variada e do investimento em muitas coleções, como aponta Sônia Amorim (2000). Entre as coleções, a Coleção Verde circula entre 1930 e 1934, e é um espaço dedicado a romances destinados ao público feminino; a Coleção Clube do Crime e a Coleção Espionagem começam a ser editadas em 1931, e param de circular um ano depois; a Coleção Universo dura dez anos (1932-1942) e publica nesse intervalo sobretudo obras do escritor de best-seller alemão Karl May, autor de histórias de viagens e aventuras por terras distantes. Já a Coleção Globo, idealizada em 1933, se propõe a publicar romances sentimentais destinados ao público feminino, porém, investe também no gênero policial. Apesar de ir ao encontro de diversos gostos literários, esta coleção não tem vida longa.

No entanto, entre as coleções idealizadas por Henrique Bertaso e Érico Veríssimo, a Coleção Amarela certamente é aquela que tem a maior longevidade (1930-1956). No Brasil, a coleção oferece obras de Agatha Christie, George Simenon, Ellery Queen, além de best-sellers italianos, como é o caso de Alessandro Varaldo, que tem duas obras publicadas nesta coleção: *O sete belo* (1935) e *A gata persa* (1938). O primeiro livro é traduzido por Luiz Estrella, tradutor pouco conhecido, e o segundo pelo poeta, jornalista, escritor e tradutor, Mário Quintana, que antes traduzira pela mesma editora, *Palavras e sangue* (1934), do escritor italiano Giovanni Papini. Mário Quintana é ainda tradutor do francês e do inglês. Entre os autores traduzidos por ele estão os nomes de Marcel Proust, Virginia Woolf, Joseph Covad e Voltaire.

Na Itália, *O sete belo (Il sette bello)*, de Alessandro Varaldo é selecionado pela Mondadori, uma das maiores editoras italianas, para estreitar em 1929 na série *Libri gialli*. Vale ressaltar que entre as décadas de 30 e 40, o romance policial tem muito sucesso na Itália, como confirmam as várias coleções lançadas pela Mondadori: *Gialli economici Mondadori*, *I supergialli*, *I capolavori dei libri gialli* e *Il documento giallo* (SANTURBANO, 2013, p.49). Na península, a cor amarela da capa dos livros está associada aos romances do gênero literário denominado “*giallo*”, termo que significa “amarelo” em português. De fato, chama a atenção dos leitores brasileiros a cor amarela da capa dos livros de Alessandro Varaldo, e de outros escritores

publicados na Coleção Amarela da Livraria do Globo¹⁰. Como apontam os estudos sobre a edição de livros nos anos 30, esse tipo de literatura é muito produtivo para o setor editorial, uma vez que os gastos com a publicação são mínimos e a qualidade da editoração é bem mais inferior do que aquela de uma edição de luxo, por exemplo. Além disso, provavelmente o público é constituído na sua maioria por leitores assalariados, ou “leitores não profissionais”, termo usado por André Lefevere (2007) para designar não os professores ou os estudantes de literatura, e sim a maior parte do público leitor, que busca na leitura uma forma de distrair a mente e ter um momento de relaxamento, longe do estresse da vida cotidiana. No caso dos romances policiais, esse tipo de literatura captura a atenção do leitor, não só pela capa, muitas vezes bastante expressivas, mas por envolver o leitor em uma trama de mistério e de aventura, onde ele também se sente dentro da estória.

Mas, paralelamente ao crescimento da indústria editorial, também são melhoradas as condições de impressão, o ofício do tradutor, as estratégias de distribuição e comercialização dos livros. O aumento do público leitor na década de 30 tem relação direta com as mudanças ocorridas na sociedade quanto à escolarização, industrialização e urbanização. É importante lembrar também que, nesse período, a USP (Universidade de São Paulo) inicia o programa das famosas missões universitárias, trazendo para São Paulo muitos pesquisadores estrangeiros de origem francesa, alemã e italiana, tais como Giuseppe Ungaretti, que veio com a família para trabalhar como professor da universidade recém-nascida, no Centro de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, no período de 1936 e 1942, dando aulas de língua e literatura italiana. Dessa experiência em solo brasileiro, e do triste acontecimento da morte do filho, nascerá a obra *Il dolore* (1947), e ainda vários ensaios que serão publicados após o seu retorno à Itália (PETERLE, 2013, p.100-112).

Ainda em relação às coleções da Livraria do Globo, outra que também se destaca nos anos de 1930 é a Coleção Nobel, talvez uma das mais importantes entre aquelas criadas enquanto Érico Veríssimo permanece à frente da Livraria do Globo. Esta coleção se destina a publicar obras da ficção estrangeira de autores consagrados pela crítica. Circula entre 1933 e 1958 e se destaca pelo alto nível dos seus tradutores, entre os quais, o já citado Mário Quintana, um dos que mais

¹⁰ A relação entre editoras brasileiras e italianas continua. Um exemplo é a série “Enciclopédia dos Museus” da Editora Melhoramento, que sai em associação com a editora italiana Mondadori, como afirma Hallewell (2005, p.705).

traduziu na coleção, seguido por Leonel Vallandro, o próprio Erico Veríssimo, Lino Vallandro, Moacyr Werneck de Castro, Oscar Mendes, Vidal Oliveira, Agenor Soares de Moura, além de José Lins do Rêgo, Cecília Meirelles, e outros nomes não menos importantes (AMORIM, 2000, p.81).

Outra editora importante, cujos tradutores também são escritores, é a Companhia Editora Nacional¹¹, fundada em 1925, por Monteiro Lobato. Lobato também é um dos tradutores que exerce o ofício de escritor, publicando por conta própria o seu livro *Urupês* (1918), depois de encontrar muitas dificuldades no que diz respeito à distribuição do texto impresso, pois, naquele período, o país ainda não era bem servido nesse aspecto. A figura de Lobato é lembrada ainda pela sua contribuição como tradutor. O grande sucesso italiano *Le avventure di Pinocchio* é sucesso entre os brasileiros, quando editado pela Companhia Editora Nacional, após ser traduzido em 1933, como *Pinocchio*, por Lobato, que teria sido o primeiro tradutor da obra no país (BELETTI, 2013, p.92)¹².

Durante a sua experiência com a tradução, iniciada em 1931, chega a traduzir mais de cem obras em curto intervalo de tempo, uma média de vinte páginas ao dia. Segundo Sérgio Miceli (2001), Monteiro Lobato é responsável pela metade dos livros traduzidos e publicados pela Companhia Editora Nacional e também pela Editora Civilização Brasileira (MICELI, 2001, p. 146). Além de Carlo Collodi, outros autores consagrados pela crítica também são traduzidos por Lobato: Lewis Carroll, os Irmãos Grimm, Alexandre Dumas, Daniel Defoe, Hans Anderson, Ernest Hemingway, Victor Hugo, Herman Melville, entre outros, como revela a lista de obras disponível no blog “Não gosto de Plágio”, de Denise Bottmann¹³.

¹¹ As obras publicadas pela editora Companhia Editora Nacional podem ser consultadas no *Dicionário Bibliográfico de literatura Traduzida no Brasil* em: << http://www.dlit.ufsc.br/dicionario/dados_editora/18>>. Acesso em 19/11/2013.

¹² O próprio Lobato é uma referência para a literatura infanto-juvenil brasileira. Entre as suas obras mais conhecidas está *A menina do nariz arrebitado*, escrito em 1920 e editado em 1931, com o título *Reinações de Narizinho*. As histórias se passam no Sítio do Pica-pau Amarelo, um universo que mistura seres da imaginação e da fantasia das crianças com personagens do mundo real. Este universo é parecido com aquele representado na obra italiana *Le avventure di Pinocchio*, em cuja leitura se percebe, por exemplo, a similaridade entre as personagens de Emília, a boneca de pano, e Pinóquio, o boneco de madeira: ambos são seres que ganham vida e se comportam de modo oposto àquele esperado para uma criança, no que diz respeito às travessuras. Sem dúvida, um estudo mais profundo revelaria outras características de confluência entre as duas obras. Percebe-se em Lobato o interesse de difundir entre o público infantil a literatura lida por esse mesmo público em outras partes do mundo.

¹³ <http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/2011/01/traducoes-de-monteiro-lobato.html>. Ver também:

Além de Lobato, outro escritor e jornalista já mencionado, que ganha a vida com a tradução da literatura estrangeira é o gaúcho Érico Veríssimo. Dentro da Livraria do Globo, Veríssimo exerce também o cargo importante de conselheiro editorial, assumindo a responsabilidade de selecionar as obras a serem traduzidas e publicadas no mercado brasileiro. Além disso, cabe-lhe a tarefa de procurar os tradutores e acompanhar as traduções (PAES, 1990, p. 25).

Outros tradutores de fama no país são os da Livraria José Olympio,¹⁴ fundada em 1931, a exemplo de José Lins do Rego, Rachel de Queirós, Raimundo Magalhães Júnior, Graciliano Ramos, entre outros. Este último, por exemplo, traduz *A peste*, de Albert Camus, publicado em 1950 pela José Olympio, que se destaca das concorrentes por seu catálogo de obras consideradas “de boa literatura”, de autores consagrados no cenário mundial. Outro fato relevante em relação a esta editora diz respeito à sua atuação no mercado, onde publica desde os discursos do presidente Getúlio Vargas, até os textos do tradutor e escritor Graciliano Ramos¹⁵, um dos intelectuais que pertencem à famosa constelação Capanema.

Além de autores já reconhecidos pela crítica, outros que também tem espaço nos projetos editoriais brasileiros são aqueles representantes da literatura de entretenimento ou de consumo, com predomínio dos livros de aventuras, romances policiais, as biografias descritas em forma de romance e as narrativas direcionadas às mulheres. A editora Civilização Brasileira compartilha este projeto de publicar uma literatura dedicada ao público feminino, destacando os nomes dos irmãos franceses Jeanne Marie Henriette Petitjean de la Rosière, mais conhecidos pelo pseudônimo de M. Delly. Os livros dos irmãos escritores já são lidos no Brasil desde o início da década de 20, pois são trazidos já traduzidos de Portugal, onde inclusive fazem parte da Coleção Biblioteca das Famílias. A Civilização Brasileira intitula a sua coleção de Biblioteca das Moças (1920-1960), nome que já indica a tipologia de público alvo.

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=biografias_texto&cd_verbete=4942&cd_item=50

¹⁴ É possível ver os títulos publicados pela Livraria José Olympio no *Dicionário Bibliográfico de Literatura Italiana Traduzida no Brasil* <<http://www.dlit.ufsc.br/dicionario/dados_editora/72>>. Acesso em 16/11/2013.

¹⁵ Entre os textos de Graciliano Ramos publicados pela Livraria José Olympio se encontram: *Angústia* (1936), *Vidas secas* (1938), os livros de memórias *Infância* (1945) e *Memórias do cárcere* (1953), a coletânea de contos *Insônia* (1947), o texto de crônicas intitulado *Viagem* (1954).

Observa-se, portanto, que a década de 30 é um período que marca de fato o crescimento do setor editorial, tanto no que se refere à publicação, quanto à tradução de obras estrangeiras. De modo especial, pode-se lembrar a entrada de textos de origem norte-americana, que rompe com a hegemonia europeia, em particular da cultura francesa que até se fazia presente com mais força entre os brasileiros. Outra observação diz respeito a quem realiza essas traduções, atividade que é exercida por escritores e não por tradutores de profissão, pois falta a mão de obra especializada para atender a demanda do mercado, uma vez que o ofício ainda está se firmando.

1.3.1 Relação Brasil e Itália: a literatura italiana traduzida no Brasil nos anos 30

Mesmo com a entrada de textos americanos traduzidos no sistema literário brasileiro da década de 30, outras línguas também estão presentes no país, como é o caso da Itália. Uma parceria que já vem muito antes desse período. Para o importante historiador e crítico literário brasileiro, Sérgio Buarque de Holanda, a relação cultural entre Brasil e Itália inicia mesmo antes da primeira fase de desenvolvimento econômico do país sul-americano, após a descoberta do Brasil pelos portugueses. Pode ser citado o exemplo da família Cavalcanti, de origem florentina, que vem para Pernambuco e se torna a maior plantadora e dona da indústria do açúcar até o período de 1800 (BUARQUE, 2002, p. 77-79).

No contexto literário, o que dizer da relação entre os poetas árcades no século XVIII? Segundo Sérgio Buarque de Holanda, esta relação está baseada nas características de arcadismo trazidas da Itália. A experiência neoclássica brasileira e esta aproximação cultural e literária também atingem a política: quase todos os participantes do movimento de emancipação da colônia denominado *Inconfidência Mineira* (1789) são poetas árcades (BUARQUE, 2002, p. 105). Este exemplo demonstra que a adesão ou oposição de um grupo de literatos à ideologia política é determinante para a formação da escola literária no Brasil e até para que certos tipos de textos sejam lidos e traduzidos no país, dependendo do gosto e das ideologias desse público.

Significativa também é a vinda de milhares de italianos no século XIX, período de maior fluxo migratório, e na primeira metade do século XX. Eles deixam a península itálica para buscar uma vida melhor no Brasil, motivados pelas possibilidades oferecidas aos imigrantes de

trabalhar nas fazendas de café, principalmente no estado de São Paulo ou nas colônias de povoamento, uma vez que a situação italiana neste período não é das melhores, como afirma Angelo Trento: “A crise agrária, a partir dos anos 80 do século XIX, fez que a situação piorasse também na Itália meridional. Tanto os imigrantes italianos que se dirigiam aos núcleos coloniais quanto àqueles que foram para as fazendas tinham como objetivo a propriedade da terra” (TRENTO, 2000, p.22). A vinda de tantos imigrantes italianos para o Brasil nesse período resolve o problema da falta de mão de obra para trabalhar nas lavouras de café, uma carência sofrida principalmente na região sudeste do país, uma vez que com o fim da escravidão, em 1888 (Lei Áurea), o país passa a contratar trabalhadores assalariados. Os imigrantes italianos que vem para o Brasil enxergam a oportunidade de trabalho e de construir um futuro melhor.

A situação social italiana neste momento é agravada pela falta de um setor industrial desenvolvido: em quase toda a península, a única atividade econômica é a agrária. Esta situação piora ainda mais após a unificação do país em 1861, depois da expedição de Garibaldi e a promessa de uma reforma agrária e da distribuição de terras aos camponeses, nunca mantida. Segundo Bernardini (2013), a maior parte dos imigrantes chega da região sul da Itália. O maior fluxo migratório dos italianos meridionais acontece no final de 1885, com o desenvolvimento da lavoura de café no estado de São Paulo. Em 1905, dos 368.000 emigrantes italianos, 244.005 são oriundos da região meridional. A vinda de tantos italianos da região sul da Itália certamente está associada à unificação do país e à não divisão da terra, concentrada nas mãos de poucos latifundiários. Soma-se ainda a desigualdade entre o sul do país pouco desenvolvido e o norte em via de transformações industriais, onde a mão de obra é mais qualificada. Esta desigualdade se reflete no tipo de trabalho exercido no Brasil: os italianos do norte preferem trabalhar no comércio, na indústria e na construção como pintores, marceneiros, pedreiros, etc. (BERNARDINI, 2013, p. 13).

Ao chegarem ao Brasil, os imigrantes italianos interagem com a cultura brasileira através de inegáveis contribuições nos campos da arte, literatura, produção de livros, música e arquitetura, um laço cultural que se fortifica a cada dia. Segundo Angelo Trento (2000), um dos fenômenos mais surpreendentes é a quantidade de jornais que nascem entre 1875 e 1960, um total de mais de quinhentos títulos publicados em língua italiana. Desse total, trezentos só em São Paulo. Entre esses, o periódico socialista *Avanti!* e o anarquista *La battaglia*. Mas há também outros tipos de periódicos liberais, católicos, fascistas, ou publicações de

outros tipos, como aquelas literárias e de moda. No geral, estes jornais tinham uma vida curta, não circulando por muito tempo. Uma exceção, porém, é o jornal *Fanfulla*, que circula no Brasil a partir de 1893, e que continua até os dias atuais.

É importante também a contribuição dos imigrantes italianos para o crescimento editorial no país: muitos empresários veem na tradução de obras importadas a oportunidade para economizar com as despesas, em vez de importar os textos fontes. São exemplos a Irmãos Pongetti Editores, de Ruggero e Rodolfo Pongetti, do Rio de Janeiro, que edita de modo especial autores que estão no início de carreira; a Editora Vecchi (1913-1983), também do Rio de Janeiro, fundada por Arturo Vecchi, o qual se dedica a publicar de modo especial romances para o público feminino, como as coleções “Corações em Chamas” e “Seletos Romances de Amor,” além de livros de literatura infantil e, sobretudo, revistas em quadrinhos, sua maior especialidade. Pode ser citada ainda a Editora Athena (ou Atena),¹⁶ fundada pelo exilado político do fascismo, Pasquale Petraccone, que também é editor do jornal antifascista *Italia Libera*. Outra empenhada com a tradução é a Minha Livraria, fundada no Rio de Janeiro em 1933, por Nello Garavini, exilado do fascismo como Petraccone. Até 1942, mesmo sob o controle da polícia local e as provocações de militantes fascistas, o espaço da editora Minha Livraria serve também como ponto de encontro e de discussões para anarquistas e antifascistas. Em 1935, a editora é posta sob vigilância pela polícia e o grupo político do qual participa Nello Garavini, a *Liga Anticlerical*, é fechado, devido a ascensão da Intentona Comunista, uma tentativa do Partido Comunista Brasileiro (PCB) de organizar um golpe de estado para tirar Getúlio Vargas do governo (RAMOS, In: EMECÊ, 2006, ano 2, n. 5).

Esse pequeno quadro confirma o quanto os imigrantes italianos são importantes para o desenvolvimento do setor editorial nos anos 30, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Um estudo aprofundado poderia explorar mais a contribuição desses editores, que juntos somam seus esforços àqueles das editoras brasileiras para que a produção de livros aumente consideravelmente. Outra análise poderia partir da contribuição desses homens enquanto participantes de movimentos anárquicos e antifascistas, para a construção não apenas do setor editorial, mas também daquele político.

¹⁶ As obras publicadas pela Athena (ou Atena) podem ser consultadas no DLIT em: << http://www.dlit.ufsc.br/dicionario/dados_editora/8>>. Acessado em 19/11/2013.

Os laços entre Brasil e Itália são reforçados com a fundação dos Institutos Ítalo-brasileiros em São Paulo, Rio de Janeiro e Juiz de Fora, durante as décadas de 20 e 30. O projeto faz parte de uma série de estratégias encontradas pelo regime fascista para “incentivar o amor pela pátria, e o sentimento de italianidade, além de construir a imagem de uma Itália grande e poderosa” (FERENZINI, 2007, p.1). Em Juiz de Fora, por exemplo, colônia italiana no Brasil, é criada, na década de 30, a *Casa d'Italia*, onde se reúnem associações italianas, tais como a *Società Dante Alighieri* e ainda a *Opera Nazionale Dopolavoro*, entidade que organiza atividades de cunho recreativo e cultural para os trabalhadores que retornam da jornada de trabalho.

A *Casa d'Italia*, além de reunir essas associações italianas sob um mesmo espaço, ainda fornece à comunidade italiana escola, biblioteca e hospital, proporciona lazer e esporte e também incentiva o intercâmbio cultural entre Brasil e Itália, com cursos de língua italiana, palestras sobre arte, apresentações musicais, etc (FERENZINI, 2007, p.4). Tem o papel de organizar conferências com a presença de importantes escritores e intelectuais. Um dos convites é feito a Massimo Bontempelli, que passa pelo Brasil em 1933, durante sua viagem pela América Latina. A presença marcante do escritor certamente está relacionada com a publicação de sua obra *Vida e morte de Adria e de seus filhos*, em 1933, pela Livraria do Globo, com a tradução de Marina Guaspari.

No entanto, o projeto italiano fascista entra em choque com aquele nacionalista de Getúlio Vargas, devido às decisões políticas tomadas pelo eixo Alemanha-Itália-Japão, no decorrer da Segunda Guerra Mundial. Em 1942, Vargas toma uma série de medidas tanto em relação à imigração italiana, quanto àquela alemã. Uma delas é a proibição do uso do dialeto ou da língua materna, obrigando o imigrante a se comunicar em língua portuguesa. Com o enrijecimento do governo, os imigrantes que participam das atividades oferecidas pelos Institutos Ítalo-brasileiros veem as portas das instituições serem fechadas.

Apesar das restrições impostas pelo governo Vargas, percebe-se que muitos escritores italianos são traduzidos no Brasil na primeira metade do século XX, de acordo com a lista de obras coletadas no *Dicionário Bibliográfico da Literatura Italiana Traduzida (1900-1950)*¹⁷. A partir da análise da tabela, que se encontra a seguir, feita com base no *Dicionário*, é possível ver o quanto a literatura italiana circula no Brasil, através da iniciativa de editoras de pequeno porte, como é o

¹⁷ Disponível online no endereço <<www.dlit.ufsc.br>>

caso da Athena (ou Atena), e daquelas maiores, como a Livraria do Globo e a Livraria José Olympio.

De acordo com a análise dos dados, entre a literatura italiana traduzida na década de 30 se encontram obras que fazem parte da tradição literária, como *O purgatório* (1931), do poeta florentino Dante Alighieri, publicado pela Editora Livraria do Rio, e ainda *Vida nova* (1937), do mesmo autor, que sai pela Editora Athena (ou Atena). No entanto, esta não é a primeira vez que o nome do poeta florentino circula no Brasil, pois, como aponta Arrigoni (2011), desde a segunda metade do século XIX, a *Divina Comédia*, a obra mais conhecida de Dante, já é publicada aqui. Entre os tradutores se encontra o nome de Dom Pedro II, tradutor de dois episódios. O primeiro narra a trágica morte do Conde Ugolino e de seus filhos, presente no canto XXXIII do *Inferno*, e o segundo episódio é uma história de amor, intitulada *Francisca de Rimini*, também conhecida como *Paolo e Francesca*, do canto V, também do *Inferno* (DAROS, 2013, p.135).

Outro tradutor que traduz o poeta italiano é Gonçalves Dias, que traduz um fragmento do Canto VI do Purgatório em 1864; dez anos depois é a vez de Machado de Assis publicar a tradução do Canto XXV, no jornal *O globo* (ARRIGONI, 2011, p.43-48). Contudo, a edição completa da obra de Dante traduzida por um brasileiro seria de 1888, publicada pela editora Imprensa Nacional, após a tradução de Francisco Bonifácio de Abreu, mais conhecido como “Barão de Vila da Barra”. No entanto, é a tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, publicada em 1907, aquela que será inúmeras vezes reeditada, quase todas acompanhadas pelas ilustrações de Gustave Doré (ARRIGONI, 2011, p.53)¹⁸.

Mais um poeta que é traduzido na década de 30, e que também é uma figura fundamental na literatura italiana é Giacomo Leopardi, que tem os seguintes textos publicados: *Poemas* (1934), e *Cantos* (1938). Outros dois textos do poeta, *O primeiro amor* e *O sonho*, são publicados na década de 50, ambos traduzidos por Aloysio de Castro e publicados pela editora W. M. Jackson. Nessa mesma década de 30, os textos de Luigi Pirandello, ganhador do prêmio Nobel de literatura, em 1934, também circula entre os brasileiros. Certamente a premiação contribui significativamente para que seus textos sejam traduzidos e lidos aqui: *A luz da outra casa – Novelas escolhidas* (1932) e *O falecido Matias Pascal* (1933). Antes e depois dessas traduções, há ainda uma tradução de *Novelas escolhidas* (1925), *Os velhos e os moços* (1947), e uma nova

¹⁸ Outras publicações do poeta Dante Alighieri no Brasil podem ser consultadas no endereço << http://www.dlit.ufsc.br/dicionario/dados_autor/24>>. Acessado em 16/11/2013.

edição de *O falecido Matias Pascal* (1949), pela Livraria Martins Editora, de São Paulo, após a tradução do texto de Raul Polilo. Ainda faz parte da lista de obras traduzidas do escritor siciliano, o texto *A Excluída* (1949), traduzido por José Geraldo Vieira e publicado pelo Instituto Progresso Editorial (IPE). Percebe-se que é bastante significativa a quantidade de obras de Pirandello traduzidas no Brasil, e a pesquisa mostra que ele ainda continua sendo traduzido.

A literatura religiosa também atravessa o oceano e circula no Brasil na década de 30. Um dos nomes presentes é o de Francesco d'Assisi, um grande representante desta literatura, autor de um dos primeiros documentos escritos em língua vulgar italiana, *Cantico delle creature*, escrito por volta de 1226. No Brasil de 1930, são publicados os seguintes títulos do santo: *I fioretti de S. Francisco de Assis* (1932); *I fioretti* (1936) e *I fioretti de São Francisco seguidos do "Cântico do sol"* (1938). Na década de 40, o texto *I fioretti* de São Francesco d'Assisi é reeditado pela Editora Vozes Ltda, do Rio de Janeiro.

Outras obras traduzidas, que podem ser classificadas como literatura religiosa, são os textos *A vida de Santo Agostinho* (1937) e *Palavras e sangue* (1934), do escritor Giovanni Papini. No restante de suas obras, porém, é complicado definir claramente o tipo de categoria em que se insere cada uma, uma vez que Papini vive diversas fases de escritura, tanto no que se refere à sua função como escritor, quanto aos temas tratados no seus livros (FOGAÇA, 2013, p.113). Nos anos de 1930, também circula a obra *Gog* (1932), do mesmo autor, que terá também outra reedição em 1943, pela Livraria do Globo. O nome de Papini também está associado no Brasil ao texto: *Um homem acabado*, publicado em 1945, pela editora Clube do Livro de São Paulo.

Um texto de Papini que já circula nos anos vinte é *História de Cristo*, editado em 1924, e depois publicado novamente em 1941 pela Editora Companhia Nacional na Coleção Biblioteca do Espírito Moderno, após tradução do padre Lindolpho Esteves. Nesta mesma coleção, encontra-se outra obra de Papini: *Dante vivo*, editada pela Livraria do Globo em 1940, também traduzida por um religioso, o padre Leonardo Mascello. No entanto, entre os seus textos traduzidos, chama a atenção o nome de Mário Quintana, que traduz o texto italiano *Parole e sangue*, na edição brasileira de 1934. Esta é a primeira experiência com a tradução por parte do poeta e jornalista brasileiro, na Livraria do Globo, que também traduzirá pela mesma editora *A gata persa* (1938), de Alessandro Varaldo, além de outros escritores franceses e ingleses, e em 1940 tem a oportunidade de publicar o seu primeiro livro de sonetos: *A rua dos cataventos*, sempre pela Livraria do Globo.

Contudo, a circulação de tantas obras do religioso Ugo Mioni é certamente uma descoberta curiosa. Mioni é um escritor bastante traduzido entre as décadas de 30 e 40 e pouco lembrado nos dias de hoje. Ele é autor de cinco obras traduzidas somente nos anos de 1930: *Old diable* – aventuras (1930), *Nas fronteiras do Thibet* (1931), *O tribunal da inquisição* (1936), *Tarde demais* (1936) e *Sangue Negro* (1939). Antes dessas traduções já circulam no Brasil as obras *Flor de bambu – aventuras chinesas* (1928), e *Duplas cadeias* (1929). Anos depois, na década de 40, Mioni ainda continua sendo traduzido no Brasil: *Os prisioneiros da Tripolitânia* (1946) e *Meia lua sangrenta* (1948). Quanto á sua trajetória literária, além de escrever inúmeras obras, Ugo Mioni também frequenta os estudos de teologia e vive como religioso. Observa-se que os seus textos, de títulos bastante particulares, tem grande popularidade no Brasil. Ao contrário dos textos de São Francisco, cuja obra *Fioretti* (1932) é a única a ser publicada por uma editora religiosa, aqueles de Ugo Mioni, com exceção de *Old diable - aventuras* (1930), são todos publicados por editoras religiosas.

Mas, além dos textos já citados até o momento, alguns já consagrados pela crítica, há outros que também obtém espaço no sistema literário brasileiro na década de 30, no âmbito da literatura infanto-juvenil. Depois do texto *Pinocchio* (1933), de Carlo Collodi, já citado, outro representante dessa literatura é Edmondo De Amicis, que tem o livro *Coração* traduzido e reeditado muitas vezes no país. As primeiras traduções acontecem em 1891, uma é realizada por um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, Valentim Magalhães, publicado pela Teixeira & Irmãos, e a outra tradução mais conhecida e reeditada muitas vezes é aquela de João Ribeiro, publicada pela Livraria Francisco Alves. De acordo com a pesquisadora Roberta Beletti, outras edições da obra pela mesma editora são de: 1905, 1925, 1936, 1949. (BELETTI, 2012, p. 29). Na edição de 2011, publicada pela Cosac Naify, após a tradução de Nilson Moulin, são retomadas na contracapa as palavras do poeta brasileiro Manuel Bandeira: “*Coração* era o livro de leitura adorado na minha classe. Para mim, porém, não era um livro de estudo. Era a porta de um mundo, não de evasão, como o da ‘Viagem à roda do mundo numa casquinha de nozes’, mas de um sentimento misturado, com a intuição terrificante das tristezas e maldades da vida”. (apud PETERLE, In: *Rascunho*, maio de 2012). Pelas palavras do poeta brasileiro, nota-se que o livro *Coração*, publicado pela primeira vez em 1886, na Itália pós-unificada, é lido nas escolas brasileiras, fortificando ainda mais os laços culturais entre os dois países. A tradução mais recente no mercado brasileiro é de 2012, com a tradução de Maria

Valéria Rezende, ilustração de Daniel Hazan, publicado pelo grupo editorial Autêntica.

Do outro lado também está presente no Brasil dos anos 30 uma literatura de consumo ou de entretenimento. Nesta situa-se um dos primeiros escritores italianos a inaugurar o gênero literário *giallo* na Itália dos anos 30, Alessandro Varaldo, que tem três dos seus livros publicados pela Livraria do Globo de Porto Alegre. Dois deles são editados na Coleção Amarela: *O sete belo* (1935) e *A gata persa* (1938), já comentados anteriormente. Já o texto *Os sapatinhos vermelhos* (1937) é publicado, nº 14, do mês de novembro, na revista literária mensal “A novela”, da Livraria do Globo, criada em 1936 por Erico Veríssimo (BOTTMANN, 28/01/2013). Outro escritor italiano que também tem obras traduzidas na década de 30, é amigo de Varaldo, também integrante do *Gruppo dei dieci*, Lucio D’Ambra. Ainda fazem parte do grupo: Filippo Tommaso Marinetti, Antonio Beltramelli, Massimo Bontempelli, Lucio D’Ambra, Alessandro De Stefani, Fausto M. Martini, Guido Milanese, Cesare G. Viola e Luciano Zuccoli. Juntos eles teriam escrito e publicado, em 1929, a obra *Lo Zar non è morto*, texto que traz na capa a informação de que se trata de um romance de aventuras. Entre os textos de Lucio D’Ambra traduzidos nos anos de 1930, se encontram dois títulos bastante interessantes: *Ofício de marido* (1939) e *Profissão de esposa* (1940). Ambos os romances fazem parte da trilogia “Os romances da vida a dois”, traduzidos por Elias Davidovich e publicados pela editora Vecchi.

Contudo, dentro da literatura de consumo, nenhum escritor italiano é tão traduzido como Pitigrilli, pseudônimo de Dino Segre. Dele são traduzidas doze obras no período entre 1900-1950, entre as quais quatro são publicadas na década de 30: *Ultrage ao pudor* (1930), *Mamíferos de luxo* (1933) e ainda o texto *Loura dolicocefala* (1938), traduzido por Frederico Carlos Spicacci, pela Vecchi editor em 1938. Outro texto traduzido nos anos 30 é *O cinto de Castidade* (1939), também publicado pela editora Vecchi, com tradução de João Santana. Mas é sobretudo na década de 40 que a maior parte dos textos de Pitigrilli são traduzidos no Brasil: *O colar de Afrodite* (1942), *Senhoritas* (1944), *Os vegetarianos do amor* (1946), *A virgem de 18 quilates* (1948), *Cocaína* (1948), *Moisés e o cavaleiro Levi* (1949), *A maravilhosa aventura* (1950), *O homem que inventou o amor – O experimento de Pott* (1950).

Um nome também significativo dentro da literatura de consumo e entretenimento é o de Emílio Salgari, escritor de inúmeras obras de aventuras que envolvem o mar e os piratas. Três de suas obras são

publicadas na década de 30: *O prisioneiro dos pampas* (1933), *Aventuras de um garimpeiro* (1934) e *O fantasma de Sandokan* (1936), todas publicadas pela Companhia Editora Nacional, e entram na Coleção Terramarear, assim como aquelas publicadas depois, tais como *Os canibais do pacífico* (1946), *A vingança de Iroquez* (1947) e ainda *Song-kay, o pirata*, também de 1947.

Segue abaixo uma tabela que ilustra de forma mais esquemática esse mapeamento:

AUTOR	OBRA	TRADUTOR	EDITORA	ANO	CIDADE
Dante Alighieri	<i>O purgatório</i>	Dr. Cesar Augusto Falcão	Livraria do Rio	1931	Rio de Janeiro
Dante Alighieri	<i>Vida nova</i>	Blasio Demetrio e P. M. Oliveira	Athena (ou Atena)	1937	Rio de Janeiro
Antonio Aniante	<i>Vida amorosa de Bellini</i>	Carlos de Aragão	Edições cultura brasileira	1935	São Paulo
Tom Antongini	<i>A vida secreta de D'Annunzio</i>	Manuel Bandeira	Companhia Editora Nacional	1939	São Paulo
Tommaso Campanella	<i>A cidade do sol</i>	Não consta	Athena (ou Atena)	1935	Rio de Janeiro
Cesare Cantù	<i>História Universal</i>	Não consta	Livraria João do Rio	1931	Rio de Janeiro
Cellini Benvenuto	<i>Vida de Benvenuto Cellini escrita por ele mesmo</i>	J.L. Moreira	Athena (ou Atena)	1939	São Paulo
Carlo Collodi	<i>Pinocchio</i>	Não consta	Companhia Editora Nacional	1933	SP, Rio, Recife e Porto Alegre
Benedetto Croce	<i>Aspectos Moraes da vida política</i>	Miguel Ruas	Athena (ou Atena)	1935	Rio de Janeiro
Lucio D'Ambrá	<i>Ofício de marido</i>	Elias Davidovich	Vecchi Editor LTDA	1939	Rio de Janeiro
Francesco D'Assisi	<i>I fioretti de São Francisco de Assis</i>	Durval de Moraes	Livraria Catholica	1932	Rio de Janeiro

Francesco D'Assisi	<i>I fioretti</i>	Não consta	Elvino Poci	1936	São Paulo
Francesco D'Assisi	<i>I fioretti de São Francisco seguidos do "cântico do sol"</i>	Adelino Capistrano	Athena (ou Atena)	1937	Rio de Janeiro
Edmondo de Amicis	<i>Coração</i>	João Ribeiro	Livraria Francisco Alves	1936	Rio de Janeiro
Grazia Deledda	<i>O drama de Regina</i>	Marina Guaspari	Livraria do Globo	1932	Porto Alegre
Carlo Formichi	<i>Apologia do budismo</i>	Não consta	Athena (ou Atena)	1939	São Paulo
Anita Garibaldi	<i>Garibaldi na América</i>	Renato Travassos	Officinas Alba Graphics	1931	Rio de Janeiro
Giacomo Leopardi	<i>Poemas de Giacomo Leopardi</i>	Mario Gracioti	Livraria editora latina	1934	São Paulo
Giacomo Leopardi	<i>Cantos de Leopardi</i>	Aloysio de Castro	Instituto Italo-brasileiro de alta cultura	1937	Roma
Mario Mariani	<i>O pobre christo</i>	Não consta	Freitas Bastos	1930	Rio de Janeiro
Hugo (Ugo) Mioni	<i>Nas fronteiras do Thibet</i>	Não consta	Escolas profissionais salesianas	1931	Niterói – Rio de Janeiro
Hugo (Ugo) Mioni	<i>Old diable (aventuras)</i>	Não consta	Boa Imprensa	1930	Niterói – Rio de Janeiro
Hugo (Ugo) Mioni	<i>O tribunal da Inquisição</i>	Não consta	Pia sociedade de Filhas de	1936	São Paulo
Hugo (Ugo) Mioni	<i>Tarde de mais</i>	Jesamar	Escolas profissionais salesianas	1936	Niterói – Rio de Janeiro
Hugo (Ugo) Mioni	<i>Sangue negro</i>	Não consta	Escolas profissionais salesianas	1939	Niterói – Rio de Janeiro
Emilio Salgari	<i>O prisioneiro dos pampas</i>	Julio Cesar da Silva	Companhia Editora Nacional	1933	São Paulo
Emilio Salgari	<i>Aventuras de um</i>	Euclides Andrade	Companhia editora	1934	

	<i>garimpeiro</i>		nacional		
Emilio Salgari	<i>O fantasma de Sandokan</i>	Godofredo Rangel	Companhia editora nacional	1936	São Paulo
Carlo Sforza (conte Sforza)	<i>Os construtores da Europa Moderna</i>	J. A. Soares	Athena (ou Atena)	1937	Rio de Janeiro
Ignazio Silone	<i>Fontamara</i>	Aristides Lôbo	Cultura política	1935	Rio de Janeiro
Celestino Testore	<i>O incêndio da prisão</i>	J.S	Escolas profissionais salesianas	1938	Niterói – Rio de Janeiro
Alessandro Varaldo	<i>O sete belo</i>	Luiz Estrella	Livraria do Globo	1935	Porto Alegre
Alessandro Varaldo	<i>Os sapatinhos vermelhos</i>	Fulvia Bertolacci	Livraria do Globo	1937	Porto Alegre
Alessandro Varaldo	<i>A gata persa</i>	Mario Quintana	Livraria do Globo	1938	Porto Alegre
Giovanni Papini	<i>Palavras e sangue</i>	Mario Quintana	Livraria do Globo	1934	Porto Alegre
Giovanni Papini	<i>A vida de Santo Agostinho</i>	Godofredo Rangel	Civilização Brasileira	1937	Rio de Janeiro
Luigi Pirandello	<i>A luz da outra casa. Novelas escolhidas</i>	Francisco Pati	Piratininga	1932	São Paulo
Luigi Pirandello	<i>O falecido Matias Pascal</i>	De Souza Junior	Livraria do Globo	1933	Porto Alegre
Pitigrilli (Dino Segre)	<i>Ultrage ao pudor</i>	Elias Davidovich	Editora Vecchi	1930	Rio de Janeiro
Pitigrilli (Dino Segre)	<i>Mamíferos de luxo</i>	João Silveira de Camargo	Freitas Bastos	1933	Rio de Janeiro
Pitigrilli (Dino Segre)	<i>Loura dolicocefala</i>	Frederico Carlos Spicacci	Editora Vecchi	1938	Rio de Janeiro
Pitigrilli (Dino Segre)	<i>O cinto de Castidade</i>	João Santana	Editora Vecchi	1939	Rio de Janeiro

Por fim, a partir dessa tabela, algumas considerações podem ser feitas em relação à literatura italiana traduzida no sistema literário brasileiro na década de 30. Entre as obras traduzidas, encontram-se escritores representantes da tradição literária, de uma literatura religiosa

e ainda de entretenimento ou consumo, gênero que é lido por um público maior. No entanto, a presença de outros escritores citados na tabela, tais como Carlo Sforza, Benedetto Croce e Silone, pode ser interpretada a partir de outro ponto de vista. Para estes três escritores, será dada maior atenção no próximo capítulo.

1.4 A censura do livro na década de 30

A década de 1930, caracterizada como uma década de grandes mudanças em todos os setores da sociedade brasileira, marca o início do período Vargas (1930-1945) e também do grande boom da circulação da literatura estrangeira traduzida no Brasil. Vargas chega ao poder por meio da revolução liberal de 1930, e uma das primeiras medidas por ele adotadas já se mostra de caráter autoritário: a suspensão da Constituição de 1891, e, consecutivamente, a dissolução do Congresso Nacional e das assembleias estaduais e municipais, com o pretexto de “limpar o país dos políticos corruptos e velhacos que controlavam o poder” (SCHNEEBERGERGER, 2003, p.302). Depois que assume os poderes executivo e legislativo, o passo sucessivo é promulgar a Constituição Federal em 1934, e, por meio das disposições transitórias desta, ser eleito pelo voto indireto para presidente constitucional, com um período de quatro anos. Entre as mudanças que decorrem da promulgação da constituição, está o direito ao voto direto, inclusive para as mulheres, e a elaboração de uma série de medidas relacionadas às leis trabalhistas, como o direito a um salário mínimo, descanso semanal, jornada de trabalho de oito horas e férias anuais remuneradas (SCHNEEBERGERGER, 2003, p.307).

Por sua vez, o Partido Comunista Brasileiro, fundado em 1922, recebe grande atenção da classe assalariada com a adesão em 1930 de Luís Carlos Prestes, ex tenente exilado na Argentina. O medo de perder o poder, uma vez que o seu mandato terminaria em 1938, faz com que Getúlio Vargas tome algumas medidas para garantir a sua permanência no governo. Um dos grupos que ameaçam os seus objetivos é o movimento Aliança Nacional Libertadora (ANL), cujo líder é Luís Carlos Prestes. Para enfraquecer o movimento, é deflagrada a Intentona Comunista em novembro de 1935, culminando com a prisão de Prestes. Dois anos depois, nas eleições marcadas para o fim de 1937, Vargas, por meio de um golpe de estado, ajudado pelas Forças Armadas simpatizantes ao seu governo, consolida e implanta o Estado Novo

(1937-1945): “a justificativa ideológica era o perigo comunista” (SCHNEEBERGER, 2003, p.311).

Nessa ocasião, todos os partidos políticos são extintos e uma nova ordem é instaurada por meio de poderes concedidos pela nova Constituição de 1937, que obriga todos os poderes a se concentrarem nas mãos de um único chefe de estado. É a partir deste evento político, conhecido como Estado Novo, que a censura fica mais forte. Apesar de os livros serem pouco atingidos, as editoras não ficam livres da censura, principalmente em relação à publicação de obras brasileiras.

É mais comum a censura de autores brasileiros do que de textos estrangeiros, isto porque estes últimos não focam na realidade social do país, e mesmo que a narrativa trate destas questões, é sempre em relação à outra realidade. Para não abandonar o mercado editorial, pois entre 1939 e 1942 a censura, apreensão e destruição de obras consideradas subversivas se faz presente com mais força, os editores são cautelosos na seleção das obras a serem traduzidas e publicadas. Como já dito anteriormente, muitas editoras investem em livros didáticos, na literatura infanto-juvenil e naquela estrangeira, pois como afirma Lia Wylér:

[...] os livros infantis tinham venda certa às bibliotecas e escolas, pois se enquadravam no projeto nacionalista de valorizar os nossos escritores. As traduções, por sua vez, ofereciam ao leitor uma visão de mundos e tempos distantes, ou até do mundo conflagrado pela guerra, bem diferentes do mundo ordeiro que o Estado Novo lhe proporcionava. E, para os literatos mais interessados na forma do que no conteúdo, as traduções não somente os familiarizava com os últimos “ismos” do pensamento europeu e norte-americano, como também forneciam muitos insumos para a redação de notícias, resenhas e críticas para as edições domingueiras dos jornais sob censura. (WYLER, 2003, p.112)

Ainda que o governo de Getúlio Vargas não considere um fato negativo a entrada de obras estrangeiras em um país que está dando passos importantes no avanço da educação, o trabalho dos tradutores é controlado, e caso o governo julgue subversiva a edição de uma obra, a mesma não entra em circulação. Dependendo do grau de “periculosidade” a obra sofre até consequências drásticas. Cecília

Meireles, por exemplo, é presa e têm a sua tradução da obra *As aventuras de Tom Sawyer* destruída, pois é julgada subversiva para aquele momento político. Contudo, durante o Estado Novo (1937-1945), percebe-se que não apenas os tradutores são presos, escritores nacionais conhecidos são mandados para o cárcere, como é o caso de Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Gilberto Freire e outros. Para Hallewell, o critério para apreender um livro pode estar relacionado à linguagem, ou até mesmo à presença de erotismo no tema, como acontece com os livros *O país do carnaval*, *Cacau*, *Suor*, *Jubiabá*, *Mar morto* e *Capitães de areia*, do escritor baiano Jorge Amado: em 1937 mais de mil exemplares de seus livros são queimados em praça pública, em Salvador (HALLEWELL, 1985, p.370).

Devido a esta forte pressão e controle no Estado Novo, os editores preferem investir em uma atividade que lhes dê mais flexibilidade, e passam a ocupar-se da tradução de textos estrangeiros, de literatura infantil ou livros didáticos (WYLER, 2003, p.111). Contudo, apesar da censura, até obras vindas da antiga União Soviética encontram espaço entre as décadas de 30 e 40, como é possível ver no capítulo 3 desta pesquisa, textos importantes da corrente marxista soviética são traduzidos no Brasil por um grupo de ex-comunistas de corrente trotskistas. Curioso é o fato de em 1936 ser criada a Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo e mesmo assim essas obras conseguem espaço no sistema literário brasileiro.

Do outro lado, vale ressaltar que o governo de Vargas, à frente de uma revolução que se diz nacionalista, baseada no desenvolvimento industrial e em outras mudanças de cunho trabalhista, educacional e social, investe na tradução e publicação de obras inéditas ou de importância literária e educativa, não só porque pretende diminuir a taxa de analfabetismo, bastante elevada, mas de modo especial porque visa contribuir para a geração de mão de obra qualificada, além de difundir os ideais do governo. Entre os incentivos à divulgação da leitura pelo governo está a criação em 1937 do *Instituto Nacional do Livro* que, além de apoiar a edição de obras literárias consideradas importantes para a formação cultural da nação, também se torna referência na criação de bibliotecas públicas por todo o país, com a intenção de criar uma identidade nacional. Entre os intelectuais que trabalham na direção do Instituto estão Augusto Meyer, Mário de Andrade, entre outros.

No entanto, é a partir de 1939, com a movimentação da Alemanha expansionista no decorrer da Segunda Guerra Mundial, que o Brasil rompe as importações com os países do eixo. Pensando em dificultar a entrada de textos estrangeiros traduzidos que criticam seu

governo, Vargas tenta evitar que informações negativas, veiculadas, nas obras importadas ou produzidas no país, assim como nos jornais e revistas literárias, sejam divulgadas nos meios de comunicação. Para este fim, em 1939 é criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), cuja função é a de controlar as manifestações literárias e culturais importadas ou nacionais que ofendam os interesses do governo. Entre a responsabilidade do DIP está a fiscalização de eventos artísticos e culturais, como o teatro e o cinema, ou qualquer outra manifestação nos veículos de comunicação, como no rádio e na televisão, ou ainda qualquer material impresso de natureza literária que aborde as problemáticas sociais e políticas do país.

Como aponta Hallewell (1985), com medo de que os comentários políticos sejam motivos de fechamento de jornais e revistas, estes veículos de comunicação passam “a dedicar espaço a assuntos menos arriscados, tais como resenhas de livros e crítica literária” (HALLEWELL, 1985, p. 369). Além disso, para garantir a aceitação das matérias, são veiculadas, por meio de propaganda política, imagens positivas do governo de Getúlio Vargas, como aquelas que circulam no programa diário obrigatório de rádio, a *Hora do Brasil*, programa que vai ao ar ainda hoje com o título *A voz do Brasil*.

A partir destas considerações, pode-se pensar que a entrada de tantos livros pertencentes à literatura policial ou à literatura infantil esteja diretamente relacionada à forte censura imposta, durante o período do Estado Novo. Até mesmo editoras conhecidas por publicar a literatura nacional, como é o caso do editor José Olympio, voltam sua atenção para a literatura traduzida, de modo especial para os romances de aventura e do gênero policial, por serem aqueles que têm mais procura e ao mesmo tempo por não oferecer grandes riscos de censura. (WYLER, 2003, p.112).

2. A TRAJETÓRIA POLÍTICA E LITERÁRIA DE IGNAZIO SILONE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

2.1 Intelectuais em exílio nos anos do fascismo

No início dos anos vinte, a Itália, pátria de Ignazio Silone, Carlo Sforza e Benedetto Croce, enfrenta uma forte crise social e política. O *Partido Nacional Fascista* de Benito Mussolini ganha espaço e a atenção dos grandes empresários industriais, que veem no ex-socialista um instrumento útil para contrastar o partido operário, esperançoso por uma revolução. Vale lembrar o movimento revolucionário na União Soviética em 1917, base para a fundação do partido comunista deste país. Enquanto os partidos de esquerda na Itália, como o *Partido Socialista Italiano* ou o *Partido Comunista d'Italia*, se dividem ideologicamente, sem, contudo, encontrar uma solução para os problemas sociais e econômicos do país, é Benito Mussolini do *Partido Nacional Fascista* que assume o cargo de primeiro ministro em 1922, sendo nomeado pelo rei depois da famosa Marcha sobre Roma.

Nos planos da nova administração não é aceita a interferência da oposição. Um exemplo é a morte do político Giacomo Matteotti, em 10 de junho de 1924, assassinado por militantes fascistas por ter acusado Mussolini de fraudar as eleições ocorridas em abril do mesmo ano. O controle e a censura do Estado aumentam ainda mais após 1926, quando são criados órgãos oficiais que fiscalizam e punem os subversivos, como é o caso da *Organizzazione per la vigilanza e la repressione dell'antifascismo* (OVRA), espécie de polícia política, criada em 1930. O político e filósofo Antonio Gramsci, um dos fundadores do *Partido Comunista d'Italia*, em 1921, é um dos que vivenciam a experiência do cárcere em 1926. Mesmo com a saúde bastante debilitada, durante a prisão, Gramsci escreve as obras: *Cartas do Cárcere*, endereçadas a parentes e amigos, e ainda os 29 *Cadernos do cárcere*, escritos entre 1929 e 1937. Gramsci e Matteotti são apenas dois exemplos que evidenciam como o regime fascista sufoca a oposição, considerada um crime contra o Estado. Aquele que se contrapõe responde perante o tribunal, é posto sob vigilância ou é enviado para a prisão (SALVADORI, 1990, p. 1222).

Para tantos escritores, intelectuais e artista italianos, o exílio, entendido aqui como deslocamento físico, representa uma via que lhes permite preservar a liberdade de expressão e ação. No entanto, alguns intelectuais vivem o “exílio” dentro do próprio país, como é o caso do

estudioso de história e filosofia, Benedetto Croce (1866-1952) que, mesmo estando sob observação, pode continuar suas atividades intelectuais na Itália: por exemplo, é diretor e fundador da revista *La Critica* 1903-1944¹⁹. O desenvolvimento desta atividade é possível pelo fato de Croce já ocupar um espaço importante na cultura italiana nas primeiras décadas do século XX. Tal tolerância é concedida por Mussolini provavelmente pelo temor de gerar hostilidade por parte dos demais intelectuais italianos e até em nível europeu, ao contrastar um intelectual conhecido e respeitado como Croce. Do outro lado, a posição antifascista de Croce não poderia ser mais clara na resposta dada ao *Manifesto dos intelectuais fascistas*, do mês de abril de 1925, publicado no jornal *Popolo d'Italia*, órgão oficial do *Partido Nacional Fascista*. A este documento, redigido por intelectuais convidados por Mussolini para participar das mudanças propostas pelo Estado fascista, Croce rebate com um outro, o *Manifesto dos intelectuais antifascistas*, publicado no jornal *Il Mondo*,²⁰ no dia 1º de maio de 1925. Nas declarações de Croce, ressoa a defesa da liberdade do indivíduo e da cultura frente à política. Segundo o filósofo, o homem e a cultura artística devem ser livres para criar, e não podem seguir regras impostas por um determinado grupo político, sobre como elaborar uma criação artística. A visão de Croce contrasta a mensagem transmitida no manifesto dos intelectuais fascistas, segundo os quais os demais colegas devem se comportar de acordo com a ideologia do partido fascista.

Croce afirma ainda que os intelectuais, como qualquer outro cidadão, tem o direito de se inscrever em um partido e servi-lo com fidelidade, com a premissa que não se contamine a literatura com a política, pois a primeira deve ser autônoma e independente, uma vez que é fruto do intelecto e do espírito humano. Essa posição com diferenças, é apoiada por muitos outros intelectuais italianos que assinam o manifesto, entre os quais estão os nomes do crítico de arte e literatura, já mencionado, Emilio Cecchi; do economista e futuro

¹⁹ A publicação aborda temas referentes à filosofia, história e literatura. Entre os colaboradores está o filósofo Giovanni Gentile, que deixa de publicar seus ensaios em 1923, quando decide apoiar o fascismo, trabalhando neste governo como ministro da educação de 1922 a 1925. Outra informação diz respeito à continuação da revista: após 1944 tem seguimento nos *Quaderni della Critica* (1945-1951), que também contribuem para o debate e florescimento cultural italiano da primeira metade do século XX.

²⁰ O jornal romano fundado por Giovanni Amendola circula entre 1922 e 1926, quando é fechado pelo regime fascista no mesmo ano da morte de seu fundador, falecido em consequência de agressões sofridas por militantes fascistas. Entre outras informações, o jornal também irá publicar acusações contra Mussolini pela morte do político Matteotti em 10 de 1924.

presidente da Itália de 1948 a 1955, Luigi Einaudi; do escritor, poeta, jornalista e tradutor, prêmio Nobel, Eugênio Montale; e ainda de Gaetano Salvemini, cuja atuação cultural e política será abordada mais à frente.

Por suas intervenções e contribuições nos campos da filosofia da estética, as obras de Croce chegam até os brasileiros, como confirma a lista de obras traduzidas cadastradas no *Dicionário Bibliográfico de Literatura traduzida (1900-1950)*²¹. Dentre a sua vasta produção de ensaios e obras de filosofia, história e estética, entre os textos traduzidos na primeira metade do século XX se encontram: *Aspectos morais da vida política*, publicado na Itália em 1928 e no Brasil em 1935; e ainda *Breviário de estética*, publicado aqui em 1940, e na Itália desde 1912. Outro livro é *Materialismo histórico e economia marxista*, publicado em 1948, quarenta e oito anos após a primeira edição italiana, em 1900. Junta-se ainda à lista das obras de Croce traduzidas no Brasil uma edição de *Orientações - Pequenos ensaios de Philosophia política*, sem data de publicação, da editora Athena (ou Atena). O tempo transcorrido entre a publicação italiana e a brasileira não pode passar despercebido. Observa-se que a tradução dos textos de Croce no Brasil começa a aparecer nas décadas de 30 e 40.

Poderia-se pensar que a presença dos textos de Croce no Brasil nos anos 30 e 40 também esteja relacionada ao contexto político deste momento, dominado pelo Estado Novo. Croce, além de exercer a função de filósofo, escritor e historiador, ainda participa da política italiana: em 1910, é eleito para o cargo de senador. Ele também é eleito Ministro da Instrução Pública de 1920-1921, até se opor à política de governo de Benito Mussolini, que Croce apoiara em um primeiro momento. Ainda em sua trajetória política, Benedetto Croce é um dos responsáveis pela reconstrução do *Partito Liberale Italiano* (1944-1994), que tinha sido dissolvido em 1925 pelo fascismo. Enfim, a experiência política de Croce certamente contribui para o seu amadurecimento intelectual e vice-versa.

Croce, porém, é uma exceção entre os intelectuais que se declaram antifascistas, mas não é obrigado a deixar a Itália. O escritor, jornalista e editor, Giuseppe Prezzolini (1882-1982), ao contrário de Croce, escolhe o exílio voluntário na América do Norte, sem contudo deixar de debater as problemáticas da sua pátria. Entre as suas contribuições culturais e literárias na Itália, está a fundação de duas

²¹ A lista das obras traduzidas de Croce podem ser acessadas no endereço: <<http://www.dlit.ufsc.br/dicionario/dados_autor/26>>. Acessado em 17/11/2013.

importantes revistas no início do novecentos italiano: *Leonardo*²² (1903-1908) e *La Voce*²³ (1908-1916). Prezzolini ainda colabora com a revista *Il Regno*²⁴ (1903-1906), além de exercer a função de editor da *Libreria della Voce*, editora gerenciada pelo mesmo grupo da revista *La Voce*.

É ainda na carreira de jornalista que, entre 1914 e 1915, entra em contato com o jornal *Popolo d'Italia*, cuja direção está a cargo de Benito Mussolini. Os dois ainda se encontrariam em outro momento: Prezzolini, assim como o futuro ditador, concorda em participar como voluntário na Primeira Guerra Mundial. Mas o caminho dos dois jornalistas se separa a partir de 1923, um ano após Mussolini assumir o cargo de primeiro ministro. Entre 1923 e 1927, Prezzolini é convidado pela Columbia University, nos Estados Unidos, para ministrar cursos de verão, e a partir desta viagem vive no exílio: por um tempo mais curto em Paris, onde já havia estado em 1900, e em seguida em Nova Iorque, a partir de 1929, onde continua o trabalho acadêmico na Columbia University, a mesma instituição que lhe dará em 1948 o título de professor emérito, um reconhecimento pelo seu trabalho com a *italianística*, isto é, com o estudo da língua, literatura e cultura italiana. Junto à atividade de ensino acadêmico, no período em que se encontra no exterior, Prezzolini colabora com importantes jornais, entre os quais os italianos *Il Tempo*²⁵ (1944) e *Il Borghese*²⁶ (1950). Mas além da atividade jornalística e acadêmica, Prezzolini é autor de diversos

²² Revista literária mensal fundada em Florença por Prezzolini, por seu grande amigo Giovanni Papini, e ainda Giovanni Costetti, Adolfo De Carolis, Giuseppe Antonio Borghese, Alfredo Bona e Ernesto Macinai.

²³ É outra revista fundada por Giuseppe Prezzolini e Giovanni Papini. A partir de 1916, por apoiar a intervenção da Itália na guerra, Prezzolini sai da direção da revista, que passa para o crítico literário Giuseppe De Robertis, o qual transforma *La Voce* em uma revista exclusivamente literária. Vale ressaltar que no início de sua atividade a revista florentina sai semanalmente, e após 1914, quinzenalmente. Durante a sua existência fazem parte do quadro de colaboradores importantes intelectuais, como Giovanni Amendola, Benedetto Croce, Emilio Cecchi, Luigi Einaudi, Romolo Murri e Gaetano Salvemini, entre outros críticos, escritores e intelectuais. Este último colabora até 1911, quando por razões ideológicas sai da revista e funda a sua própria, *L'Unità*, no final de 1911.

²⁴ Revista semanal fundada em Florença pelo jornalista e político Enrico Corradini. O nome de Giovanni Papini também está presente entre os colaboradores.

²⁵ Jornal romano, fundado por Renato Angiolillo, em 1944, e ainda hoje ativo. Entre os anos de 1944 e 1945 colaboram com o jornal personagens representativos da cultura italiana: Massimo Bontempelli, Emilio Cecchi, Alberto Moravia, Guido Piovene, Vitaliano Brancati entre outros.

²⁶ Jornal semanal fundado em Milão pelo escritor Leo Longanesi, em 1950. Ainda hoje continua as suas atividades, mas como periódico mensal, publicado em Roma pela editora Nuove Idee.

ensaios, memoriais e biografias sobre Giovanni Amendola, Giovanni Papini, Benedetto Croce e também de Benito Mussolini.

Ao contrário de Prezzolini, outros intelectuais, que se opõem ao regime fascista, são presos ou mortos, e outros se veem obrigados a deixar o país, para não serem capturados pela polícia fascista. É o caso de Gaetano Salvemini (1873-1957), considerado o primeiro histórico antifascista italiano, segundo Salvadori, em *L'età contemporanea* (1990). Como intelectual colabora com jornais e revistas, como *La Voce*, já citada; e junto com os irmãos Carlo Rosselli e Nello Rosselli²⁷ e ainda com Nello Traquandi²⁸ e Ernesto Rossi são responsáveis pela fundação do jornal clandestino florentino *Non Mollare*, (título não menos significativo), que circula de janeiro a outubro de 1925, em edição diária²⁹. O jornal nasce um ano após a morte do político socialista Giacomo Matteotti, já citado, cuja morte é assumida depois pelo próprio Mussolini. Como indica o título, o jornal defende o livre direito de expressão do pensamento, algo que não é possível nesse momento, na Itália fascista.

Nesse mesmo ano de 1925, quando o jornal é fechado, Salvemini é preso pela polícia fascista, em Roma, e após o processo se refugia em Paris, cidade onde continuará combatendo o fascismo no movimento antifascista *Giustizia e Libertà* (1929- 1945)³⁰ e no *Partido d'Azione* (1942-1947)³¹. O ano de 1925 é também significativo para o intervencionista democrático, porque Salvemini declara abertamente sua posição antifascista; pede demissão do cargo de professor universitário em Florença, pois se recusa a colaborar com a formação do Estado fascista. Na carta endereçada ao reitor, ele diz que voltará a

²⁷ Os irmãos Rosselli são assassinados em Paris em 1937, cidade onde viveram por muito tempo como exilados políticos. Os dois são mortos provavelmente por ordens do fascismo.

²⁸ O nome de Nello Traquandri, aquele de Salmevimi, Carlo Rosselli, do advogado Enrico Bocci, do médico Dino Vannucci, do ferroviário Raffaele Cristofani, e do professor Ernesto Rossi, estão relacionados também à fundação da associação antifascista florentina *L'Italia Libera* (1943-1947), também órgão do *Partito d'Azione* (1942-1947).

²⁹ De 1945 a 1961 circula em forma de revista.

³⁰ O movimento antifascista tem início em 1929, em Paris, e é organizado por um grupo de políticos e intelectuais exilados na capital francesa, que consideravam a atividade da *Concentrazione Antifascista* (1927-1934) uma sombra do passado. O movimento *Giustizia e Libertà* constituiria uma terceira via entre o fascismo e o comunismo. Entre os líderes se destacam Carlo Rosselli, Sandro Pertini e Ferruccio Parri, Ernesto Rossi, Emilio Lusso e o próprio Gaetano Salvemini, que após ter colaborado com o movimento *Concentrazione Antifascista*, decide romper com este.

³¹ O partido de oposição antifascista se constitui pela confluência de ex militantes do movimento *Giustizia e Libertà*, tem como órgão o jornal *L'Italia Libera* e se inspira nos valores ideológicos do antigo partido político que leva o mesmo nome, fundado por Giuseppe Mazzini em 1853 e dissolvido em 1867.

servir seu país quando este tiver adquirido um governo democrático e civil:

Senhor Reitor, a ditadura fascista já suprimiu completamente em nosso país aquelas condições de liberdade sem as quais o ensino universitário de história – como o entendo – perde toda a dignidade, porque deve parar de ser instrumento de livre educação civil para reduzir-se a uma servil adulação do partido dominante, ou a simples exercícios de erudição, longe da consciência moral do mestre e dos alunos.

Sou obrigado então a separar-me dos meus jovens e dos meus colegas, com profunda dor, mas com a certeza de cumprir um dever de lealdade em relação a eles, antes que um dever de coerência e de respeito em relação a mim mesmo.

Voltarei a servir meu país na escola quando tivermos adquirido um governo civil. (SALVEMINI, 1925, apud SALVADORI, 1999, p. 1223)³²

Outro que também se recusa a participar da construção do Estado fascista e passa pelo caminho do exílio, mas que não é muito considerado hoje pelas páginas culturais é o diplomático, político e escritor, Carlo Sforza (1872-1952). Quando chega a notícia a Sforza que Benito Mussolini é nomeado primeiro ministro italiano em 1922, pede demissão do cargo de embaixador, na França. O caminho de exilado o leva a viver também na França, Bélgica, Grã-Bretanha e Estados Unidos. Mesmo estando longe de sua pátria, Sforza mantém o contato com movimentos antifascistas como *Giustizia e Libertà* e o *Partito d’Azione*, já citados. A sua escritura ganha espaço em outras partes do mundo, como é o caso do Brasil. Segundo dados do *Dicionário de literatura italiana traduzida* (1900-1950), o nome de Sforza circula a partir da tradução de quatro obras: *Os construtores da*

³² “Signor Rettore, la dittatura fascista ha soppresso, oramai, completamente, nel nostro paese, quelle condizioni di libertà, mancando le quali l’insegnamento universitario della storia - quale lo intendo - perde ogni dignità, perché deve cessare di essere strumento di libera educazione civile e ridursi a servile adulazione del partito dominante, oppure a mere esercitazioni erudite, estranee alla coscienza morale del maestro e degli alunni.

Sono costretto perciò a dividermi dai miei giovani e dai miei colleghi, con dolore profondo, ma con la coscienza sicura di compiere un dovere di lealtà verso di essi, prima che di coerenza e di rispetto verso me stesso.

Ritornèrò a servire il mio paese nella scuola, quando avremo riacquistato un governo civile.”

Europa moderna, traduzido por A.J. Soares e editado em 1937 pela editora Athena (ou Atena); *O pensamento vivo de Maquiavel*, tradução de Rubens Gomes de Souza, publicado pela Livraria Martins, em 1941; *Os italianos como realmente são*, traduzido por Lelio Laducci, publicado pela editora Atlântica em 1943; *A Itália contemporânea: suas origens morais e intelectuais*, texto traduzido por Jeannette Dente Vianna e Maslowa Gomes Venturi, e editado pela Brasiliense em 1945.

A leitura dos textos de Sforza aqui no Brasil no final da década de 30 e início de 40, pode estar relacionada à sua rápida visita ao país em 1942. O destino final era Montevidéu, onde iria participar do congresso do movimento dos Italianos Livres, do qual era líder.

Ainda continuando a lista dos intelectuais que vivem a experiência do expatriamento, assim como Sforza, Prezzolini e Salvemini, outro nome presente neste panorama que compõe a cartografia do exílio é o de Ignazio Silone (1900-1978), intelectual, político e escritor, que por sua posição antifascista chega a passar quase vinte anos fora da Itália, quinze deles na Suíça. No caso de Silone, a militância em movimentos de esquerda começa já na juventude, desde a participação na *Lega dei contadini*, organização dos trabalhadores de sua cidade natal, Pescina, situada na região do Abruzzo, no centro sul do país. Após esta primeira experiência, Silone vai a Roma e começa a participar da *Federazione Giovanile Socialista Italiana*³³, naquela época uma organização para os jovens do *Partito Socialista Italiano*.

Em 1921, o nome de Silone está entre aqueles dos fundadores do *Partito Comunista d'Italia*, sob a liderança de Antonio Gramsci e Amadeo Bordiga. Estas experiências políticas colocam seu nome na lista dos subversivos do fascismo e o levam a viver como exilado dentro do próprio país, como ele expressa no seu texto *Uscita di Sicurezza* (2001): “Então, eu também durante alguns anos me adaptei a viver como estrangeiro na minha própria Pátria. Foi necessário mudar de nome, abandonar qualquer relação de família e hábito anterior, estabelecer residência em províncias nunca antes frequentadas, e conduzir uma vida aparente que afastasse qualquer suspeita de ação

³³ Fundada em 1903 em Florença, a organização dos jovens socialistas é dissolvida em 1921, quando o *Partito Comunista d'Italia*, recém fundado a partir de uma cisão do *Partito Socialista Italiano*, dá início a *Federazione Giovanile Comunista Italiana*. Em 1988, a organização passa a ser de novo do partido socialista, desta vez com o nome de *Movimento Giovanile Socialista*. Dissolvida em 1994, é novamente reorganizada com o nome que leva atualmente de *Federazione dei Giovani Socialisti*.

conspiratória. O partido tornou-se família, escola, igreja e quartel [...]” (SILONE, 2001, p. 824-825)³⁴.

Como as próprias palavras do intelectual afirmam, o partido o completa como uma família, uma religião, uma doutrina, ou ainda como um quartel, onde todos os membros lutam por uma mesma ideologia. Participar do partido, para Silone, significa também preencher um vazio: é órfão desde os quinze anos de idade, em decorrência do terremoto de 1915, que assola a sua região. Ele e o irmão Romolo, os únicos sobreviventes da família, ficam aos cuidados da avó materna e também recebem a atenção do religioso Don Orione, que se dedica a cuidar das crianças órfãs do terremoto.

Voltando à sua experiência intelectual e política, com a situação italiana sempre mais sufocante, Silone é obrigado a deixar a Itália; segue primeiro para Berlim e depois para a Espanha, onde os movimentos de esquerda também são efervescentes, uma vez que o país está passando por um momento conturbado de sua história política e social, e por uma ditadura militar instalada em 1923. Ainda neste país, Silone conhece as prisões de Madrid e Barcelona, e em 1923, quando escreve artigos para o periódico de caráter revolucionário, *La Batalla*³⁵, começa a assiná-los com o pseudônimo Ignazio Silone, e não mais Secondino Tranquilli, nome que consta no registro de nascimento³⁶. É também no cárcere espanhol, em 1923, que Silone entra em contato pela primeira vez com a literatura de Dostoiévsky, como ele mesmo afirma no ensaio *Primo incontro con Dostoiévsky* (1956). Neste momento se encontra preso na enfermaria do presídio, sob recomendação médica, devido à saúde debilitada. A leitura dos textos do escritor russo é possibilitada por um detento que traz consigo alguns exemplares em língua francesa dos livros de Dostoiévsky. Desta forma, Silone tem a oportunidade de ler pela primeira vez *O idiota* e *Os irmãos Karamazov*, leituras bastante significativas nesse momento de aprisionamento, como ele mesmo afirma:

³⁴ “Così, anch’io, durante alcuni anni, m’adattai a vivere come straniero in Patria. Fu necessario cambiar nome, abbandonare ogni precedente relazione di famiglia e consuetudine, fissare la residenza in province prima mai frequentate, e condurre una vita apparentemente che allontanasse ogni sospetto d’azione cospirativa. Il partito diventò famiglia scuola chiesa e caserma[...]”

³⁵ Periódico fundado em Barcelona em 1922, durante a ditadura de Primo de Rivera. Em 1925 é dissolvido pelo general Martínez Anido, mas continuará as suas atividades durante toda a década de 30. Irá ser legalizado e publicado na França durante a Segunda Guerra Mundial, circulando também na Espanha.

³⁶ Somente em 1947 recebe a autorização do tribunal da cidade de Áquila, capital da região do Abruzzo, para adotar de forma oficial e definitiva o pseudônimo Ignazio Silone, nome que está presente nas capas de seus livros

Não sei dizer a vocês o quanto fiquei chocado e extasiado. Nenhuma outra obra literária me fez tal impressão. Acabei por perder qualquer noção de tempo e de lugar. Efetivamente eu não estava mais no cárcere. Lendo aqueles livros, as estreitas paredes da cela sumiam. E eu me encontrava a milhares de quilômetros de distância, em uma atmosfera que me enchia de uma ansiedade até então desconhecida.³⁷ (SILONE, In *La Fiera Letteraria*, 04 de março de 1956)

Depois de passar pela Espanha, Silone se refugia na França, permanecendo em Paris até 1925, onde colabora com o jornal italiano *La Riscossa*³⁸. Vale ressaltar que muitas personalidades da política e da literatura transcorrem um período em solo francês, como é o caso de Gaetano Salvemini, dos irmãos Carlo e Nello Rosselli, Carlo Sforza, entre outros. Esta permanência pode estar relacionada à proximidade territorial entre os dois países e até à aproximação linguística, uma vez que as duas línguas derivam do latim; além disso, é evidente a aproximação cultural, uma vez que a Itália traz na sua história vestígios da cultura francesa e vice-versa.

Neste período, Silone ainda não pode voltar à sua pátria, pois seria preso pela polícia fascista. Como escreve no texto *Uscita di Sicurezza* (2001), é grande o número dos encarcerados pelo regime, sobretudo depois de 1926, quando o controle e a censura se tornam mais fortes: “O número dos encarcerados era já bastante elevado e aumentava a cada dia, em base aos nomes e aos endereços que naquele modo resultavam das perseguições, das denúncias dos espíões, dos provocadores e dos depoimentos dos presos mais fracos, forçados pelas ameaças ou pela tortura”³⁹ (SILONE, 2001, p.797).

Durante a peregrinação por várias partes do continente: Alemanha, Espanha, França e Rússia, Silone ganha amadurecimento

³⁷ “Non so dirvi quanto ne rimasi sconvolto e rapito. Nessun'altra opera letteraria mi ha mai fatto una tale impressione. Finiti col perdere ogni nozione di tempo e di luogo. Effettivamente non ero più in carcere. Leggendo quei libri, le angustie pareti della cella svanivano, ed io mi ritrovavo a migliaia di chilometri di li, in un'atmosfera che mi riempiva di un'ansietà fino allora sconosciuta.”

³⁸ Jornal clandestino semanal que circula na Itália entre outubro de 1943 e julho de 1944.

³⁹ “Il numero degli arrestati era già assai elevato e si accresceva di giorno in giorno in base ai nomi e agli indirizzi che in quel modo risultavano dalle perquisizioni, dalle denunce delle spie, dei provocatori e dalle deposizioni degli arrestati più deboli, costretti dalle minacce o dalla tortura.”

político e intelectual. Neste último país, por exemplo, começa a perceber que a ideia de socialismo pregada pelo partido comunista não é exatamente aquela pela qual acredita estar lutando. Muitos questionamentos surgem entre 1921 e 1927, período em que vai a Moscou para participar de reuniões e congressos, como membro da delegação comunista italiana: em 1921 participa do terceiro congresso da internacional comunista; em outro encontro, participa também como delegado da VIII Internacional, junto com Palmiro Togliatti, um dos fundadores e secretário do partido comunista. Mas depois desses encontros fica evidente para Silone a postura autoritária do comunismo russo: “O que me impressionou nos comunistas russos, mesmo em personalidades realmente excepcionais, como Lênin e Trotsky, foi a incapacidade absoluta para discutir honestamente as opiniões contrárias às próprias”.⁴⁰ (SILONE, 2001, p.827)

A falta de diálogo dentro do partido e a incapacidade de ouvir a opinião de seus membros deixam Silone em dúvida, pois se nem mesmo os representantes que estão à frente do partido são ouvidos, o que dizer dos demais seguidores, como os operários e camponeses, que acreditam de fato em uma revolução? Se até o momento o partido constituía para ele a esperança de mudança na história política da Itália, depois das reuniões e congressos em Moscou, Silone se pergunta se não há algo de errado na postura dos dirigentes internos, de modo especial dos líderes políticos, Lênin, Trotsky e Stalin. Na reunião extraordinária de 1927, com os dirigentes mais importantes das delegações, da qual participa a pedido de Togliatti, Silone pode presenciar como as decisões são tomadas de forma autoritária dentro do partido. Um exemplo é o projeto apresentado para votação contra Trotsky, sem que os delegados presentes pudessem ter tido acesso ao documento que o culpava. De acordo com os representantes da delegação russa, o documento teria sido escrito por Trotsky e depois endereçado à direção do partido russo. Silone relata em *Uscita di Sicurezza* (2001) que não entende como os delegados presentes possam votar a condenação de um companheiro de grupo sem antes ter acesso às provas de sua condenação. Um dos delegados, o alemão Ernst Thalmann, confirma que nem mesmos as delegações das outras nações conhecem o suposto documento que teria sido escrito por Trotsky.

⁴⁰ “Ciò che mi colpì nei comunisti russi, anche in personalità veramente eccezionali come Lenin e Trotsky, era l’assoluta incapacità di discutere lealmente le opinioni contrarie alle proprie.”

A situação se torna tão delicada, que o próprio Stalin resolve intervir, explicando que o diretório político do partido não traduziu e distribuiu o documento aos delegados porque achou que não fosse conveniente discutir os problemas internos do Estado soviético em relação à sua atuação na China. De acordo com Silone, o famoso documento, publicado mais tarde pelo próprio Trotsky, não apresentava algum segredo de estado, ao contrário, se tratava de uma tentativa encontrada por Stalin para não debater sobre o próprio erro, em relação à política conduzida pela União Soviética na China (SILONE, 2001, p. 834-835). A partir desses episódios contraditórios, Silone é tomado por um desconforto, até por um sentimento de culpa, por ter trabalhado tão duramente em algo que acreditava fazer a diferença, principalmente para a classe operária, mas que no final demonstra ser um regime autoritário. Contudo, sair do partido não parece ser uma tarefa fácil, pois é preciso antes de tudo liberar-se de convicções pelas quais luta desde a juventude e que fazem parte da sua formação ideológica.

A verdade é que não é possível livrar-se do Partido Comunista assim como se pode sair do Partido Liberal, até porque a ligação com o partido é em proporção aos sacrifícios que ele custa. Além do mais, como foi já afirmado e analisado, o Partido comunista para os seus militantes, não é somente, nem principalmente, um órgão político, mas escola, igreja, quartel, família: é uma instituição totalitária no sentido mais completo e verdadeiro da palavra, e empenha integralmente quem se submete a este⁴¹. (SILONE, 2001, p.852)

Segundo tal definição, os membros do Partido estão unidos por um laço não só de amizade, mas sobretudo por uma ideologia. De fato, um grupo só consegue a coesão quando todos os seus integrantes caminham na mesma direção, ou seja, tem os mesmos objetivos. Caso contrário, ao invés de ter a unidade no grupo, tem apenas alguns membros que tomam as decisões por si só como acontece com o regime

⁴¹ “La verità è che non ci si libera dal Partito comunista come ci si dimette dal Partito liberale, poiché oltretutto il legame col partito è in proporzione dei sacrifici che esso costa. E in più, come è stato già affermato e analizzato, il Partito comunista, per i suoi militanti, non è solo, né principalmente, un organismo politico, ma scuola chiesa caserma famiglia: è un’istituzione totalitaria nel senso più completo e genuino della parola, e impegna interamente chi vi si sottomette.”

comunista, que após questionamentos de Silone prefere afastá-lo de vez. A notícia da expulsão do partido em 1931 acontece em um momento bastante delicado da vida de Silone, quando se encontra sob observação em um hospital na cidade de Davos, na Suíça, para cuidar da tuberculose, doença que o acompanha desde a infância. Desiludido e amargurado com a política, Silone vive um momento de grande tristeza e dor, uma espécie de luto pelo tempo gasto e pelos sacrifícios que teve que enfrentar ao seguir o partido. A angústia desta separação o acompanhará para sempre, pois se trata de uma experiência muito profunda, como ele próprio afirma:

A verdade é esta: a saída do Partido comunista foi para mim uma data muito triste, um grave luto, o luto da minha juventude. E eu venho de uma região onde o luto é levado por mais tempo que em outros lugares. Não se pode livrar facilmente, eu já disse de uma experiência tão intensa como aquela da organização comunista. Desta sempre fica algo que marca o caráter pelo resto da vida. Vejam, por exemplo, como são reconhecíveis os ex comunistas. Eles constituem uma categoria à parte, como os ex padres e os ex-oficiais de carreira. O número dos ex comunistas já é uma legião⁴². (SILONE, 2001, p.860-861)

Após receber a confirmação da expulsão do partido comunista em 1931, e sem poder entrar na Itália, Silone permanece na Suíça até 1944, quando finalmente pode voltar para casa. Enquanto se encontra na Suíça, Silone não se isola ou convive apenas com seus conterrâneos, ao contrário, ele frequenta os mesmos ambientes culturais em que circulam escritores e críticos conhecidos internacionalmente, como o alemão Nobel de literatura Thomas Mann, que encontra na emigração uma forma de protestar contra o controle da arte e cultura no seu país; e ainda dramaturgos, como Otto Heinrich Weissert e Bertolt Brecht, escritores como Robert Musil, Stephan Hermlin, Agota Kristof, entre

⁴² “La verità è questa: l’uscita dal Partito comunista fu per me una data assai triste, un grave lutto, il lutto della mia gioventù. E io vengo da una contrada in cui il lutto si porta più a lungo che altrove. Non ci si libera facilmente, l’ho già detto, da un’esperienza così intensa come quella dell’organizzazione comunista. Di essa resta sempre qualche cosa che marca il carattere per il resto della vita. Guardate, infatti, come sono riconoscibili gli ex comunisti. Essi costituiscono una categoria a parte, come gli ex preti e gli ex ufficiali di carriera. Il numero degli ex comunisti è ormai una legione.”

outras personalidades que migram para a Suíça. Neste país, além da atividade de jornalista, Silone trabalha como tradutor e escritor, para suprir as dificuldades financeiras, pois já não recebe ajuda do partido comunista (CAVALLARI, 2000, p.29).

Ainda durante o exílio suíço, em 1931 é acusado pelo partido comunista de fazer jogo duplo. Alguns fragmentos de correspondências pessoais trocadas entre Silone e um dos três expulsos, Pietro Tresso, são publicadas em um boletim em Paris. Nas cartas Silone explica os motivos pessoais pelos quais preferia permanecer em silêncio às margens do partido, nem aprovando a política de Trotski, nem as novas diretivas impostas a Moscou, pelo líder, Stalin. Silone não se defende dessas acusações, pois acredita que as ações falam melhor que as palavras, isto é, que sua atuação e postura por si só já bastam. No futuro, Silone se arrepende profundamente desta decisão:

Poderia ter me defendido. Poderia ter provado minha boa fé. Poderia ter demonstrado o meu não pertencimento à facção trotskista. Poderia ter explicado que meu desentendimento com as novas diretivas de Moscou era compartilhado por aqueles mesmos que tinham a tarefa de interrogar-me. Poderia ter contado como tinha acontecido a cena da suposta declaração por mim “deixada” a Togliatti. Poderia tê-los persuadido da minha absoluta indiferença para as posições e hierarquias. Poderia; mas não quis. Em um instante tive a claríssima percepção da inutilidade de cada esperteza, tática, espera, compromisso. Após um mês, após dois anos, eu teria voltado ao começo. Era melhor acabar com isso de uma vez por todas. Não devia deixar escapar aquela nova, providencial oportunidade, aquela “saída de emergência”. Não tinha mais sentido ficar ali brigando. Tinha acabado. Graças a Deus⁴³. (SILONE, 2001, p.858)

⁴³ “Avrei potuto difendermi. Avrei potuto provare la mia buona fede. Avrei potuto dimostrare la mia non appartenenza alla frazione trotskista. Avrei potuto precisare che il mio disaccordo con le nuove direttive di Mosca era condiviso da quelli stessi ch'erano incaricati d'interrogarmi. Avrei potuto raccontare come si era svolta la scena della pretesa dichiarazione da me “rilasciata” a Togliatti. Avrei potuto persuaderli della mia assoluta indifferenza per i posti e gerarchie. Avrei potuto; ma non volli. In un attimo ebbi a chiarissima percezione dell'inermità d'ogni furberia, tattica, attesa, compromesso. Dopo un mese, dopo due anni, mi sarei trovato da capo. Era meglio finirla una volta per sempre. Non dovevo lasciarmi sfuggire

Além da hostilidade por parte dos próprios companheiros, um ano depois do afastamento e expulsão definitivos do partido, Silone sofre a perda do irmão Romolo, preso em 1928, acusado de pertencer ao comunismo e morto no cárcere em 1932, devido aos maus tratos. O próprio Romolo comenta a respeito da prisão: “tentei me comportar como imaginei que você teria se comportado, no meu lugar”⁴⁴ (SILONE, 2001, p.856). Silone dedicará ao irmão o primeiro romance, o seu primeiro grande sucesso literário, *Fontamara*.

Em meio ao exílio, à doença, à ausência da família e do partido, contudo, rodeado pela presença das amizades que constrói para sobreviver a esse turbilhão de eventos, Silone continua a escrever artigos para publicações, como a revista antifascista em língua alemã *Information* (1931-1933), fundada junto com um grupo de intelectuais suíços. Na revista, que aborda assuntos referentes à literatura e à arte, colaboram artistas e arquitetos da Bauhaus (escola de arquitetura, arte e design, de origem alemã) além de escritores renomados, tal qual Rudolf Jakob Humm, Ernst Toller e Jean Paul Samson (MOSCARDELLI, 2004, p. 25)

A estadia de Silone na Suíça é mais longa do que nos outros países europeus nos quais busca proteção: são quatorze anos passados neste país (1930-1944), que lhe oferece não somente tratamento de saúde, como a oportunidade de entrar em contato com tantas personalidades mundiais, além de poder continuar desenvolvendo as suas atividades intelectuais, com a premissa de não criar uma ação diplomática que envolva e manche a integridade moral do país.

O período na Suíça também é importante para o primeiro experimento literário do escritor abrucês, uma experiência importante, pois se mostra “[...] como uma saída, ou a única *Uscita di Sicurezza*, para poder continuar fiel a si mesmo. Um espaço onde é possível, ao mesmo tempo, testemunhar e questionar [...]” (PETERLE, 2011, p.128). O ato de escrever, para Silone, nasce da vontade de reviver e até de refletir sobre as relações entre os eventos nos seus vários momentos. Também revela a sua luta incansável como antifascista, iniciada desde a sua juventude, e que continua até depois da separação dos companheiros, com a expulsão do partido comunista.

quella nuova provvidenziale occasione, quell’uscita di sicurezza”. Non aveva più senso star lì a litigare. Era finito. Grazie a Dio.”

44 “Ho cercato di comportarmi come ho immaginato che ti saresti comportato tu, al mio posto”

[...] a um certo momento escrever significou para mim a absoluta necessidade de testemunhar, necessidade irrenunciável de liberar-me de uma obsessão, de afirmar o sentido e os limites de uma dolorosa mas definitiva ruptura, e de uma sincera fidelidade.

O escrever não foi, e não podia ser para mim, com exceção de alguns raros momentos de graça, um agradável prazer estético, mas a dificultosa e solitária continuação de uma luta, após ter me separado de companheiros muito queridos. E as dificuldades que às vezes tenho para me expressar, certamente não vem do desrespeito das famosas regras do belo escrever, é sim de uma consciência que tem dificuldade de fechar algumas feridas escondidas, talvez incuráveis, e que apesar de tudo, com obstinação, exige sua própria integridade. Porque para ser verdadeiro não é evidentemente suficiente ser sincero. Não é então sem esforço que, renunciando as parábolas, empenhei também com este conto⁴⁵ (SILONE, 2001, p. 802-803)

Escrever para Silone tem um sentido mais profundo, não é apenas uma apreciação estética; não que sua obra não tenha qualidades estéticas e poéticas, caso contrário, como justificar o seu sucesso em várias partes do mundo? Ele mesmo afirma que se tem dificuldade para expressar-se, não é por estar preocupado em desrespeitar a arte do “belo escrever”, e sim porque certas feridas internas custam a cicatrizar. A sua preocupação não é com a forma, mas com o conteúdo, pois problematiza e discute sobre questões cruciais do contexto social italiano, que se assemelham a experiências vividas em muitas outras partes do mundo. *Fontamara*, por exemplo, é construída com os “materiais” guardados na memória, de quando ainda vivia no Abruzzo.

45 “[...] a un certo momento scrivere ha significato per me assoluta necessità di testimoniare, bisogno inderogabile di liberarmi da una ossessione, di affermare il senso e i limiti di una dolorosa ma definitiva rottura, e di una più sincera fedeltà. Lo scrivere non è stato, e non poteva essere, per me, salvo in qualche raro momento di grazia, un sereno godimento estetico, ma la penosa e solitaria continuazione di una lotta, dopo essermi separato da compagni assai cari. E le difficoltà con cui sono talvolta alle prese nell’esprimermi, non provengono certo dall’inosservanza delle famose regole del bello scrivere, ma da una coscienza che tenta a rimarginare alcune nascoste ferite, forse inguaribili, e che tuttavia, ostinatamente, esige la propria integrità. Poiché per essere veri non basta evidentemente essere sinceri. Non è dunque senza sforzo che, rinunciando alle parabole, mi sono accinto anche a questo racconto.”

Um romance que segundo o autor faz uso de uma narrativa simples, mas que para a sua surpresa, foi capaz de tocar a sensibilidade de leitores em várias partes do continente.

Alguns anos mais tarde, em 1930, após ter me refugiado doente em um vilarejo de montanha da Suíça, achava não ter muito mais para viver, então comecei a escrever um conto ao qual dei o nome de *Fontamara*. Fabriquei por mim mesmo um vilarejo, com material das amargas lembranças e da imaginação, e eu mesmo comecei a viver nele. Disso resultou um conto bastante simples, até com umas páginas francamente simplórias, mas pela intensa saudade e amor que o animava comoveu leitores de diversos países em medida por mim inesperada⁴⁶ (SILONE, 2001, p.915).

2.2 A primeira experiência literária de Ignazio Silone

O escritor abruçês, portanto, não imagina que a sua primeira experiência literária, *Fontamara*, se tornaria rapidamente tão famosa, sendo traduzida e publicada em todo o mundo. Após a tradução do italiano para a língua alemã por Nettie Sutro, o texto é encaminhado ao editor Bermann-Fischer, de Berlim e ao jornal *Frankfurter Zeitung*, mas não é publicado por nenhum dos dois meios, em decorrência das circunstâncias políticas na Alemanha de Hitler. Publicar uma obra escrita por um exilado antifascista certamente colocaria em perigo de censura qualquer editor. Além do mais, *Fontamara* apresenta nas suas entrelinhas uma forte crítica ao fascismo, regime em vigor na Itália, que tem o incondicional apoio de Hitler.

O romance, ambientado na região natal do escritor Ignazio Silone, narra em flashback as desventuras de um grupo de camponeses pobres, habitantes da pequena aldeia de Fontamara. No prefácio é logo evidenciado desde sempre os fontamarezes são vítimas do abuso e da

⁴⁶ “Alcuni anni più tardi, nel 1930, rifugiatomi ammalato in un villaggio di montagna della Svizzera, credevo di non aver più molto da vivere e allora mi misi a scrivere un racconto al quale posi il nome di *Fontamara*. Mi fabbricai da me un villaggio, col materiale degli amari ricordi e dell’immaginazione, ed io stesso cominciai a viverci dentro. Ne risultò un racconto abbastanza semplice, anzi con delle pagine francamente rozze, ma per l’intensa nostalgia e amore che l’animava, commosse lettori di vari paesi in misura per me inattesa.”

opressão, por parte das autoridades locais, que aproveitam do isolamento geográfico, e sobretudo do analfabetismo dos *cafoni* (camponeses)⁴⁷, para tirar proveito da situação.

Significativos são os eventos narrados pelos três personagens - narradores sobreviventes da tragédia que destrói Fontamara. O primeiro destes acontecimentos ocorrem em 1º de junho, quando a aldeia fica no escuro, sem iluminação elétrica. A aldeia também tem o curso de água desviado, para favorecer as vinhas do Empresário, que acaba de comprar uma grande quantidade de terras de dom Carlo Magno, um dos proprietários mais ricos da cidade. Pensando em se tratar de um mal entendido, um grupo de mulheres decide ir até a cidade para conversar com o prefeito, mas além de não receber a atenção das autoridades, ainda são tratadas de uma forma pior do que aquela reservada a um animal, como ilustra o episódio da fonte: as mulheres procuram beber de uma fonte de água pública, mas nem mesmo esse direito lhes é concedido:

Acontecia o seguinte: já que a água não voltava, afastávamo-nos da fonte; mas assim que nos distanciávamos, a água reaparecia. Isso aconteceu três, quatro vezes. Aproximávamo-nos e a água imediatamente, a fonte secava de repente. Era só nos afastarmos que a fonte novamente burburinhava e a água voltava fresca e abundante. A sede queimava-nos a garganta e nós não podíamos beber. Podíamos somente olhar a água, de longe. Se nos aproximávamos, ela logo ia embora. (SILONE, 2003, p.57)

Ainda na cidade, o grupo de mulheres descobre que não há mais prefeito no novo governo italiano, e sim o *podestà* (figura escolhida pelo governo central). Seguindo uma espécie de via cruz, se dirigem até a casa da nova autoridade local, onde também se encontram todas as outras autoridades influentes de Fontamara, entre os quais o advogado Dom Circostanza, conhecido como amigo do povo. Após um acordo um tanto duvidoso, em que a água seria dividida em duas porções iguais de três quartos, elas voltam para Fontamara. No dia da

⁴⁷ O próprio Silone no prefácio de *Fontamara* explica que o termo deve ser tratado com orgulho: “sei bem que o termo *cafone*, na linguagem corrente do meu país, seja no campo ou na cidade, é ainda um termo ofensivo e depreciativo, eu o uso neste livro na certeza de que quando no meu país a dor deixar de ser uma vergonha, ele se tornará um nome de respeito e, talvez, até honroso” (SILONE, 2003, p. 22).

repartição da água, uma multidão de policiais e de autoridades impedem que os fontamarezes vejam como a água estava sendo dividida: “todos os olhos, portanto, fixaram-se naquele ponto. Tentávamos adivinhar, olhando lá embaixo, o que as autoridades e os nossos representantes estavam decidindo a poucos passos de nós” (SILONE, 2003, p. 176)

Dias depois, com a chegada de Innocenzo La Legge, o cobrador municipal, outros acontecimentos atingem Fontamara. O cobrador informa que após comentários ouvidos pelo Cavaliere Pelino contra o Governo e a Igreja, novas medidas precisam ser aplicadas em Fontamara, tais como o toque de recolher; em locais públicos serão colocados cartazes com a informação de que é proibido falar de política: preços, salários, guerra, imigração, carteirinha de filiação, etc. Mas uma das medidas mais extremas que consta em outro cartaz, traz o decreto de que é proibido pensar, o único direito que ainda lhes restava, e que os diferenciava dos animais irracionais. Estas ordens, segundo Innocenzo La Legge, se aplicam tanto em Fontamara quanto em toda a Itália. Percebe-se, portanto, uma forte crítica implícita no texto literário à política conduzida pelo regime fascista.

Outro episódio marcante acontece no fim de junho, quando os representantes dos *cafoni* são convocados para uma reunião em Avezzano, para ouvir as decisões do governo sobre a divisão das terras férteis do antigo lago Fucino. Mas para surpresa de todos, os fontamarezes se deparam com um grande número de camisas-negras, e são obrigados a cantar um hino que eles desconhecem e a gritar vivas para um ministro do qual nunca ouviram falar. No final deste encontro, os fontamarezes, depois de já terem perdido o direito à água, também perdem as terras do Fucino, que lhes pertenciam por direito.

Berardo Viola talvez seja o único capaz de agir pelos seus conterrâneos, graças a seu caráter revolucionário. Junto com o filho de Matalè e Giuvà, ele vai até Roma para procurar trabalho, e descobre que as coisas na capital são bem diferentes do que imaginava. Uma das maiores dificuldades é aquela de encontrar trabalho em uma Itália burocratizada. É ainda em Roma que Berardo se sacrifica a favor dos fontamarezes, quando assume a responsabilidade pela divulgação de acusações contra o novo governo. Berardo morre na prisão, devido às torturas impostas pela polícia fascista.

O evento do sacrifício de Berardo e outros que vem depois, como o que descrevem o fim da pequena aldeia, queimada por militantes fascistas, são narrados pelos três únicos sobreviventes: mãe, pai e filho, que conseguem escapar do massacre, pois se encontravam

fora de Fontamara. É a partir do relato em dialeto dos três que o narrador organiza os acontecimentos e os traduz em italiano, pois os fontamareneses não conhecem a língua oficial. O narrador busca na memória, dos anos passados junto aos camponeses as imagens da Itália meridional, com suas canções, tradições e paisagens. Descrição que se encontra desde o prefácio do romance, onde também se observa o uso de uma técnica narrativa que mistura ficção e realidade, uma tentativa de convencer o leitor que Fontamara existe realmente. A assinatura no final do prefácio: Ignazio Silone, Davos (Suíça), verão de 1930, estabelece um pacto com o leitor.

De fato o excessivo realismo e a relação conflitante com o regime fascista dificultaram na busca por uma editora. Será a Oprecht & Helblind de Zurique a publicar a obra pela primeira vez em 1933, a mesma editora que também irá publicar em 1934 em língua alemã, outro texto de Silone, *O fascismo: origens e desenvolvimento*, ensaio político que aborda as origens e o alargamento do regime fascista⁴⁸. *Fontamara* é lido, entre outros intelectuais, pelo escritor, histórico e político Angelo Tasca, exilado na França, outra figura chave do partido comunista italiano, do qual também é expulso assim como Silone. No caso de Angelo Tasca, a ruptura acontece em 1929, com a acusação de anti stalinismo. A respeito da leitura de *Fontamara*, em uma carta com data de 29 de maio de 1931 (antes de o romance ser publicado pela Oprecht) Angelo Tasca responde que leu o prefácio e o primeiro capítulo do livro e que os devolverá com algumas observações de leitura. Tasca diz ainda que o escritor, diretor e fundador francês Henri Barbusse escreveu uma nota pedindo que fosse feito um resumo de *Fontamara* para o jornal semanal *Le Monde*⁴⁹, pois o romance estaria presente em uma edição de *Carrefour* (PETERLE, 2011, p.188).

Como texto integral, o romance *Fontamara* é publicado pela Oprecht após a encomenda antecipada de oitocentos exemplares, quantidade que vendida seria suficiente para pagar a primeira tiragem. A partir desta primeira edição, *Fontamara* se torna um verdadeiro best-seller, e é traduzido em curto intervalo de tempo para vários idiomas, como comprovam correspondências trocadas entre Ignazio Silone e o editor Giuseppe Prezzolini. Na carta com data de 04 de outubro de 1934 Prezzolini pede informações a respeito da circulação e divulgação da obra, pois tem o conhecimento que desde a primeira publicação em

⁴⁸ Na Itália o texto é publicado pela primeira vez pela Editora SugarCo, em 1992.

⁴⁹ Angelo Tasca faz parte do jornal como redator, entre 1930 e 1933. George Orwell é uma das personalidades que escrevem no jornal de caráter comunista, fundado e dirigido por Henri Barbusse.

língua alemã o texto já fora traduzido em quatorze línguas e divulgado em forma de capítulos em dezesseis jornais europeus. Prezzolini gostaria de saber o endereço das editoras e jornais que publicaram o romance (PREZZOLINI, 04/10/1934, apud PETERLE, 2006, p.345). O próprio Silone lhe fornece estas informações em uma carta com data de 26 de outubro de 1934. O escritor observa que o texto já conta com dezenove edições e já foi traduzido para o alemão, italiano, holandês, flamingo, dinamarquês, norueguês, sueco, tcheco, húngaro, romeno, esloveno, croata, hebraico, francês, inglês e espanhol. Silone informa ainda que outras traduções estão a caminho, entre as quais uma para o esperanto (SILONE, 26/10/1934, apud PETERLE, 2006, 217).

Em meio ao sucesso de tantas traduções, *Fontamara* recebe uma crítica negativa de Gaetano Salvemini, já citado. Na carta datada de 02 de outubro de 1935, em resposta ao manuscrito mandado por Aline Valangin⁵⁰, Salvemini critica fortemente o romance, afirmando que o uso da primeira pessoa intercalada na voz dos três personagens (mãe, pai e filho, as únicas testemunhas sobreviventes do massacre que acontece na vila de Fontamara) deixa o texto confuso e desorienta o leitor. Além disso, ele acredita que muitas das repetições, recurso estilístico usado por Silone, são desnecessárias. Salvemini diz ainda que pelo texto apresentar situações tão específicas, até mesmo os italianos de outras regiões teriam dificuldade para compreender a obra. Mas ao contrário de Salvemini, que considera a obra intraduzível, o crítico Emilio Cecchi, a considera “excessivamente traduzível”. Essa opinião também é compartilhada pela tradutora de Silone para o francês, Michéle Causse, que expõe que Silone é fácil de traduzir, aliás, um dos mais fáceis, justamente pela sua simplicidade. No entanto, a tradutora aponta que, por Silone exprimir-se em um italiano enxuto e puro (os diálogos dos camponeses transpostos em língua italiana, junto com seu modo de pensar e falar), exige um certo esforço por parte do tradutor, em termos de exatidão linguística. A tradutora Doris Nátia Cavallari também concorda que traduzir Silone é um grande desafio, pois o texto já parte de uma tradução do pensamento dialetal dos camponeses para a língua italiana, isto é, Silone pega emprestada a língua italiana para dar uma abertura maior ao texto (CAVALLARI, 2003, p. 15-16).

Ainda poderiam ser elencados vários motivos que levam a obra ao sucesso e a ser conhecida mundialmente. Um deles é o fato de

⁵⁰ Escritora, tradutora e professora de piano. Também estuda e trabalha como psicanalista. É a primeira pessoa a ler o manuscrito de Silone e se empenhar para encontrar uma editora interessada em publicá-lo. A nível sentimental, ela e Silone tiveram um curto relacionamento.

Ignazio Silone ser bastante conhecido no cenário político, e, portanto, tem o apoio de muitas personalidades de fama mundial. Além disso, os seus posicionamentos como intelectual e colaborador de artigos, dentro e fora do partido, certamente lhe dão grande visibilidade e respeito, mesmo depois de ser expulso. O sucesso também está ligado às questões e problemáticas sociais, políticas e até religiosas tratadas em sua narrativa, que podem ser facilmente encontradas em outras partes do mundo. Por isso, mesmo inseridos em uma realidade geográfica específica, como o próprio Silone escreve no prefácio da obra, os personagens de *Fontamara* se assemelham aos *felás*, os *coolies*, os *peões*, os *mujiques* e outros camponeses pobres que vivem na mesma condição de miséria daqueles que vivem na aldeia de Fontamara:

Fontamara assemelha-se, portanto, sob vários aspectos, a qualquer povoado meridional um pouco fora de mão, entre as planícies e a montanha, fora das vias de tráfego, sendo, por isso, um pouco mais retrógrado, miserável e abandonado que outros. Mas Fontamara tem também aspectos particulares. Do mesmo modo, os camponeses pobres, os homens que fazem frutificar a terra e passam fome, os felás, os *coolies*, os *peões*, os *mujiques*, os *cafoni*, assemelham-se em todos os países do mundo, formam, na face da terra, uma nação à parte, uma raça à parte, uma igreja à parte e, no entanto, não se viram ainda dois pobres totalmente idênticos (SILONE, 2003, p.19-20)

São essas semelhanças e identificação que levam à leitura e releitura do texto em várias partes do mundo, inclusive no Brasil. Cita-se como testemunha uma carta com data de 05 de outubro de 1935, cujo remetente não é informado. No entanto se sabe que vem do Rio de Janeiro e quem a escreve conhece a língua de Silone: portanto se trata provavelmente de um imigrante italiano. Na carta, além de Silone ser informado a respeito da cidade de São Paulo e da interação desta com os imigrantes italianos, ele recebe notícia da circulação de sua obra no país: “*Fontamara* vai muito bem. Suscitou muito interesse, é criticado com muita aprovação, vende bastante bem” (PETERLE, 2006, p, 253).

Em outra carta cujo cenário é o Brasil, de 04 de julho de 1949, e quem a escreve é o embaixador italiano Mario Augusto Martini, ele

informa que Fayga Ostrower (1920-2001), uma artista brasileira muito conhecida por desenhar para algumas revistas importantes no Brasil, especialista em ilustrações de livros, fez quinze incisões a partir da leitura de *Fontamara*. O embaixador diz ainda que assim como Fayga, ele também é um grande admirador do romance de Silone: “Eu também pertencço à densa fileira dos Seus leitores e dos Seus livros, que além do grande valor literário também representaram um sopro de liberdade em um tempo obscuro, estão sempre presentes no meu espírito”. (MARTINI, 1949, 04 de julho de 1949, apud PETERLE, 2006, p. 309)

A releitura da obra *Fontamara* pela artista plástica de origem polaca Fayga Ostrower é também discutida no texto *Fontamara em texto e gravura: confluências do romance de Ignazio Silone com a linoleogravura de Fayga Ostrower*, de Gabriela K. Betella. Para a pesquisadora, um dos pontos em comum entre o escritor e a artista é a condição de exílio que ambos vivenciam, situação que marca o início de suas produções. No caso de Silone a produção de *Fontamara*, e de Fayga, a realização nos anos 40 de uma série de linoleogravuras a partir da leitura da obra italiana (BETELLA, 2012, p. 1). De família judia, depois de sair da Alemanha, Fayga se transfere para a Bélgica para fugir da perseguição contra os judeus e também para exercer a sua arte. Ela migra para o Brasil em 1934, onde constitui família, se dedica ao estudo, ensino, e a cargos importantes, como a presidência da Associação Brasileira de Artes Plásticas entre 1963 e 1966, e ainda se torna membro do Conselho Estadual de Cultura do Rio de Janeiro entre 1982 a 1988. Como artista plástica, as gravuras de *Fontamara* não são a primeira experiência de releitura de um texto literário, pois também ilustrou *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, em 1948. As ilustrações de *Fontamara* e outras gravuras, desenhos, colagens e projetos gráficos, desenvolvidos entre as décadas de 40 e 70 permanecem inéditos até 2011, quando o Instituto Fayga Ostrower realiza a exposição “Fayga Ostrower ilustradora,” no Rio de Janeiro e em São Paulo (BETELLA, 2012, p.4).⁵¹

A condição miserável dos personagens de *Fontamara* é transmitida com tanta nitidez, que é capaz de comover e suscitar releituras em várias partes do mundo, por parte dos leitores. Contudo, apesar de todo o sucesso internacional, o romance será publicado oficialmente na Itália somente depois da guerra. A primeira edição em língua italiana sai clandestinamente em 1934 pela editora Nuove

⁵¹ Nas páginas 166-167, no anexo II, se encontram outras reproduções das linoleogravuras de *Fontamara*, realizadas por Fayga Ostrower em 1945.

edizioni italiane, de Paris-Zurique. Nos anos 40, o livro é novamente publicado em língua italiana pelo editor Jonathan Cape, de Londres, que se responsabiliza pela divulgação tanto de *Fontamara* quanto de *Pane e Vino* na Itália e no resto do mundo. Quando Silone retorna à Itália em 1945, partes do romance saem na revista *Il Risveglio*, liderada entre outros pelo teólogo, estudioso de história e antifascista, Ernesto Bonaiuti (1881-1946) que, em 1931, perde a vaga de professor da universidade de Roma *La Sapienza* por se recusar a prestar juramento de fidelidade ao governo de Mussolini. Em 1947, a pequena editora Faro, de Roma, publica pela primeira vez na íntegra o texto de Silone, após algumas revisões realizadas pelo próprio autor. Após este projeto, dois anos depois é a vez da Mondadori, ainda hoje uma das maiores editoras italianas, a publicar a terceira e última versão do romance⁵², na série *La Medusa degli italiani* (1947-1961),⁵³ coleção voltada à publicação de autores italianos de certo prestígio e valor literário, tais como Alba De Cespede⁵⁴, Dino Buzzati, Alberto Moravia⁵⁵, Elio Vittorini, entre outros. Mas, antes de sair nesta coleção e, sobretudo, de ser publicado oficialmente na Itália, o romance de Silone tem que esperar pelo fim da Segunda Guerra, pois nenhuma editora italiana se arriscaria a editar um texto que trata de problemáticas sociais tão fortes, uma vez que o país está vivendo um momento de regime totalitário. Contudo, como será abordado no próximo capítulo, esta mesma obra proibida de circular na Itália fascista é publicada no Brasil em um cenário bastante parecido com o italiano.

⁵² Silone revisava constantemente as suas obras.

⁵³ Nesta mesma coleção também serão publicadas as obras de Silone *Il seme sotto la neve* em 1950 e ainda *Una manciata di more*, em 1952.

⁵⁴ A escritora italiana é traduzida no Brasil em 1947, como confirma o verbete cadastrado no DLIT: << http://www.dlit.ufsc.br/dicionario/dados_obra/17>>. Acesso em 17/11/2013.

⁵⁵ Duas obras de Moravia estão cadastradas no DLIT, ambas traduzidas na década de 40: << http://www.dlit.ufsc.br/dicionario/dados_autor/31>>. Acesso em 17/11/2013.

3. A TRADUÇÃO DE *FONTAMARA* NO BRASIL

3.1 *Fontamara* traduzido em 1935

Como foi exposto no capítulo anterior, o romance *Fontamara*, publicado em 1933, durante o exílio de Ignazio Silone, na Suíça, rapidamente se torna um verdadeiro best-seller mundial, sendo traduzido num curto intervalo de tempo para mais de vinte idiomas, em várias partes do mundo. É o caso do Brasil, onde em 1935, dois anos após a primeira tradução em língua alemã, o texto é traduzido por Aristides Lobo (1905-1968), e publicado pela editora Cultura Política. Nota-se que o tempo transcorrido entre a primeira edição do texto e a tradução no Brasil é bastante curto, sendo assim, é relevante investigar as motivações que levam à tradução do texto aqui, durante a década de 30. Um estudo deste tipo é importante e pode revelar que um texto traduzido pode vir a representar a imagem cultural de outra sociedade: seu momento político, econômico, social e também literário.

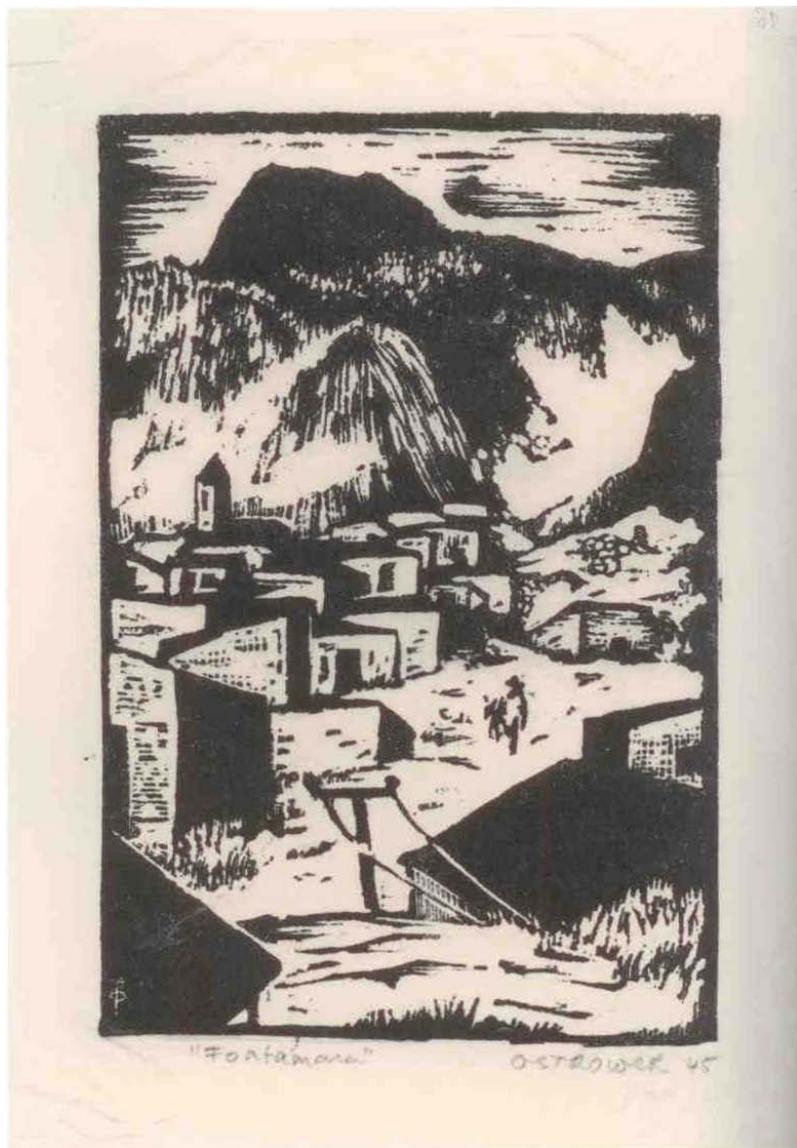


Figura 01. *Fontamara* - Linoleogravura, 1945
Ilustradora: Fayga Ostrower

Acima tem-se a linoleogravura da artista plástica Fayga, cujo cenário pode lembrar um pouco o da capa de 1935. Nessa capa, o vilarejo aparece tomado pelas chamas, como no final do romance, quando Fontamara é destruída. Um detalhe da capa do texto traduzido de 1935 confirma como na reescritura, para recuperar as discussões do primeiro capítulo, reflete certa ideologia e “manipulação” de forma consciente ou não, quando o texto passa a circular numa outra cultura. Como diz o ditado “a imagem vale mais que mil palavras”, a capa por si só é bastante significativa e proporciona muitos questionamentos. Nela está presente a figura de um homem jovem, vestindo uma camisa social e um casaco sobretudo. Ele segura em uma das mãos uma foice, e em seus olhos dilatados há uma expressão “congelada”, como se esse homem estivesse prestando muita atenção em algo, quase um estado de hipnose, em transe. Essas são algumas impressões que podem ser dadas pelos olhos. Passando para a parte da boca e do queixo, tem-se ainda a impressão de uma pessoa forte, viril, pelo contorno da mandíbula, mas há também o início de um sorriso tímido, um traço delicado dos lábios, a própria forma deles que entra em contraste com a masculinidade e força expressa pelo pescoço, seco, quadrado, forte, sem movimento. O aspecto do indivíduo retratado na capa também parece ir de encontro às características de Berardo Viola, personagem que tem os traços físicos e psicológicos suavizados entre a edição dos anos 30 e a revisão feita pelo próprio Silone nos anos 40, quando o texto é publicado em versão definitiva pela Mondadori “[...] de estatura alta, era robusto como o tronco de um carvalho, o pescoço curto e taurino, a cabeça quadrada, mas tinha os olhos bons; conservava na idade adulta os olhos que tinha na meninice. Era incompreensível, e até ridículo, que um homem com aquela força pudesse ter os olhos e o sorriso de um menino [...]” (SILONE, 2003, p.93-94). Contudo, não se pode afirmar se a figura da capa seja ou não uma menção a Berardo Viola. Nota-se, porém que atrás do personagem presente na capa do texto traduzido de 1935, é possível ver uma aldeia envolvida em grandes chamas vermelhas e amarelas; as mesmas cores presentes no título, escrito em letras grandes logo em seguida.

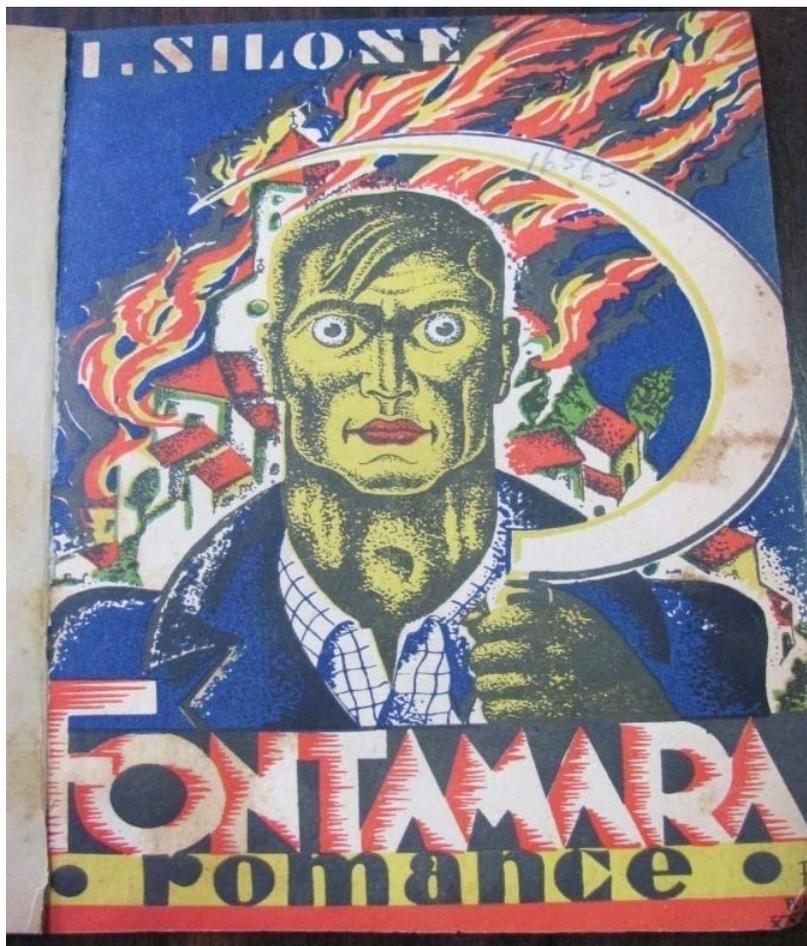


Figura 02. Capa de *Fontamara*, 1935

Editora: Cultura Política

Tradutor: Aristides Lobo

Talvez o uso das cores primárias se justificaria por tornar o texto mais atraente e chamar a atenção do leitor. Contudo, é difícil dizer se a escolha das mesmas pela gráfica corresponde de fato a esse objetivo ou se realmente são utilizadas para mostrar o caráter subversivo do texto traduzido. Como se sabe, a cor vermelha é comumente associada ao socialismo e ao comunismo. O detalhe em cores amarelo e vermelho, de acordo com a ideologia comunista representam a revolução. Interessante ainda a escolha de caracteres tipográficos e cores vivas muito parecidas com aquelas utilizados na época pela propaganda fascista, em cartazes e publicações, talvez com o fim específico, subversivo, de utilizar esta “arma” do inimigo contra ele mesmo.

Já a foice (presente na capa) e ainda o martelo, são símbolos conhecidos, universais, usados por partidos comunistas em várias partes do mundo. A foice representa os trabalhadores do campo e o martelo a classe operária, que trabalha na indústria, na cidade. No Brasil, os dois ícones são utilizados especialmente pelo *Partido Comunista Brasileiro* (PCB) e pelo *Partido Comunista do Brasil* (PC do B).

A partir da escolha de uma capa tão instigante, podem ser feitas algumas interpretações: a ilustração divulga a causa comunista; é uma alegoria à militância do próprio Ignazio Silone; pode representar *Il Solito Sconosciuto*, um antifascista “[...] que fornece o material necessário para que os camponeses escrevam um jornal, denunciando os abusos dos quais são vítimas” (CAVALLARI, 2000, p.74).

Ainda no texto traduzido de 1935, na segunda página se encontram dois comentários críticos que dão mais credibilidade e importância à obra de Silone, pois quem os assina são duas figuras conhecidas pela militância no partido comunista russo: Leon Trotsky (1879-1940) e Karl Radek (1885-1939). O primeiro afirma que, apesar de estar presente no livro a paixão revolucionária, Silone soube transformar o romance em uma “autêntica obra de arte”:

Livro notável. Da primeira à última linha, é dirigido contra o regime fascista na Itália, contra suas mentiras, suas violências e seus horrores. FONTAMARA é um livro de propaganda política apaixonada. Mas, a paixão revolucionária eleva-se aqui tão alto que engendra uma autêntica obra de arte. Fontamara é uma pobre aldeia abandonada do sul da Itália. Em toda a extensão das duzentas páginas do livro, esse nome é como que o símbolo de todas as aldeias italianas, da sua miséria e do seu desespero, mas também da sua revolta. Silone

conhece muito bem os camponeses italianos; segundo suas próprias palavras, passa o autor vinte anos de sua vida em Fontamara. É estranho à arte de adornar e edulcorar as coisas. Sabe ser ávida tal como é, generalizar o que viu com o auxílio de método marxista e, depois, encarnar suas generalizações em formas artísticas. A narração sai da própria boca dos cafoni pobres. Não obstante a dificuldade excepcional de tal gênero, o autor emprega-o como verdadeiro mestre. Seus capítulos são de uma força impressionante”. (TROTSKY, apud SILONE, 1935).

O intelectual russo conhece pessoalmente Silone, pois foram companheiros de partido. Trotsky, assim como Silone, vive o exílio, e também é expulso do partido comunista por questionar a política conduzida pelo comunismo soviético, sob a direção de Stalin. No caso de Trotsky, o preço pago por contestar o ditador russo é a morte: é assassinado no México, por ordem de Stalin.

Quanto ao juízo crítico de Radek, trata-se da parte de um discurso pronunciado no Congresso dos Escritores Soviéticos, em agosto de 1934, em Moscou, cujo tema era *A Literatura Mundial e as Tarefas da Arte Proletária*. Segundo Radek, por mais que se procure um escritor contemporâneo com tamanha notoriedade que tenha escrito sobre a situação italiana, não se encontrará um que se compare a Silone:

Por que houve um Shakespeare? Por que houve grandes escritores no século XVII e no começo do século XVIII? Por que não há, agora, grandes escritores como Shakespeare, Goethe, Schiller, Byron, Heine e Victor Hugo? A literatura no período da burguesia, foi sempre uma literatura burguesa, servindo sempre os interesses da burguesia. Mas, na época em que a burguesia lutava contra a dominação feudal, em que libertava os espíritos, ainda quando somente os seus, de todo o peso do pensamento medieval, quando libertava as forças produtivas, surgiram escritores que descreveram suas grandes lutas. Mas, onde encontrar um artista capaz de convencer os milhões de operários e camponeses de que a guerra imperialista foi uma benção?

Que se procure encontrar um só escritor notório contemporâneo que tenha escrito livro verdadeiro sobre o campo italiano, um livro que possa convencer os camponeses e a nós mesmos de que o fascismo os libertou. Existe um livro verdadeiro sobre a questão, o de Ignazio Silone, que descreveu um quadro fiel da aldeia italiana e é um inimigo do fascismo. A verdade sobre o campo italiano só pode consistir nisto: em saber que o fascismo não suprimiu a exploração dos camponeses pelo capitalismo, mas agravou a opressão que pesa sobre ele (RADEK, apud SILONE, 1935).

Ao contrário de Silone e Trotsky, a militância política de Radek é tomada por idas e vindas dentro do partido comunista: primeiro é expulso em 1927, depois readmitido em 1930, é inclusive um dos responsáveis pela constituição russa de 1936, mas em 1937 é preso, acusado de traír o stalinismo.

A primeira impressão que se tem do texto traduzido de 1935 é, portanto, a de carácter político, de cunho comunista. Mas não é por acaso que se apresenta com tal característica, como se verá mais adiante. Como aponta Lefevre (2007), um texto é reescrito em determinada cultura também porque está inserido numa rede de ligações e tensões. Por trás de determinadas decisões há uma organização maior que decide o que deve ser publicado ou não, a fim de preservar uma determinada ideologia. Do outro lado, como se discutiu, esta mesma literatura traduzida contribui para o desenvolvimento literário de uma nação, dialogando e elaborando novas perspectivas literárias e culturais.

Ainda de acordo com o teórico belga, os reescretores também são responsáveis pela imagem de um escritor e de uma obra diante do público leitor da cultura alvo. No caso de *Fontamara*, a imagem que é transmitida da obra de Silone não poderia ser mais explícita: trata-se de um texto marxista, como sugerem os símbolos da foice e a cor vermelha, presentes na capa, corroborados pelas assinaturas e pelos pequenos textos que se encontram presentes na obra, os paratextos.

Após a análise dos textos que acompanham a tradução, um estudo sobre o tradutor também revela alguns dados interessantes, e confirma que por trás da tradução de um texto literário estão presentes outros fatores, que determinam o que deve ser selecionado e o como. Este complexo processo, que é a tradução, continua com a ajuda de

outros agentes, que estão diretamente ligados ao sistema literário, regulando e controlando como este pode e deve funcionar.

3.2 Aristides Lobo: um tradutor engajado?

Para entender as motivações que levam Aristides Lobo a traduzir o romance *Fontamara* no Brasil em 1935, é importante investigar um pouco mais sobre a sua experiência como militante de esquerda, pois a atividade de tradutor está diretamente interligada com a sua atuação partidária. Em 1923, ele ingressa como revolucionário no recém fundado *Partido Comunista Brasileiro*, e é um dos fundadores, em 1925, da organização *União da Juventude Comunista*, ainda hoje ativa. A sua militância o conduz ao cárcere pela primeira vez em 1928, e a última é em 1944 em um total de vinte oito prisões. (CAMPOS, 2002, p.15) Em 1930, exilado, vai para o Uruguai, onde participa de movimentos organizados por comunistas e, em seguida, vai para Argentina, país onde conhece Luís Carlos Prestes. Prestes tinha participado como capitão, junto com outros oficiais do exército, de uma revolta contra a política oligárquica conduzida pelo presidente Arthur Bernardes, em 1924, no evento que fica conhecido como Coluna Prestes, movimento que percorreu mais de 2.500 quilômetros de solo brasileiro. O movimento é extinto em 1927, e Prestes, seu principal líder, busca o exílio na Bolívia e depois na Argentina.

Ao contrário de Prestes, que é convidado para participar do *Partido Comunista Brasileiro*, Aristides Lobo é expulso oficialmente deste ainda em 1930, pois ele e outros companheiros são acusados de não pertencerem à linha stalinista. Um ano depois, o considerado grupo dos trotskistas funda a *Liga Comunista Internacionalista*⁵⁶, onde Lobo exerce o cargo de secretário geral. Contemporaneamente, para contrastar a difusão do fascismo no Brasil, Aristides Lobo é um dos criadores do movimento *Frente Única Antifascista*, criado em São Paulo, em 1933, com o objetivo de combater as chamadas do fascismo no país, difundidas principalmente pelo movimento antissocialista e anticomunista *Ação Integralista Brasileira*, fundado em 1932, cujo líder é o intelectual Plínio Salgado. O órgão oficial de comunicação do movimento antifascista é o jornal *O homem livre*, para o qual colaboram com artigos

⁵⁶ Fundada em São Paulo, em 1931, por um grupo de políticos contrários à política conduzida pelo *Partido Comunista Brasileiro*. Entre os fundadores, além de Aristides Lobo, estão: Lívio Xavier, João da Costa Pimenta e Mário Pedrosa.

Lívio Xavier e Mário Pedrosa, o mesmo que escreverá uma carta a Ignazio Silone com data de 25 de novembro de 1949. Na correspondência em francês, Pedrosa diz que escreve em nome do amigo Carlos Lacerda, diretor do jornal carioca *Tribuna da imprensa*, que começará a circular naquele mesmo ano. Mário Pedrosa será o responsável pela seção internacional sobre a política, e em seu nome e naquele do diretor, querem que Silone autorize a publicação de seus artigos no jornal brasileiro (PETERLE, 2011, p.111-112). É importante ressaltar como essas relações, essas redes de contatos, esse mapeamento, é algo que não é declarado, explícito, está ali e para ser visto e percebido é preciso escavar para encontrar as inúmeras dobras que permeia e faz parte da reescrita.

Ainda em relação à sua intensa atividade de militante de esquerda, Aristides Lobo organiza manifestações sindicais e operárias. Nessas atividades, expressa a necessidade de transmitir o conhecimento sobre o materialismo histórico e sobre a revolução do proletariado. Ele acredita que as ideias revolucionárias comunistas podem fazer a diferença. Assim os membros da *Liga Comunista Internacionalista*, entre os quais Lívio Xavier, Victor de Azevedo Pinheiro e Mario Pedrosa dão início ao projeto que consiste na tradução de obras consideradas leituras importantes para a classe proletária e para a causa revolucionária, tais como: *O manifesto Comunista*, *O capital*, de Marx, *Os objetivos do proletariado na Revolução*, entre outras. Para a publicação dessas obras ou ainda artigos em folhetos, jornais e boletins, o grupo arrecada fundos junto aos membros do partido ou entre simpatizantes, quando não encontra apoio de uma editora, como a Lux, a Unitas ou ainda a Athena (ou Atena) (CAMPOS, 2002, p. 14-19).

Aristides Lobo e os companheiros da *Liga Comunista Internacionalista* acreditam que os impasses dentro do partido comunista estejam relacionados a uma falta de base teórica por parte dos dirigentes internos. Nesta perspectiva, Lobo se empenha em estudar a teoria marxista, buscando repassá-la de forma didática aos operários nos cursos e seminários que realiza e também nos seus escritos. As traduções de textos marxistas fazem parte deste projeto de difusão do materialismo histórico entre a classe operária (CAMPOS, 2002, p.18). Assim, obras teóricas e romances considerados importantes para a causa revolucionária são traduzidos pelo grupo de intelectuais da *Liga*. Destacam-se na seleção autores clássicos do marxismo: Marx, Engels, Lenin, Rosa Luxemburgo, Trotsky, Plekhanov, Kautski, Bukharin, John Reed, Fritz Slang, e também Ignazio Silone, este último “[...] por chamar a atenção popular para o fantasma do latifundiário, centralizador

de lucros e multiplicador de misérias. A situação dos *cafoni*, do sul da Itália, agravada nos tempos de Mussolini, reproduziria a situação do campo no Brasil, sob a ditadura de Vargas”. (CAMPOS, 2002, p.18-19). Como pode ser percebido, nesse fragmento, há uma clara “adaptação” do romance *Fontamara*, para a específica realidade brasileira, lida por um determinado ângulo e visão.

Este interesse ideológico e político poderia motivar o porquê da escolha de *Fontamara* e da apresentação e imagens na capa, assim como a razão da rapidez que se dá entre a primeira edição do texto em 1933 e a publicação no Brasil em 1935. O caso de *Fontamara* poderia confirmar que a tradução de uma obra literária é “manipulada”, para servir também a objetivos específicos, pois percebe-se que há um esforço em reescrever e inscrever o texto na cultura brasileira dos anos 30.

Além de *Fontamara*, outras traduções realizadas por Aristides Lobo nas décadas de 30 e 40, serão assinadas com o pseudônimo de Paulo M. Oliveira⁵⁷, uma possível tentativa encontrada pelo tradutor para poder exercer livremente o ofício, sem sofrer algum tipo de censura. Entre os textos considerados “perigosos” citam-se: *Os objetivos do proletariado na Revolução* e ainda *No caminho da insurreição* de Lênin. Outras traduções são realizadas ainda em colaboração com outros intelectuais, como é o caso de Blásio Demétrio, pseudônimo do jornalista Fúlvio Abramo, segundo informações da tradutora Denise Bottmann, responsável pelo conhecido blog brasileiro “Não gosto de plágio”. Fúlvio Abramo, assim como Aristides Lobo passa pela experiência do cárcere e também é um dos dirigentes da *Liga Comunista Internacionalista*. Uma das obras que traduz junto com Aristides Lobo é *Vida Nova*, de Dante Alighieri, publicada em 1937 pela editora Athena (ou Atena). Assim como acontece com o texto do poeta florentino, de acordo com Denise Bottmann, muitas das traduções de Aristides Lobo são realizadas na prisão, e boa parte sai na coleção Biblioteca Clássica, da editora Athena (ou Atena). Lobo também traduz em parceria com Victor de Azevedo Pinheiro os autores Ludwig Feurbach e Marx, ambos publicados pela editora Unitas (CAMPOS, 2002, p. 19). Ainda de acordo com Denise Bottmann, uma das prováveis pessoas que encomenda as traduções de Aristides Lobo é Ênio Silveira, que na época é um dos responsáveis pela editora Civilização Brasileira e também militante do *Partido Comunista Brasileiro*.

⁵⁷ <http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/2012/05/paulo-m-oliveira.html>

Fica evidente, portanto, que a atividade política de Aristides Lobo está diretamente associada a de tradutor do francês, italiano e espanhol, sobretudo de obras de caráter filosófico e político. Além da tradução, ele trabalha também como colaborador de jornais comunistas e trotskistas. A atividade como militante político e a participação como colaborador em jornais de esquerda o aproxima muito das experiências do escritor Ignazio Silone: ambos fazem uso de um pseudônimo, pois assim como outros intelectuais se veem obrigados a mudar de nome para fugir da perseguição e repressão, de modo especial, no caso de Lobo, para poder realizar as traduções no cárcere. Outra característica em comum diz respeito à atuação revolucionária de Aristides Lobo. Assim como Silone, além das prisões, ele experimenta, mesmo que por pouco tempo, o exílio. Tanto ele como Silone são expulsos do Partido Comunista na década de 1930, por não aceitarem as contradições internas do partido. No caso de Aristides Lobo, o afastamento acontece em 1930, um ano após o de Silone, e o aprofundamento das leituras. No caso de Lobo, as leituras críticas de obras marxistas evidenciam a clara contradição entre a teoria e a prática, realizada dentro do partido.

As escolhas políticas de Silone se aproximam, portanto, das do tradutor Aristides Lobo, proporcionando um espaço profícuo para que o romance *Fontamara* esteja no projeto editorial da *Liga Comunista Internacionalista*, em 1935. Mas é sobretudo pelo fato de a obra italiana apresentar imagens de um contexto social capaz de remeter ao brasileiro da década de 30, que se justifica a tradução por aqui. A essas imagens representativas se juntariam outras, de um outro texto de Silone, também traduzido por Aristides Lobo: *A escola dos ditadores*, publicado em 1942, pela Athena (ou Atena)⁵⁸, uma espécie de ensaio, que discute os caminhos percorridos por um político que quer se tornar um ditador. Este texto é publicado pela primeira vez em 1937-8 pela editora Europa Verlag⁵⁹, em língua alemã, seis anos após Silone ter sido expulso do partido comunista, quando ainda se encontra no exílio suíço.

O texto traduzido *A escola dos ditadores* de 1942 é lembrado em um artigo da *Folha da Manhã* do dia 01 de janeiro de 1943. O artigo se apresenta na coluna *Livros Novos*, e traz a informação de que o escritor é Ignazio Silone e o tradutor é Aristides Lobo, mas não cita o

⁵⁸ Outra tradução do texto no Brasil teria ocorrido nos anos 40, pela editora Guaíra, de Curitiba. Na Itália sai oficialmente em 1962 através da Mondadori de Milão, após revisão do autor.

⁵⁹ Além de *Fontamara*, a editora ainda publica outros dois livros escritos no exílio: a edição também em língua alemã de *Pão e vinho* (1936-7), traduzido por Adolf Saager, o segundo grande sucesso literário de Silone, e ainda o romance *A semente sob a neve* (1941)⁵⁹ traduzido para a língua alemã por Werner Johannes Guggenheim.

nome da editora Athena (ou Atena). Para o autor do texto da *Folha da Manhã*, “poucos livros contemporâneos atendem com igual eficácia à necessidade de pensar e discutir que se impõe em nossa época”⁶⁰ (*Folha da Manhã*, 01 de janeiro de 1943), referindo-se ao momento político do Brasil, que está passando por uma ditadura sob o governo Vargas. Observa-se como a literatura pode ser, então, um meio que possibilita a reflexão sobre a realidade em que está inserido o leitor, isto porque, através da leitura, mecanismos internos fazem com que ele tenha possibilidades de criar uma ligação com as suas experiências de vida. As palavras “pensar e discutir”, presentes nesse texto da *Folha da Manhã*, trazem a concepção de que o texto de Silone possibilita mais que um deleite ao leitor, por suscitar reflexão e discussão.

Há uma outra consideração a ser feita, a partir do texto da *Folha da Manhã*: a forma como Silone é tratado. Não há nesse texto nenhum comentário sobre a tradução e repercussão da obra em outros países. Na verdade, o que é enfatizado é a figura do escritor italiano já conhecido em terras brasileiras pelos seus livros traduzidos e publicados no Brasil: *Fontamara*, em 1935 e *Pão e vinho*, em 1943, obra publicada pela editora Oceano, no mesmo ano em que sai o artigo da *Folha da Manhã*.

⁶⁰ A transcrição completa do texto encontra-se no anexo I, página 161.

ESCOLA DOS DITADORES — Ignazio Silone — Ignazio Silone, autor de "Fontamara", acaba de ter um novo livro traduzido para a nossa língua. Trata-se da sátira "Escola dos Ditadores" numa tradução de Aristides Lobo. Poucos livros contemporâneos atendem com igual eficácia à necessidade de pensar e discutir que se impõe em nossa época. Em "A Escola dos Ditadores", os diálogos se desenvolvem com tão serena objetividade e apresentam tal clareza, que o autor se coloca mais na posição de um analista desapassionado do que na de um homem de partido. Seus pensamentos e conclusões representam menos o sentir de uma determinada corrente de idéias do que o de toda a humanidade que sofre, luta e trabalha. Neste livro, verdadeiro manual de ensino político, o fascismo é severamente criticado à luz dos acontecimentos destes últimos vinte anos. "Escola dos Ditadores" é, no fundo, uma apologia dos princípios democráticos em sua forma mais elevada e cuja rigorosa definição se apresenta sobre a base dos modernos métodos de investigação científica da história .

Figura 03. Artigo sobre *A escola dos ditadores*

Folha da Manhã, 01 de janeiro 1943.

Disponível em <<acervo.folha.com.br>>

A leitura do texto *A escola dos ditadores* também é feita por Antonio Candido, uma personalidade importante da crítica literária brasileira. Para entender o peso desta leitura é preciso conhecer um pouco mais sobre a atuação de Antonio Candido na cultura brasileira nos séculos XX e no presente. Antonio Candido é um grande conhecedor da literatura estrangeira e também brasileira. Além de professor universitário na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas na Universidade de São Paulo, é um dos críticos literários mais respeitados do país, e mantém uma colaboração com os periódicos, como *Folha da Manhã*, *Diário de São Paulo* e *Estado de São Paulo*.

Um dos seus comentários sobre a obra de Silone sai na revista *Clima*, uma publicação acadêmica criada em São Paulo, que circula de maio de 1941 a novembro de 1944. Antonio Candido é editor

responsável da sessão permanente de literatura da revista, além de ser um dos fundadores junto com o grupo de amigos e intelectuais conhecidos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Entre as personalidades e colegas da faculdade, participam da criação da revista: Lourival Gomes Machado (diretor da revista e responsável pela sessão de artes plásticas), Paulo Emilio Salles Gomes (crítico de cinema), Antonio Branco Lefèvre (música), Roberto Pinto Souza (economia e direito), Décio de Almeida Prado (teatro), Marcelo Damy de Souza (ciência), e os colaboradores Ruy Coelho e Gilda de Moraes Rocha, sobrinha de Mário de Andrade e futura esposa de Antonio Candido, entre outros⁶¹.

O artigo da revista *Clima*, em que Antonio Candido comenta *A escola dos ditadores*, tem data de abril de 1943, um ano após a tradução da obra para o português. É curioso notar que Antonio Candido assina o texto com o pseudônimo de Joaquim Carneiro, talvez pelo fato de não querer se expor. O crítico deixa transparecer que, artisticamente, se comparada aos dois primeiros textos de Silone: *Fontamara* e *Pão e vinho* (segundo ele, duas obras de força incomparável), *A escola dos ditadores* é de qualidade bastante inferior. Este julgamento está presente já nas primeiras linhas do artigo: “Ignazio Silone está em decadência.” Antonio Candido continua declarando que se o leitor procura as qualidades que tornaram os dois primeiros romances escritos no exílio tão famosos, perceberá a diferença artística, pois segundo ele “*A escola dos ditadores* é uma obra cansativa, cheia de parolagem e de verdades a dois tostões. De tal modo que, conquanto haja nela observações e ângulos de visão dos mais interessantes, a principal impressão que dá é de, como dizem os franceses, *enfoncez des portes ouvertes*” (CANDIDO, 1943, p.97). O comentário de Antonio Candido é apenas um exemplo de como a crítica pode contribuir para a aceitação/circulação ou não de uma obra literária em um dado sistema literário, como se discutirá mais adiante.

3.3 *Fontamara*, um long seller brasileiro

A partir da primeira publicação brasileira de *Fontamara*, em 1935, outras se seguiram. *Fontamara* é reeditado em 1942 pela Athena (ou Atena). Sabe-se que a editora pertencia ao eixo Rio de Janeiro e São

⁶¹ <http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/iluminacoes-de-antonio-candido-2-clima-visada-ampla-e-renovadora>. Acessado em 20/03/2014.

Paulo, fundada em 1935 por Pasquale Petraccone. Sobre este há muita informação quanto às atividades em movimentos de esquerda, e pouca sobre a direção junto à editora Athena (ou Atena). Como militante de esquerda, Pasquale Petraccone participa da primeira guerra como tenente de artilharia e depois emigra para o Brasil em 1926, onde atua em movimentos antifascistas. Pela sua atuação como militante comunista, é inclusive processado e expulso do país pelo Tribunal de Segurança Nacional em 1938, ao lado do trotskista Mario Pedrosa e de outros italianos, como Filippo Ferri, Luigi Cingolani e Carlo Tamagni. (BERTONHA, 2000, p.5). Petraccone exerce também a função de editor do jornal antifascista no Brasil *Italia Libera*, em 1942, ao lado de Antonio Tagliaferri e Antonio Piccarolo, para contrastar a influência do fascismo nas colônias brasileiras.

O jornal de Petraccone se junta a outros periódicos que atuam contra o fascismo, tais como o jornal *La Difesa*, que segundo o pesquisador João Fábio Bertonha, constitui a primeira manifestação do antifascismo italiano em São Paulo. Junto com *La Difesa* (fundado por Antonio Piccarolo, um socialista imigrado no Brasil desde 1908) ainda podem ser citadas outras publicações como o *Bolletino del Gruppo Socialista Giacomo Matteotti*; *Il Becco Giallo*, de Nino Daniele; *I Quaderni della Libertà*, de Alessandro Cerchai, entre outros⁶². Observa-se que é bastante forte a presença de periódicos com títulos italianos, mesmo estando fora da Itália. Esses organismos são uma forma encontrada pelos militantes antifascistas de resistirem ao controle do fascismo.

Apesar das informações serem poucas em relação à editora Athena (ou Atena), resulta que quando a editora deixa o mercado, após a sua extinção, a Ediouro fica responsável por boa parte do seu catálogo. Entre os livros publicados pela Athena (ou Atena), podem ser citados: *A cooperação livre*, de Francisco Frola; *Enciclopédia das ciências filosóficas*, de G.W.F. Hegel; *Discursos sobre as ciências e as artes e sobre a origem da desigualdade*, de Jean-Jacques Rousseau; *Viagem sentimental*, de L. Sterne; o *Dicionário filosófico* e *Candido ou o otimista*, de Voltaire⁶³. A estes nomes já consagrados pela crítica, juntam-se autores italianos como Tommaso Campanella com *A cidade do sol*, publicado e reeditado pela editora: em 1925, uma sem data, e outra em 1935; e os já mencionados, Benedetto Croce e Carlo Sforza.

⁶² Esses jornais são publicações antifascistas.

⁶³ <http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/2012/05/athena-editora.html>

Nota-se na seleção da editora Athena (ou Atena) uma grande quantidade de obras de caráter filosófico, da área humanística e do estudo sociológico e político. São exemplos *Vida Nova*, de Dante, traduzido em 1937 por Paulo M. Oliveira e Blasio Demetrio; *Dos delitos e das penas*, de Cesare Beccaria e o livro *Sumário de história da filosofia* (1937), de Guido de Ruggiero, ambos traduzidos por Paulo M. Oliveira (s/d), que como já dito é o pseudônimo usado por Aristides Lobo para fugir da censura. No caso de *Fontamara* e *A escola dos ditadores*, Lobo irá assinar com o próprio nome e não com o pseudônimo. A Athena (ou Atena) publica ainda as obras *Vida de Benvenuto Cellini escrita por ele mesmo*, em 1939; *Apologia do budismo* (1939), de Carlo Formichi; *Escritos políticos* (1940), de Niccolò Machiavelli, traduzido por Lívio Xavier, companheiro de partido de Aristides Lobo e ainda *Vida de Verdi*, de Marsilio Sabba⁶⁴.

Ainda em relação à publicação de *Fontamara* no Brasil, em 2002, curiosamente a tradução de Lobo é reeditada pela editora Expressão Popular. A editora, fundada em 1999, se destaca no mercado do livro pelo seu caráter político e social, publicando especialmente obras cujos autores são de militância de esquerda. Ela também oferece livros com preços acessíveis ao público leitor brasileiro, e para isso conta com o trabalho de um grande número de voluntários simpatizantes. Publica obras de domínio público, ou aqueles títulos que já não interessam a outras editoras pelo pequeno alcance de público ou ainda porque já encerraram suas atividades, ou ainda há interesse quando os direitos são cedidos pelos autores ou tradutores⁶⁵.

A reedição de *Fontamara* em 2002 se explicaria pela atuação militante de esquerda da editora Expressão Popular. O engajamento político da editora tem origem a partir do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), na década de 90. No ano de 1999 surge então a ideia de criar uma editora popular que pudesse dar conta do aspecto político cultural em nível editorial no Brasil, como deixa transparecer o próprio nome da editora. De fato, o romance *Fontamara* publicado pela Expressão Popular em 2002, traz como ilustração da capa uma obra de arte bastante representativa da pintura italiana. Trata-se de um quadro do pintor italiano Giuseppe Pellizza da Volpedo (1868-1907), *O quarto Estado* (1901), inicialmente intitulado “O caminho dos trabalhadores”. A pintura de Giuseppe Pellizza, atualmente conservada no museu do

⁶⁴ As obras da editora Atena (ou Athena) podem ser acessadas no seguinte endereço: <http://www.dlit.ufsc.br/dicionario/dados_editora/8>

⁶⁵ http://editora.expressaopopular.com.br/quem_somos

Novecento, em Milão, representa uma alegoria social dos trabalhadores, que marcham em busca dos direitos trabalhistas. Na pintura sobressaem as figuras de quatro personagens: dois homens e uma mulher com uma criança pequena nos braços, colocados no mesmo plano de igualdade. Na capa da reedição da Expressão Popular de *Fontamara*, de 2002, a disposição dos personagens é levemente alterada: é a figura da mulher com a criança de colo que é colocada ainda mais em evidência. Vale ressaltar ainda que o quadro de Pellizza, também foi utilizado para a abertura do filme *Novecento* (1976), dirigido por Bernardo Bertolucci.

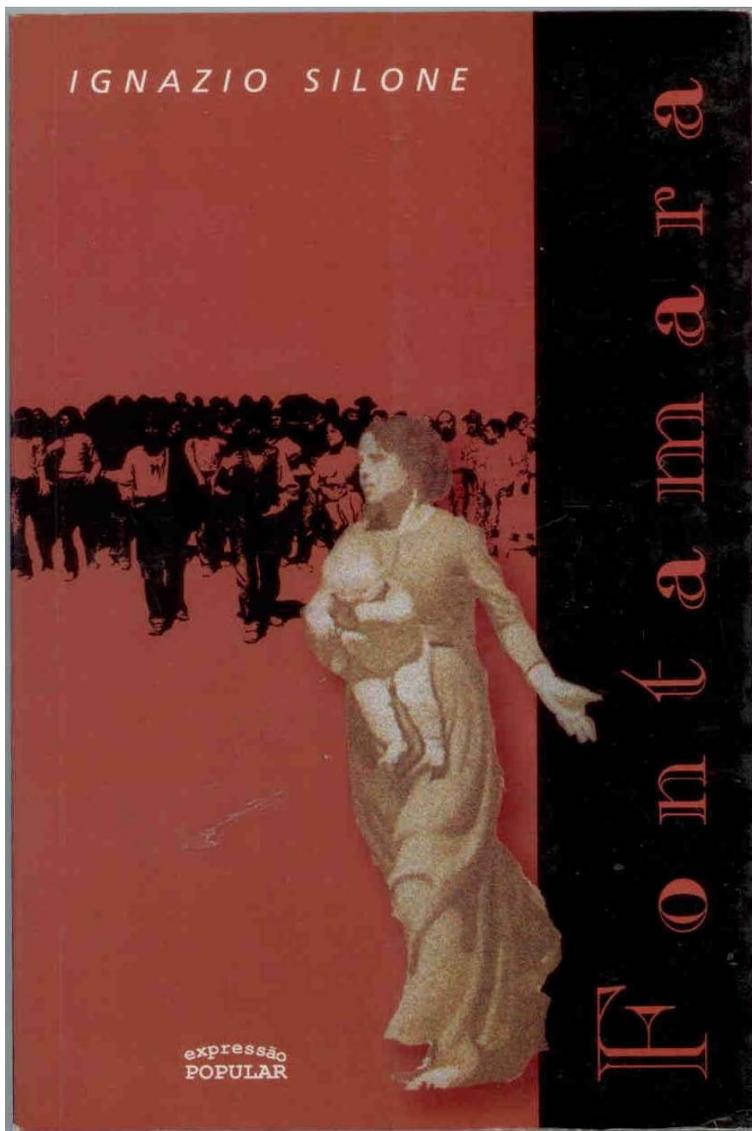


Figura 04. Capa de *Fontamara*, 2002
Editora Expressão Popular
Reedição da tradução de Aristides Lobo

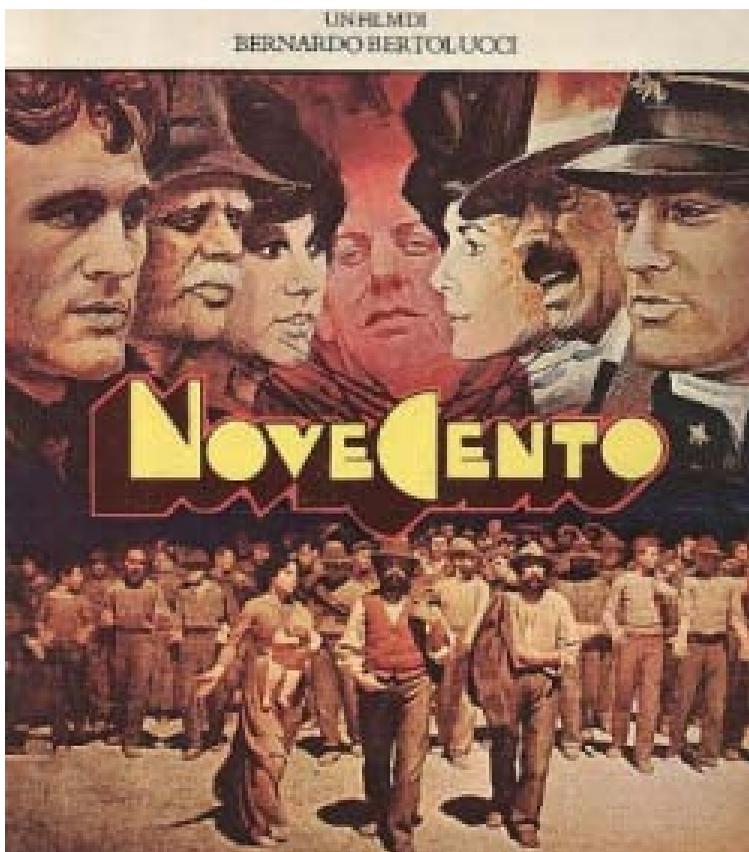


Figura 05. Cartaz do filme *Novecento*
Diretor: Bernardo Bertolucci
Ano: 1976

Enfim, dentro deste breve percurso sobre a publicação do romance *Fontamara* no Brasil, é importante lembrar ainda a edição de 2003, a mais recente no mercado. Após a tradução da professora universitária Doris Nátia Cavallari, o texto é publicado pela Berlendis & Vertecchia Editores, de São Paulo. Esta editora dá início às suas atividades em 1979, pelas mãos da jornalista e designer gráfica de origem ítalo brasileira, Donatella Berlendis. Além das coleções: Arte

para Criança e Arte para jovens, a partir de 2001, a editora publica a coleção Letras Italianas, com o objetivo de reunir a narrativa italiana do século XX⁶⁶. Entre os escritores que circulam nesta coleção se encontram Giuseppe Tomasi di Lampedusa, Alberto Moravia, Cesare Pavese, Leonardo Sciascia, Italo Svevo, Elio Vittorini, Vitaliano Brancati, Luigi Capuana, Vincenzo Consolo, Gabriele D'Annunzio, Erri De Luca, Ennio Flaiano, Gavino Ledda, Primo Levi, Giovanni Verga, Maurizio Maggiani, Elsa Morante, Pier Paolo Pasolini, Guido Piovene, Luigi Pirandello e Beppe Fenoglio. Percebe-se pela seleção de obras, que a editora privilegia tanto autores que já fazem parte de uma tradição mais canônica, como também escritores contemporâneos.

Na edição de *Fontamara* pela Berlendis & Vertecchia, a narração é enriquecida por ilustrações do artista gráfico Andrés Sandoval (1973). Na capa (que não foi escolhida pela tradutora Doris Nátia Cavallari, e sim pela editora) há uma imagem representativa de um caminhão que transporta uma certa quantidade de homens sentados e outros de pé. Eles levam consigo uma grande bandeira, na qual transparece a imagem de um homem com um cajado. Junto desta figura humana se encontra a de um cão preto. No fundo se veem as montanhas, ao longe. O cenário em questão representa um episódio importante na narrativa, quando um militar conduzindo um caminhão chega gritando e dando ordens aos habitantes da aldeia de Fontamara de subirem no veículo, pois os levarão para Avezzano, para participar de uma reunião com outros camponeses, para resolver a questão da divisão das terras do Fucino. De acordo com as ordens recebidas pelo militar, todos os grupos de camponeses devem levar uma bandeira para homenagear as autoridades que se farão presentes. No entanto, sem entender que o militar se referia à bandeira do partido fascista, os homens de Fontamara levam consigo o estandarte de São Roque. Esta ilustração é muito parecida com uma das linoleogravuras realizadas por Fayga Ostrower, como pode ser visto a seguir.

Nós não queríamos fazer feio perante o novo Governo, justo na cerimônia em que se deveria resolver a questão do Fucino. Por isso, aceitamos a proposta de Teófilo, que guardava as chaves da igreja e deu a ideia de levarmos conosco o estandarte de São Roque. Com o auxílio de Scamorza, ele foi até a igreja pegar o estandarte, mas quando o motorista viu que ele voltava,

⁶⁶ <http://www.berlendis.com/editora.aspx>

segurando com dificuldade, um tronco de árvore de dez metros, ao qual estava grudado um imenso pano branco e azul-celeste, com a imagem pintada de São Roque e do cão que lhe lambe as chagas, não queria nos deixar colocá-lo no caminhão. Mas, em Fontamara, não havia outras bandeiras e, por insistência de Berardo, o motorista acabou consentindo que levássemos o estandarte. (SILONE, 2003, p.121-122)

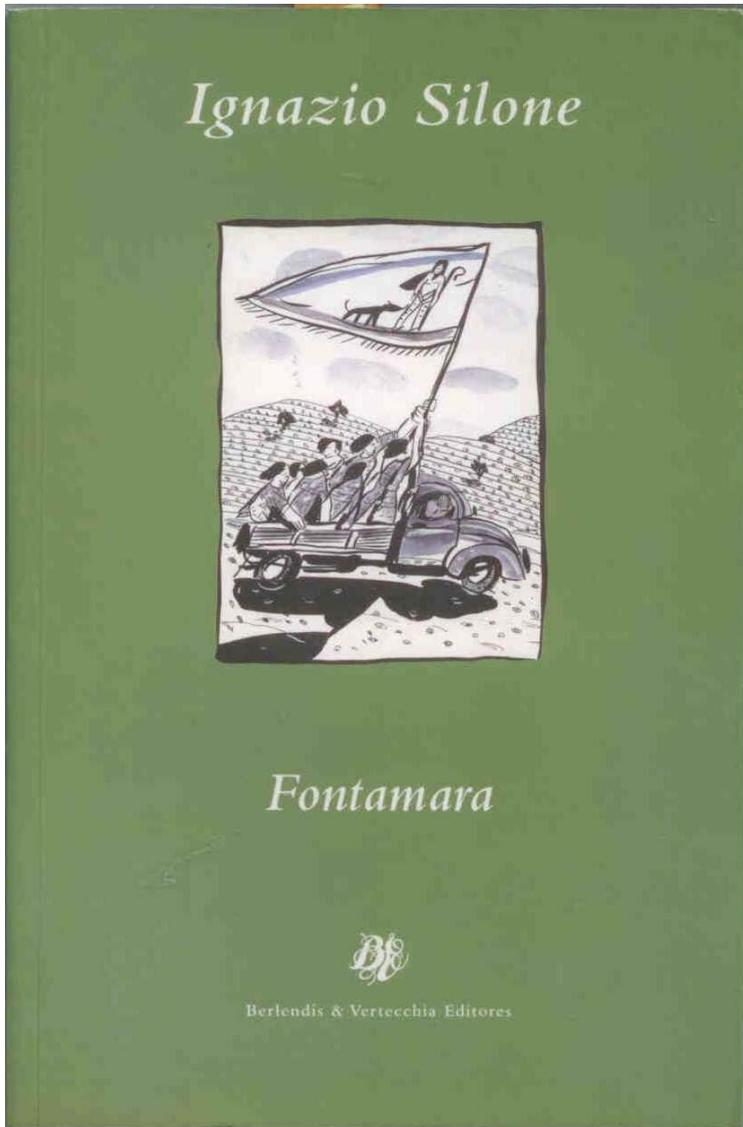


Figura 06. Capa de *Fontamara*, 2003
Tradutora: Doris N. Cavallari
Ilustrador: Andrés Sandoval
Editora: Berlendis & Vertecchia

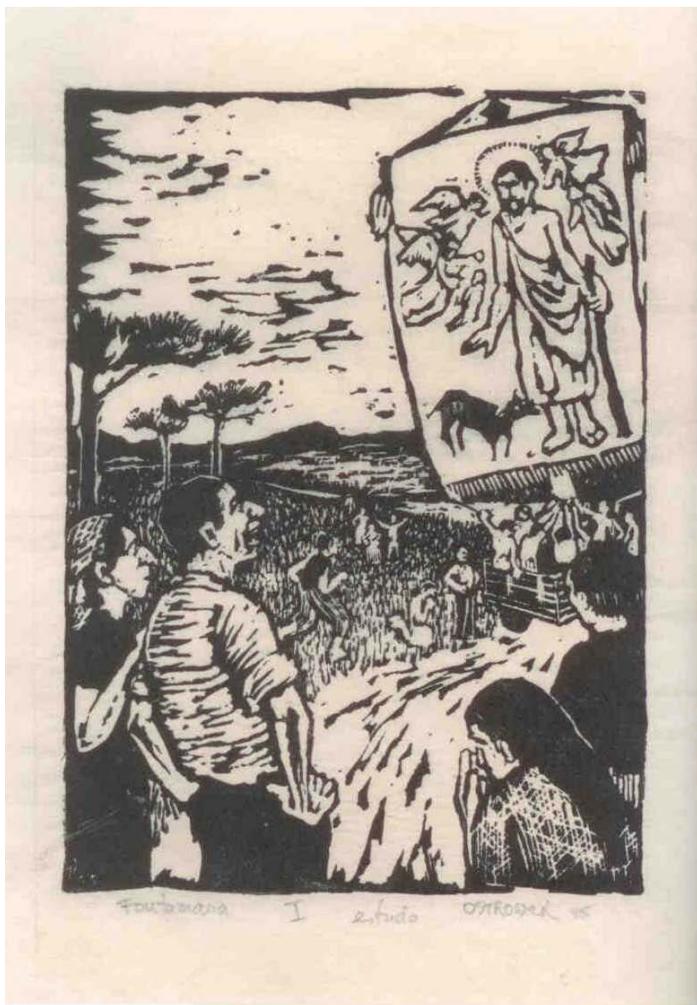


Figura 07. *Fontamara* - Linoleogravura, 1945
Ilustradora: Fayga Ostrower

Em comparação às capas das edições anteriores, a da Editora Berlendis & Vertecchia, de 2003, não é escolhida pelo fato do mecena tentar deixar em evidência uma determinada postura política ou ideológica. Ao contrário, em comparação com as demais, a edição de 2003 é traduzida pela professora e pesquisadora, da Universidade de São

Paulo (USP), Doris Nátia Cavallari, especialista em Ignazio Silone e na língua e cultura italiana, como confirma seu vasto currículo. Com experiência na área de letras, a professora se dedica particularmente à literatura italiana, com foco em Silone, Boccaccio, e ainda em Bakhtin, sobre a análise do discurso. Entre os estudos dedicados ao escritor italiano se encontra o mestrado em letras: Língua e literatura italiana, pela (USP), com o título *A narrativa do exílio de Ignazio Silone: o inquieto percurso na busca da liberdade*, em 1992; e o doutorado também em letras, pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP), com o título: *A arte de representar o outro: Silone e a criação de um universo polifônico*, obtido em 2000.

Cavallari empreende a tradução do texto italiano para o português a partir da edição publicada pela Mondadori, na Itália, em 1949. Este projeto, que também recebeu o apoio do Ministério das Relações Exteriores da Itália, certamente contribui para uma maior divulgação do escritor italiano no Brasil. Para Cavallari, traduzir a obra é também uma forma de deixar a sua contribuição para a sociedade brasileira após a conclusão do mestrado e doutorado, ambos dedicados ao autor italiano. O projeto editorial de *Fontamara* é proveitoso para a editora Berlendis & Vertecchia, ao providenciar mais um autor italiano para sua coleção Letras Italianas, espaço dedicado a outros conterrâneos de Silone. Além do mais, ter uma especialista que cuide tanto da apresentação como da tradução da obra dá maior visibilidade ao texto traduzido e ao próprio autor.

A capa da primeira edição de *Fontamara* de 1935, induz fortemente o leitor a pensar que o texto traduzido é uma obra marxista, como insinuam as cores em tom amarelo e vermelho. Mas é especialmente pelo símbolo da foice, que como se sabe é um marco forte do comunismo, que se obtém a confirmação da sua militância de esquerda. Já em relação à reedição de 1942, pela Athena (ou Atena), não foi possível até o momento encontrar qualquer informação a respeito da capa do texto traduzido. Contudo, considerando o fato de que o fundador da editora era Petraccone, um antifascista declarado, pode-se imaginar que ela refletisse de alguma forma esta ideologia.

A capa da edição de 2002 da Expressão Popular também segue a linha militante e busca problematizar a questão da reforma agrária no Brasil, reconduzindo o leitor às impressões presentes no texto sobre a condição de vida dos camponeses do Abruzzo que lutam pelo direito à terra. Portanto, ao contrário das capas das edições anteriores, que buscam divulgar intensamente uma ideologia de esquerda, a capa da Berlendis & Vertecchia não apresenta esse comportamento e coloca em

evidência o caráter literário e artístico, da obra de Silone, inclusive por ter cuidado com a escolha do tradutor e pelo projeto gráfico que chega às mãos do leitor.

3.4 A circulação nos jornais, *Folha da Noite*, *Folha da Manhã* e *Folha de São Paulo*.

Uma fonte importante que pode ajudar a entender a recepção, a circulação e se um texto literário ganha uma nova vida cada vez que é citado (novas leituras e interpretações) são os artigos de jornais. Para refletir sobre a reescrita de *Fontamara* nos veículos de comunicação brasileiros, foram coletados e selecionados dez artigos que saíram nos jornais *Folha da Noite*, *Folha da Manhã*, e *Folha de São Paulo*, os quais estão disponibilizados no acervo online da *Folha de São Paulo*. Para delimitar a análise, foram selecionados os artigos mais representativos, que citam em particular o romance *Fontamara* ou ajudem a entender, por meio de pistas e indícios, que tipo de imagem os jornais passam da obra e do autor. Preferiu-se não seguir um período de tempo específico, pois acreditou-se que a discussão seria mais proveitosa desta forma. Porém, antes de analisar os artigos selecionados, é importante conhecer um pouco mais sobre a atuação política e social dos periódicos escolhidos.

Os três jornais: *Folha da Noite*, *Folha da Manhã* e *Folha de São Paulo* têm uma longa história, iniciada em 1921 liderada por dois representantes do jornal *O Estado de São Paulo*, ainda hoje ativo: Pedro Cunha e Olival Costa. O primeiro dos três a circular é a *Folha da Noite*, edição vespertina direcionada aos assalariados urbanos, que voltavam do trabalho e queriam ter acesso às últimas notícias do dia. Vale lembrar que nesse período ainda não existe o sistema radiofônico, que terá a sua primeira transmissão no Brasil em 1922. Em 1925 é criada a edição matutina *Folha da Manhã*, jornal que publica as primeiras informações do dia, e também é lida por um público de classe média urbana. Após 1945 a direção do jornal passa para o jornalista José Nabantino Ramos, que cria em 1949 a *Folha da Tarde*. Na década de 60 acontece a fusão dos jornais em um único periódico, conhecido ainda hoje como *Folha de São Paulo*, formando assim o Grupo Folha⁶⁷. Após a década de 60, com sérias dificuldades financeiras, o grupo Folha passa a ser dirigido pelos empresários Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho.

⁶⁷ http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm

No início de suas atividades, os três jornais têm uma forte atuação político-social. Um dos assuntos habituais entre as notícias é a crítica às deficiências dos serviços públicos, as campanhas pelo voto secreto, pela construção de habitações operárias, pelo direito às férias, pela regulamentação do trabalho dos menores nas fábricas e a ampliação da rede escolar⁶⁸. Os jornais são inclusive fechados por não apoiar o governo Vargas, tendo a sede destruída, são obrigados a fechar as portas por três meses. O controle e a censura das informações, sem dúvida, repercute no tipo de informação que circula na sociedade e na forma como são transmitidas as comunicações.

Neste processo que seleciona o que entra e o que fica de fora, os escritores de resenhas críticas têm um papel fundamental, pois contribuem para manter a posição de um escritor que já faz parte do cânone literário e até promover aquele que ainda não alcançou esse status. No artigo da *Folha da Manhã* com data de 30 de setembro de 1943, publicado no primeiro caderno, página 4, está em foco o lançamento da tradução brasileira do segundo romance de Ignazio Silone: *Pão e vinho*, texto publicado pela primeira também pela Europa Verlag, em língua alemã em 1936-37, quando o autor está no exílio suíço. É interessante ressaltar que, assim como outros textos de Silone, esse texto também sofre várias revisões, a última delas é publicada pela Mondadori em 1955, quando o título é invertido pelo autor em *Vino e pane*.

O texto da *Folha da Manhã* traz a informação que a obra traduzida de Silone é publicada na coleção *Romances Clássicos e Modernos* pela editora Oceano de São Paulo. O autor do artigo (não informado), afirma que o livro é considerado pela crítica como a melhor obra de Silone, mas não especifica se se trata da crítica brasileira ou estrangeira. Contudo, o autor não nega o sucesso de *Fontamara*, livro que foi imediatamente traduzido para diversos idiomas, tornando o seu autor conhecido em várias partes do mundo. Para o autor do artigo da *Folha*, *Pão e vinho*, assim como *Fontamara*, é uma obra de arte, rica de inúmeras significações e reflexões. Seguindo um fio narrativo muito próximo àquele do primeiro romance, há em *Pão e vinho* “[...] cenas vigorosas da Itália de todos os tempos, da ‘povera gente’ penando, da luta aparentemente inútil contra uma ditadura feroz. Os camponeses pobres de todas as regiões do mundo poderão se reconhecer nos seus ‘cafoni’. Há, por isso, nas páginas dessa grande obra de arte, um

⁶⁸ http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/tempos_cruciais-01.shtml

conteúdo universal que a enobrece”⁶⁹ (*Folha da Manhã*, 30 de setembro de 1943, p.4). Além da particularidade da cultura italiana, primeiro elemento aportado, é sublinhado o fato de um possível reconhecimento, tendo em vista a condição do camponês. Outro aspecto interessante a ser ressaltado é o autobiográfico entre o protagonista Pietro Spina, ou Dom Paolo Spada, e Ignazio Silone: ambos perdem a família no terremoto que devasta a região do Abruzzo, no centro sul da Itália; devido à luta clandestina contra o fascismo, ambos são obrigados a usar um pseudônimo para fugir da polícia fascista: “Ignazio Silone”, de fato, é o pseudônimo de Secondino Tranquilli. Dom Paolo Spada é Pietro Spina que se disfarça de padre e se esconde entre os camponeses da sua terra natal, na região do Abruzzo, para escapar dos “camisas pretas”, pois é perseguido em toda a Itália. *Pão e vinho*, segundo o artigo, [...]“mostra-nos a grande e tormentosa luta de um homem por um ideal. Através da vida de Pietro Spina surge aos nossos olhos a vida amarga da gente humilde, ludibriada pela ditadura fascista” (*Folha da Manhã*, 30 de setembro de 1943, p.4).

O autor do artigo parece ignorar o fato de o Brasil se encontrar em uma situação parecida, mesmo que com muitas diferenças, com a italiana, vivendo uma ditadura, durante o Estado Novo (1937-1945). A literatura, ou melhor, esse comentário, gerado pela tradução e sua publicação, está fornecendo subsídios para o debate em jornais, mantidos sob censura pelo Estado. Como afirma Lia Wyler (2003, p. 112), os textos traduzidos oferecem uma visão de mundo distante da realidade presenciada pelos brasileiros, contudo, pelo fato de Itália e Brasil manterem laços culturais, muito intriga que a obra de um autor antifascista seja publicada aqui, e tenha inclusive espaço em veículos de divulgação tão importantes, como é o caso da *Folha da Manhã*.

Há ainda no artigo uma legitimação da tradução de *Pão e vinho*, quando o jornalista traz para o seu texto uma citação direta do crítico Otto Maria Carpeaux, a respeito do texto de Silone (ver anexo I, página 119). Carpeaux é um grande estudioso da literatura ocidental, e famoso escritor de inúmeros artigos e dos livros *A cinza do Purgatório*, *Origens e fins*, *Otto Maria Carpeaux: ensaios reunidos* (1946-1971) e ainda dos oito volumes da monumental *História da Literatura Ocidental*, *Uma nova história da música*, tendo organizado ainda a *Enciclopédia Mirador* e o dicionário enciclopédico *Delta Larousse*.

⁶⁹ O texto completo se encontra no anexo I, página 162.

PAO E VINHO — IGNAZIO SILONE — Editora Oceano Limitada, São Paulo.

Na sua coleção "Romances Clássicos e Modernos", a Editora Oceano Limitada, desta Capital, acaba de publicar "Pão e Vinho", livro que é considerado pela crítica, como a melhor obra do escritor italiano Ignazio Silone, ora no exílio. Publicado em 1932, na Suíça, o romance "Fontamara", imediatamente traduzido para vários idiomas, Silone grangeou fama em todo o mundo. Dentre os seus livros, "Pão e Vinho" é tido geralmente como o principal trabalho literário. Há nesse romance cenas vigorosas da Itália de todos os tempos, da "povera gente" penado, da luta aparentemente inútil contra uma ditadura feroz.

Os camponeses pobres de todas as regiões do mundo poderão se reconhecer nos seus "cafoni". Há, por isso, nas páginas dessa grande obra de arte, um conteúdo universal que a enobrece.

Nesse livro há muito de autobiográfico. Secondino Tranquillini, que somente no exílio adotou o pseudônimo de Ignazio Silone, participou durante vários anos da luta clandestina contra o fascismo; sua família, como a do protagonista do romance, Pietro Spina ou Dom Paulo Spada, morreu no terremoto de 1915, e, como ele, caçado pelos "camisas pretas" por toda a Itália, passou muitos meses escondido entre os "cafoni" (camponeses) dos Abruzos, sua província natal.

Desse livro, diz o crítico Otto Maria Carpeaux: "O herói do romance volta à pátria, que ele não reconhece mais e onde não mais o reconhecem, até que se perde, para sempre, nas montanhas, cobertas de neve, onde os lobos o dilaceram: uma jovem — somente ela — fará sobre o perdido

os lobos o dilacera-ão; uma joven — somente ela — fará sobre o perdido o sinal da cruz. É uma grande obra de arte; como todas as grandes obras de arte, faz paírar, atrás de si, um profundo silêncio”.

“Pão e Vinho” mostra-nos a grande e tormentosa luta de um homem por um ideal. Através da vida de Pietro Spina surge aos nossos olhos a vida amarga da gente humilde, ludibriada pela ditadura fascista. Um romance de idéias e de costumes “Pão e Vinho” é um livro que, no dizer de Willy Schlämm poderá esperar: ele sobreviverá à nossa geração, seja qual for a decisão que ela venha a tomar”.

Figura 08. Notícia da publicação de *Pão e vinho*
Folha da Manhã, 30 de setembro 1943
 Disponível em <<acervo.folha.com.br>>

Sabe-se que a leitura de um texto literário possibilita ao leitor muitas conexões com sua experiência de vida. É o que se vê retratado no artigo de jornal da *Folha da Noite* de 17 de agosto de 1946, caderno único, página 2, cujo título é *Os fontamarezes se agitam*. Quem escreve é o editor da editora Athena (ou Atena), Pasquale Petraccone. Curioso o seu nome aparecer no jornal, após ter sido expulso do país em 1938, junto com outros militantes políticos trotskistas. Mas ao que tudo indica, a expulsão de Petraccone não acontece oficialmente, uma vez que em 1942 se torna um dos participantes do movimento dos Italianos Livres, que tem Carlo Sforza entre seus líderes (BERTONHA, 2000, p.05).

Petraccone observa logo no início que a notícia presente em um dos noticiários italianos merece um rápido comentário, por se tratar “de nossos velhos conhecidos”. Mais uma vez há a confirmação de que esses personagens são já “íntimos de quem lê”. A estrutura do artigo jornalístico também merece ser analisada: o jornalista parte da ficção, fazendo um resumo do romance, recuperando inclusive uma pergunta feita pelos camponeses na obra: “que devemos fazer?”.

Petraccone faz uma releitura da obra *Fontamara*, depois de quase dez anos da primeira publicação brasileira, a partir de uma notícia que sai no jornal, falando sobre a invasão de terras por sem-terras: “Os fontamarezes voltam à luz da publicidade. ‘As terras do príncipe

Alessandro Terionia situadas a 80 quilômetros de Roma foram invadidas por camponeses, que as dividiram entre si pacificamente e sem encontrar resistência de quem quer que seja' [...]"⁷⁰ (PETRACCONE, In: *Folha da Noite*, 17 de agosto de 1946, p. 2). A releitura de Petraccone evidencia que o texto *Fontamara*, mesmo depois de tantos anos, oferece novas significações e relações com o momento presente na visão do autor do artigo: os "cafoni", camponeses pobres de *Fontamara*, são retomados em um artigo publicado na agência *Reuters*. O texto comentado por Petraccone na *Folha da Manhã* traça um paralelo entre a invasão dos sem terras com os camponeses de *Fontamara*: ambos os grupos buscam ter o direito à terra, muitas vezes mantida improdutiva nas mãos de poucos latifundiários.

Petraccone parte de uma notícia verdadeira, divulgada pela agência *Reuters*, mas convida à reflexão sobre a mesma através de uma comparação com o romance de Silone, criando por meio desses personagens uma ligação entre presente e passado, ficção e realidade. A imagem dos camponeses explorados de Silone se encaixa facilmente na meditação sobre os problemas do presente.

⁷⁰ A transcrição completa do texto se encontra no anexo I, páginas 159-160.

OS FONTAMARESES SE AGITAM

(PARA A "FOLHA DA NOITE")

P. PETRACONE

No noticiário italiano de hoje há uma pequena notícia que merece um rápido comentário. Trata-se, afinal de nossos velhos conhecidos.

Lembram-se, os leitores, de Fontamara, dos "cafoni" de Fontamara, da novela de Ignazio Silone? Os fontamarezes, depois de muitos anos, voltam ao cartaz.

Esses fontamarezes, em verdade, deram o que fazer. Mas, depois da lição que mereceram do fascismo, em 1928 ou 29, e que Silone objetivamente nos contou, não se ouviu mais falar deles.

Pretendiam esses "cafoni" de Fontamara resistir ao fascismo, então na fase ascensional e muito bem amparado com o apoio de todos os governos democráticos do mundo. Pretendiam impedir que o riacho que banhava a sua aldeia fosse desviado em benefício de novos ricos, pretendiam não pagar mais impostos, ridicularizavam os gerarcas da nova ordem, chegaram a escrever e distribuir um folheto com o curioso título: "Que devemos fazer?", no qual se pregava a união dos operários e dos camponeses contra o inimigo comum.

eles o general Baldissera, nem Scarpona, nem Santa-Feira Sanza pois eles também morreram defendendo a aldeia.

Mas, com certeza, entre os fontamarezes de hoje haverá também algum dos nossos conhecidos, ou, na falta, os filhos, os netos os sobrinhos desses nossos velhos amigos.

Que a sorte vos acompanhe, fontamarezes, que a sorte vos acompanhe pela vossa felicidade e pela felicidade do nosso país, que deve ressurgir! Afinal, na Itália há algo que deve ser modificado, se queremos marchar adiante. Sem violências, sem sangue, pacificamente, como diz a notícia da Reuter's, sem desordens, mas há algo que deve ser modificado, com coragem e resolução.

Que a sorte vos acompanhe, fontamarezes.

Abre a "fluorina" novos campos de pesquisas na química

NOVA YORK (SIH) — A "fluorina"

ses contra o inimigo comum.

Naturalmente, as cotas não podiam deixar de ter um desfecho desastroso. Um belo dia uma "speculacão punitiva" acabou com tudo. Uma fileira de caminhões a tiros, saqueio, fogo na aldeia. Tudo estava acabado. Alguns mortos. Mas tudo estava acabado.

Os fontamarezes voltam à luz da publicidade.

"As terras do príncipe Alessandrino Torlonia, situadas a 30 quilometros de Roma, foram invadidas por camponeses, que se dividiram entre si pacificamente, e sem encontrar resistencia de quem quer que seja" — nos informa a Reuters.

A agencia, á verdade, não faz o nome de Fontamara. Mas **Fontamara** — nome bem conhecido — pode tambem ter sido riscada dos mapas, pode tambem nunca ter existido. Que sejam, porém, fontamarezes os invasores dos latifundios mariscanos do príncipe Torlonia sobre isso não há duvida. São mesmo eles! Não se lembram os leitores, do príncipe Torlonia deus, patriota romano que, na sua remota mocidade, fez um seculo e meio não era nem nobre nem italiano, pois acompanhando, com o nome de Torlogna, as tropas napoleonicas que desciam na Italia, enriqueceu exercendo a profissáo de vivandeiro dos soldados franceses! Os fontamarezes se agitam e tomam posse das terras que, por anos e anos, por uma infinidade de anos, fecundaram com o suor do trabalho e que nunca lhes deram abastança.

Sinto uma vontade louca de desejar-lhes que sejam bem sucedidos.

É verdade que, entre eles, devem ser poucos os nossos conhecidos.

Berardo Viola não está com eles, pois Berardo morreu, torturado pela policia fascista, não querendo revelar o nome dos companheiros. Não está com

Figura 09. Invasão de terra pelos Sem Terra, em Roma.

Folha da Noite, 17 de agosto de 1946

Autor: P. Petraccone

Disponível em: <<acervo.folha.com.br>>

No pequeno anúncio publicado na *Folha da Manhã* do dia 06 de outubro de 1946, observa-se que o nome de Silone está presente nos debates literários da época, em um espaço bastante conhecido, como é o caso do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro. Não se sabe, porém, qual romance de Ignazio Silone será discutido nessa conferência, contudo, ter o nome divulgado em um jornal de grande circulação, como é o caso da *Folha da Manhã*, certamente é a oportunidade de alcançar um público maior. O texto do convite é muito sucinto, sem informações adicionais sobre a vida ou obra do autor italiano: talvez por uma questão de falta de espaço no cotidiano, talvez devido ao custo da publicação, ou ainda imagina-se que Silone já seja conhecido entre os leitores, por seu nome ter sido divulgado em outras ocasiões, ou enfim, pelo fato do nome de Antonio Candido e do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro já serem suficientes para chamar a atenção. Mais uma vez cabe ressaltar como a entrada de Silone no Brasil não se dá a nível de uma imigração local. Certamente é lido por alguns imigrantes, mas o seu nome circula tanto entre jornalistas e personagens políticos, como dentro da academia, ou de uma elite cultural⁷¹.

**"O ROMANCE DE IGNAZIO
SILONE"**

Sob os auspícios do Instituto Cultural Italo-Brasileiro, o prof. Antonio Candido pronunciará depois de amanhã, às 20 h 30, no auditorio da Biblioteca Municipal, uma conferência sobre o tema: "O romance de Ignazio Silone".

Figura 10. Divulgação de conferência de A.Candido sobre o tema: *o romance de Ignazio Silone*.

Folha da Manhã, 06 de outubro de 1946

Disponível em: <<acervo.folha.com.br>>

Dando um salto de mais de 50 anos, agora na *Folha de São Paulo*, do dia 03 de janeiro de 1999, nas páginas de 5 a 7 da sessão *Mais!*, *Fontamara* aparece na lista dos livros mais votados. Um dos

⁷¹ A transcrição deste texto se encontra no anexo I, página 163.

jurados é Carlos Heitor Cony, um dos jornalistas da *Folha* que mais opina sobre o romance. Cony nasce exatamente nos anos em que a censura e a pressão por parte do partido fascista na Itália estão mais fortes, em 1926. Durante sua vida trabalha como jornalista, além de escrever diversos romances, com os quais ganha vários prêmios, entre eles quatro *Jabutis*. Escreve ainda livros de crônicas e trabalha com adaptações de clássicos da literatura mundial, entre os quais as obras dos italianos Emilio Salgari e Carlo Collodi. É também membro da Academia Brasileira de Letras e ainda hoje colunista da *Folha de São Paulo* e membro do Conselho Editorial deste mesmo jornal.⁷²

Na enquete feita pelo jornal, que pedia para algumas personalidades escolherem os livros mais importantes da história da literatura, *Fontamara* aparece na 7ª posição da classificação pessoal de Cony. Entre as obras por ele indicadas, disputam com o texto de Silone obras já consagradas como cânone pela crítica mundial. São elas, por ordem de classificação: *Em busca do tempo perdido* (Marcel Proust), *Ulisses* (James Joyce), *Doutor Fausto* (Thomas Mann), *O som e a fúria* (William Faulkner), *O castelo* (Franz Kafka), *Leopardo* (Tomasi di Lampedusa), *Fontamara* (Ignazio Silone), *O anão* (Pär Lagerkvist), *A náusea* (Jean-Paul Sartre) e *Memorial de Aires* (Machado de Assis). Além de Cony, entre os jurados estão presentes João Alexandre Barbosa, Walnice Nogueira Galvão, Luiz Costa Lima, Marcelo Coelho, Moacyr Scliar, Silviano Santiago, Leyla Perrone Moisés, Arthur Nestrovski e João Adolfo Hansen. De acordo com informações trazidas pelo próprio artigo da *Folha de São Paulo*, a maior parte dos jurados são professores da Universidade de São Paulo, atuando sobretudo no campo de teoria literária e literaturas, e como colunistas da *Folha*.

Esta informação mostra ao leitor do jornal que a lista de jurados tem competência para participar da enquete, porque tem o status de especialistas e conhecedores da literatura ocidental. Fazem parte dos *Dez livros mais!* (título do artigo) por ordem de classificação: *Ulisses* (James Joyce), *Em busca do tempo perdido* (Marcel Proust), *O processo* (Franz Kafka), *Doutor Fausto* (Thomas Mann), *Grande sertão veredas* (Guimarães Rosa), *O castelo* (Franz Kafka), *A montanha mágica* (Thomas Mann), *O som e a fúria* (William Faulkner), *O homem sem qualidades* (Robert Musil) e por último, na ordem dos dez mais votados, o texto *Finnegans wake*, de James Joyce⁷³.

⁷² <http://www.carlosheitorcony.com.br>

⁷³ Pelo fato de ser fragmentado, em forma de enquete, não foi possível inserir este material no anexo.

Alguns autores são citados mais vezes, como é o caso de James Joyce, Franz Kafka e Thomas Mann, reforçando ainda mais sua fama de gigantes da literatura mundial. Interessante observar, com relação às obras selecionadas, que todas são de escritores estrangeiros, com exceção de *Grande sertão veredas*, de Guimarães Rosa. A seleção de Cony acompanha esta tendência geral, já que um único romance brasileiro comparece na sua lista, e em última posição. Fica a dúvida se o fato de todos os jurados compartilharem do mesmo contexto cultural, tanto na Universidade de São Paulo como na *Folha*, não tenha de alguma forma direcionado a escolha dos vencedores, que poderia ter sido mais variada com o voto de críticos e pesquisadores provenientes de outros ambientes e frequentações.

Figura 11.
Fontamara na classificação
dos livros mais votados.
Folha de São Paulo,
03 de janeiro de 1999.
Disponível em:
<<acervo.folha.com.br>>

Em outro texto mais recente, publicado também na Folha de São Paulo, no dia 25 de agosto de 2005, página 2, seção opinião, primeiro caderno, com título *Fora Todos!*, Cony recupera o texto de Silone e faz releitura a partir dos dizeres de uma faixa utilizada em uma manifestação pública contra a corrupção. O jornalista/escritor enfatiza um dos papéis da literatura, o de proporcionar o prazer da leitura, observando que *Fontamara* foi um dos melhores romances que leu em toda a sua vida.

Cony apresenta Silone como um autor que apesar de acreditar, e vivenciar, os ideais do comunismo, acaba sendo perseguido por seus mesmos “companheiros”, completamente submissos à linha ortodoxa, imposta por Stalin. O crítico aproveita da ocasião para lançar uma indireta aos comunistas brasileiros que compartilham tal visão dogmática da ideologia política. Em seguida, em poucas linhas, faz uma síntese de alguns pontos cruciais da narrativa siloniana: “uma comissão de fascistas vai a Fontamara, aldeiazinha perdida nas montanhas, onde todos são analfabetos e vivem brigando por causa das cabras e, sobretudo, por causa de água, água pouca, que só existe numa fonte, a fonte amarga do título [...]”⁷⁴ (CONY, In: *Folha de São Paulo*, 25 de agosto de 2005, p.2). De fato, o nome da aldeia, *Fontamara*, como o próprio Cony escreve, tem um significado especial: fonte amarga. Este sentimento de amargura e de impotência permanecem durante toda a narração de *Fontamara*.

Pode-se encontrar um paralelo entre os dizeres trazidos na faixa da manifestação (*Fora todos!*), e a exclamação do velhinho no romance (*Viva todos!*), quando os fascistas chamam um por um os fontamarenes para serem catalogados, em base ao pensamento político. Em ambos os casos, mas com finalidades opostas, os “todos” podem indicar os representantes do poder em todas as suas dimensões, inclusive a política: o velhinho os aclama por medo e ignorância, os manifestantes os vão considerar culpados de corrupção e mal governo. A ironia do texto de Silone mascara uma grande tristeza e sensação de impotência, justamente o que ainda hoje leva manifestantes do mundo inteiro a sair às ruas para expressar seu profundo descontentamento com a realidade.

⁷⁴ A transcrição completa do texto está no anexo I, página 148.

Fora todos!

RIO DE JANEIRO - Já lembrei aqui neste espaço, há tempos, a cena deliciosa de um dos melhores romances que li em toda a minha vida, "Fontamara", de Ignazio Silone, autor italiano patrulhado pelos comunistas, embora tenha sido, ele próprio, um comunista sincero, mas independente da linha ditada pelo "pápucha" Stalin e seus prepostos espalhados pelo mundo, inclusive no Brasil.

Uma comissão de fascistas vai a **Fontamara**, aldeiazinha perdida nas montanhas, onde todos são analfabetos e vivem brigando por causa de cabras e, sobretudo, por causa de água, água pouca, que só existe numa fonte, a fonte amarga do título. Os fascistas fazem uma pesquisa de opinião e querem saber como reconhecer aqueles camponeses rudes, fora do contexto progressista que Mussolini havia criado na Itália.

Era impossível e, principalmente, inútil fazer um questionário sobre o pensamento político daquela gente. Os fascistas simplificaram. Chamavam um a um os fontamarenses e pe-

diam para que eles dessem um viva a qualquer pessoa ou entidade. O primeiro deu um "Viva o rei!" e foi cadastrado como monarquista. Outro deu um "Viva o papa!"; foi catalogado como clerical. Uma velhinha deu um "Viva São Roque!"; padroeiro da aldeia, e foi arrolada como anarquista. E um outro viveu o povo, recebendo a classificação de comunista.

O ancião mais velho da aldeia, desconfiando que nenhum daqueles vivos havia agradado aos fascistas, pensou em dar um "Viva Garibaldi!"; mas teve receio de também não agradar. Deu um "Viva todos!". Foi fichado como liberal. É isso aí. Viva todos.

Na semana passada, numa dessas manifestações contra a corrupção reinante, apareceu uma faixa: "Fora todos!" (Não tenho certeza se havia o ponto de exclamação, seria redundante). Seriam liberais como o velhinho de **Fontamara**, na base do: estando tudo na pior, o mais sábio e decente é irmos todos embora.

Mas para onde?

Figura 12. Carlos Heitor Cony faz uma releitura da obra *Fontamara*.

Folha de São Paulo, 25 de agosto 2005.

Disponível em <<acervo.folha.com.br>>

Percebe-se nos artigos dos jornais citados até o momento como a imagem de uma obra literária é construída e permanece. No caso de *Fontamara* essa imagem é quase sempre positiva, e por isso possibilita maior aceitação por parte do público leitor do jornal. Mais uma vez é importante resaltar a responsabilidade que os autores dos textos da *Folha* tem diante do público leitor, pois são considerados amplos conhecedores dos temas sobre os quais discorrem. Em outras palavras, os críticos e os resenhistas, assim como qualquer personalidade que se envolve com o que acontece no sistema literário, são tão responsáveis pelo sucesso de uma obra literária quanto pelo seu fracasso. De fato, são imagens e “juízos” que vão sendo construídos, em alguns casos rebatidos, e aos poucos se sedimentam.

Falar da publicação de um texto traduzido ajuda também a divulgar e a delinear a imagem de um autor estrangeiro, como é o caso de outros textos jornalísticos, selecionados para esse corpus. O texto da *Folha de São Paulo* de título bem interessante: *Ignazio Silone, o exílio de um escritor “maldito”*⁷⁵, é publicado também no jornal francês *Le Monde*, como anotado logo abaixo do título brasileiro. Nesse artigo traduzido para o jornal paulista, não está presente o nome do autor, mas se sabe que foi publicado pela *Folha de São Paulo*, no dia 02 de setembro de 1978, na seção Ilustrada, página 3. Neste texto, que constitui uma espécie de homenagem póstuma ao autor, falecido pouco mais de uma semana antes que saísse o artigo, logo embaixo da foto de Silone consta a seguinte frase: “foi contra o gosto pelas belas palavras da sua época”. O jornalista ainda explicita a sua admiração por Silone “Agora que ele entra para o Pantheon dos mortos”. Ao longo do texto é feito um amplo comentário sobre a vida intelectual, política e literária do escritor: os vinte anos passados no exílio e os prêmios literários, o Marzotto, em 1965, o Campiello, em 1968 e o Del Duca, recebido em Paris em 1971. O artigo continua falando da fortuna literária de Silone, que apesar de ser um jovem político pouco conhecido na Europa, se torna um dos escritores mais conhecidos no mundo ocidental, a partir de 1933, quando *Fontamara* é traduzido para várias línguas.

A questão do escasso reconhecimento recebido pelo autor em seu próprio país (conhecida como “caso Silone”) é um dos pontos principais da análise do jornalista. Tanto em vida, quanto após sua morte, Silone é vítima não somente de um exílio físico, consequência de sua vivência declaradamente antifascista, como também sofre um exílio intelectual por parte da própria elite literária italiana, que o acusa de

⁷⁵ A transcrição completa do texto está no anexo I, nas páginas 151-154.

incompetência na arte da escritura, e assim o “castiga” por se recusar a aceitar a ortodoxia política de esquerda predominante nos círculos intelectuais da época. Chega-se até ao extremo de acusar o autor de trabalhar como agente duplo a favor do governo fascista.

O jornalista enaltece as qualidades literárias das obras silonianas mencionando nomes de grande peso como aqueles de Wassermann, Prokosch, Faulkner, que o consideram no mesmo nível de Malraux ou Hemingway, e ainda Camus, Nadeau, Orwell, que leem os textos de Silone com grande entusiasmo. É possível que esta rede de relações literárias tenha estimulado a tradução de *Fontamara* em diversos idiomas. É evidente que, para além do político, Silone é reconhecido como um grande escritor.

Ele tem o costume de escrever no “calor da hora”, utilizando uma linguagem considerada “pobre” por recusar os floreios artísticos tanto apreciados na época. Desta forma consegue tratar com grande eficácia assuntos e realidades pouco conhecidas porém muito relevantes no panorama político e social, dando vida a uma “literatura de ação e compromisso”. Obviamente o estilo por ele adotado, em forte contraste com uma literatura de belas palavras, parecida com aquela dominante na época de D’Annunzio, deixa as “palavras pobres” de Silone praticamente silenciadas. O jornalista expressa uma opinião contrária na conclusão do artigo, quando descreve a obra siloniana como “um testemunho moral, mas também fonte de prazer literário”. Livros “sinceros” e “honestos” como “o pão e o vinho”, “adjetivos e coisas que se observam e que não se podem esquecer”.

O jornalista ressalta ainda como a fama literária de Silone possa ter sido atrapalhada por sua forma de trabalhar os textos, através de continuas revisões e reescrituras, que criam grande dificuldade de pensar na sua obra como um todo. Não somente o processo criativo de Silone é muito complexo, como também sua própria bibliografia, que “através das edições clandestinas, estrangeiras, definitivas, é um labirinto complicado”.



Em frente ao gosto pelas belas palavras da sua época

Ignazio **Silone**, o exílio de um escritor “maldito”.

Le Monde

Ignazio **Silone** morreu no exílio, ou pelo menos fora de seu país, a Itália. Seu destino foi ser exilado, ou clandestino, durante 20 anos. A tristeza de seu desaparecimento não é atenuada pela breve lembrança do prêmio Del Duca que fora receber em Paris. Mas esse prêmio, que se acrescentava a alguns outros (o Marzotto, em 1965, o Campiello, em 1968) confirmava que o “caso **Silone**” evoluiu profundamente nestes últimos anos.

Porque houve um paradoxo a propósito de **Silone**, o qual não é fácil de deslindar, ou, como ele mesmo teria dito, “explicar”. Ai estava um jovem político, quase desconhecido na Europa, que um romance — “Fontamara” — lançado em várias línguas, exceto na sua (houve uma pequena tiragem confidencial em Paris, em italiano) punha na primeira fila dos escritores ocidentais, a partir de 1933.

Fora descoberto por Jacob Wassermann: era lido em francês num folhetim de “Europe” em 1934. Prokosch e Faulkner o consideravam como o maior escritor italiano contemporâneo; era comparado a Malraux e a Hemingway. Camus (que tanto se aproximava dele), Nadeau, Orwell es-

que provocavam a dor dos oprimidos de seu país, os “cafoni”; e sob esse ponto de vista, **Silone** é um dos raros romancistas autenticamente marxistas da Itália.

Além disso tornara-se anticomunista, declarava-se fora da Igreja, não aprovava absolutamente o humanismo indiferente dos liberais; nem mesmo reivindicava seus méritos antifascistas, num silêncio exemplar e constrangedor para muita gente. Seu êxito no exterior, ajudado por uma prosa demasiado fácil de traduzir, acabara por lhe alienar as simpatias de seus confrades. **Silone** viu-se assim esquecido na maioria dos quadros literários italianos deste século. Por sua vez, as gerações mais recentes nem mesmo se dignavam inscrevê-lo entre os populistas (sendo o populismo o socialismo dos outros) e acham que seus camponeses ou seus intelectuais não são suficientemente revolucionários.

Apesar desses motivos convergentes de hostilidade, a força moral do homem engajado fora dos grupos, seu otimismo obstinado diante de um mundo cujos aspectos grotescos, tirânicos, injustos ele denuncia, sua fé numa sociedade em que os homens possam ser livres, responsáveis, abertos a outrem, sua vigilância em favor dos oprimidos, afinal venceram as reservas e por

se aproximava dele), Nadeau, Orwell estavam entusiasmados com ele. É verdade que se pode admitir que seus leitores, estranhos à cultura italiana, demasiado deslumbrados por d'Annunzio, se tenham deleitado com ambiguidade com o folclore meridional, presente em "Fontamara"; talvez até, um século depois de Silvio Pellico, e um pouco antes dos livros de Gramsci, tenham encontrado de novo a fascinação mítica das prisões sob o sol: o motivo do encarceramento está presente através de maioria dos romances de **Silone**.

Mas "Fontamara" e depois "Pão e Vinho" (em 1938, em francês) e em seguida "A semente debaixo da neve" (em 1942 na Suíça, em 1950 na França) também eram documentos novos em primeira mão, sobre uma realidade política, social e intelectual muito pouco conhecida. Vivia-se um declínio aberto à literatura de ação e de compromisso.

Na Itália, **Silone** era visto sob um prisma diferente. Nascido em 1.º de maio de 1900 em Pescina, nos Abruzzos — o burgo de Mazzarino — fizera ali parte de seus estudos, no seminário menor; só recebera lições de belo estilo, sobre os modelos dos clássicos de Ilceu, e as leituras furtivas do proibido d'Annunzio não melhoravam as coisas. Pode-se pensar que a literatura franciscana já o tinha interessado. Mas a vida política precoce, a clandestinidade, só o haviam formado literariamente no horror ao belo estilo de colégio e no hábito dos relatórios sem lirismo para os congressos do Partido Comunista (que ele contribuía

midos, afinal venceram as reservas e por volta de 1965 **Silone** foi confinado, não sem ambiguidade, "recuperadora", no Panteão dos italianos vivos.

agora que ele entra para o Panteão dos mortos, tem-se muitas perguntas a fazer sobre o escritor. A importância, para ele e para seus leitores, das mensagens sociais e morais que nos dirigia fez passar para segundo plano, ou contestar os valores propriamente literários de uma obra abundante. É preciso que estude melhor o trabalho assíduo, metucioso a que **Silone** submetia seus romances, usando mesmo para esse fim as traduções estrangeiras sucessivas, como rascunho.

"Fontamara", entre 1933 e 1947, só recebeu retoques de pormenores, mas "Pão e Vinho" perdeu episódios inteiros, digressões demasiado teóricas; "A semente debaixo da neve" custou um enorme trabalho de revisão; "A raposa e as camélias", de 1934 a 1960, teve 3 ou 4 redações diferentes (era também o único romance que não se situava nos Abruzzos). A própria bibliografia de Silone, através das edições clandestinas, estrangeiras, definitivas, é um labirinto complicado.

Assim se verá melhor porque **Silone** não corresponde à idéia tradicional do "belo escritor", que a evolução de sua arte foi constante, no sentido da dificuldade, senão no do êxito; que, da aventura muito simples narrada em "Fontanara" ele passou para a grande composição de "A semente debaixo da neve" (para muita gente sua obra-prima) e ao romance policial do "Segredo de

para fundar em 1921), dos volantes de propaganda ou dos artigos dos jornais que ele dirigia. Foi redigindo esses relatórios abstratos que ele percebia que faltava neles alguma coisa, a pequena chama da vida, a vibração dos pequenos fatos verdadeiros e das afeições individuais.

Nas reuniões do comitê central, chegava até a interromper os debates dialéticos por uma anedota que somente o sardo Gramsci sabia apreciar. Foi daí que partira sua experiência de escritor, quando, demissionário-expulso do PCI, em 1930, exilado e tuberculoso em Davos (Suíça) ele redigira com dificuldade "Fontanara". Ficou surpreso ao saber que ele se alinhara com uma porção de modelos: Faulkner, Hemingway, Fogazzaro, Guerrazzi, que ele ignorava.

Os críticos italianos ficaram confusos. Em primeiro lugar, tratava-se do único romancista antifascista do exterior, de um comunismo de que evidentemente não se podia falar na imprensa do regime. Sabe-se que o silêncio sobre um livro, por ocasião de sua publicação, é uma pedra tumular dificilmente removível. E ainda mais, **Silone** escrevia mal, ao que parece, como Svevo: faltava à sua prosa a "vibração interior", isto é, sem dúvida, as palavras raras e ricas, as metáforas, as comparações, as paisagens impressionistas (**Silone** quase nunca descreve), as facilidades elegíacas. Num momento de "prose d'art", de fragmentos idílicos, essa escrita linear, essas "palavras pobres" não agradam.

Depois veio o neo-realismo do pós-guerra com seu americanismo, seu naturalismo subjetivo e populista. **Silone** não usava o dialeto que entretanto era a única língua de seus personagens reais; contava sem rodeios, exceto alguns flash-back, e deslocamentos de pontos de vista (em "Fontanara", são três camponeses que falam cada um por sua vez), ele dizia simplesmente os motivos econômicos, políticos,

Luca", que é sua narrativa mais romanticamente subjetiva.

Será apreciada a ausência e qualquer narcisismo da memória, apesar de haver muitas tentações proustianas nesse homem ligado à sua região de infância e para o qual "um punhado de amoras" podia evocar todo um mundo; assim se compreenderá como, fiel a uma linha naturalista, a autobiografia profunda de **Silone** se transpôs discretamente para um mundo exatamente representado tal como ele o viveu, ruminou e compreendeu, um mundo inesquecível de "cafoni" agora salvo do desprezo e que Salliet colocou ao lado do de Sunge, de Tchekov e do Renard de "Nossos irmãos bravos". Não há psicologismo, não há apelo ao inconsciente individual, uma arte coral que cada vez mais tendia para o diálogo, para o teatro, a "Sacra Rappresentazione", e que o exemplo de Martin du Gard deve ter influenciado. Aliás, aí residia o perigo literário de **Silone**, seus diálogos avassaladores e demastado "escritos" eram às vezes ensaios mais do que narrativas.

Silone viveu terremotos geográficos, religiosos, ideológicos, que o deixaram despojado como os seus "cafoni". Mas, como também para eles, a ironia calma, o silêncio antes da palavra, as palavras que não ultrapassam a coisa a ser dita, a vontade de compreender sem pressa, e sem se deixar influenciar pelos "mutamenti" (mudanças) superficiais, permitiram que **Silone** elaborasse uma obra que é um testemunho moral, mas também fonte de prazer literário. Seus livros escritos com ritmos de contadores orais abruzzos, com a paciência da mãe tecelã, são "sinceros" e "honestos" como "O pão e o vinho"; ali estão adjetivos e coisas que se observam e que não se podem esquecer pois também estão ligados a uma civilização rural que já é apenas um resto de nostalgia, ou mais simplesmente de ignorância.

Figura 13. Ignazio Silone, o exílio de um escritor "maldito"

Folha de São Paulo, 02 de setembro de 1978.

Disponível em: <<acervo.folha.com.br>>

Já no artigo da *Folha de São Paulo*, do dia 07 de setembro de 1991, o foco está na personalidade política de Ignazio Silone, com o seguinte título: *Escritor previu em 50 a morte do comunismo*⁷⁶, e é escrito por Janer Cristaldo. De acordo com o artigo, em 1950, uma antologia de textos de seis militantes comunistas, intitulada *The God*

⁷⁶ A transcrição completa do texto está no anexo I, nas páginas 149-150.

that failed (ainda não traduzido para o português), foi motivo de duros comentários no mundo político. O texto de Silone publicado nesse volume é o famoso *Uscita di Sicurezza*, no qual faz um balanço da sua vida de militante político e escritor. Como se sabe, quinze anos depois, em 1965, esse texto foi publicado na coletânea homônima, *Uscita di Sicurezza*. A obra *The God that failed* apresenta o depoimento de seis militantes do partido comunista que estavam a par do funcionamento interno do partido, com todas suas contradições: Louis Fischer, André Gide, Arthur Koestler, Ignazio Silone, Stephen Spender e Richard Wright.

Segundo o jornalista, Silone teria até profetizado o golpe de graça para o comunismo vindo da Rússia, em conversa com Togliatti, e com isso demonstrado grande lucidez em sua análise do sistema político soviético, destinado ao desmoronamento por ser “um sistema fundamentalmente entrópico”, baseado no controle obsessivo de uma sociedade que não pode ser controlada.

O artigo faz ainda uma síntese da vida política e literária de Silone, as primeiras experiências como militante de esquerda e a carreira de escritor, destacando sobretudo que é autor dos textos *Fontamara*, *Pão e vinho* e *A escola dos ditadores*, ou seja, a primeira parte de sua produção.

Escritor previu em 50 a morte do comunismo

Golpe de graça virá da Rússia, disse Silone

JANER CRISTALDO
Da Redação

Há quatro décadas do desmoronamento do império russo, mais precisamente em 1950, um livrinho intitulado "The God that failed" andou escandalizando as consciências religiosas do século. Era o depoimento de seis militantes ou simpatizantes do movimento comunista que renegavam sua fé: Arthur Koestler, Ignazio Silone, Richard Wright, André Gide, Louis Fischer e Stephen Spender. Como fogueiras não estavam mais em moda no Ocidente, estes escritores tiveram seus nomes queimados em effigie pela fabulosa máquina inquisitorial do PCUS.

No posfácio à antologia, Raymond Aron se pergunta: como é possível que um homem de inteligência superior possa entregar alegremente ao Partido Comunista a independência de seu julgamento, à qual ele deveria atribuir mais importância que a maior parte dos homens?

A resposta não é fácil, particularmente nestes dias em que o ofício de soviétólogo ou kremlinólogo se tornaram profissões de alto risco, e os argutos especialistas do ramo foram reduzidos à condição de videntes míopes de bola de cristal. Tudo foi previsto, menos o



Silone situou luca final entre comunistas e ex-comunistas

Vinho", como também os diálogos do "A Escola dos Ditados".

Desconfiança básica deste fi-

tórios infortúnios do não-comunista: antes mesmo de pronunciar sua submissão definitiva ou sua abjuração, ele sofre na alma toda espécie de tormen-

óbvio: o desmoronamento, desde dentro, de um sistema fundamentalmente entrópico.

Prever o que aconteceu significava negar o caráter "científico" do marxismo. Os raros audazes que ousaram esta afirmação foram condenados à morte civil pelos marxistas. Foi o caso de Ignazio Silone, um dos depoentes sobre o Deus que fracassou.

Nasceu com o século, nas montanhas dos Abrúzios, Itália. Filho de um pequeno proprietário de terras foi, em 1921, um dos fundadores do Partido Comunista Italiano, que abandonou dez anos depois. Em 1930, após ter sido preso em diferentes países da Europa, instalou-se na Suíça, onde viveu até 1944. Romances mais conhecidos: "Fontamara" e "Pão e

ino de camponeses: não aceitava a mentira como método. Teve atritos pessoais com Stalin ao fazer a defesa de Trotski, e a aventura que Trotski não teve, a de continuar vivo após discordar de Stalin. Sofreu para libertar-se do dogma.

"A verdade é que não nos libertamos do Partido Comunista como quem se liberta de um partido liberal. O Partido, para os militantes, não é apenas um organismo político: é escola, igreja, caserna, família. É uma instituição totalitária no sentido mais completo e puro da palavra, e absorve a totalidade de quem a ele se submete. Assim, um comunista sincero que, por milagre, preserva seu espírito crítico natural e insiste em aplicá-lo de boa fé aos assuntos do partido, se expõe aos contradi-

tos". O que talvez explique tantos dramas contemporâneos, se é que é possível a um comunista ser honesto e ao mesmo tempo inteligente, nesta era das comunicações.

Silone abandonou o barco há sessenta anos. Sua intuição pertence ao território do gênio: "A luta final terá lugar um dia entre os comunistas e os ex-comunistas, disse certa vez a Togliatti. Será a experiência do comunismo que matará o comunismo. Assim sendo, não excluo que o golpe de misericórdia lhe venha da Rússia".

O veredicto é herético para a época. Richard Crossman, o prefaciador do livro, considera que "Silone sem dúvida estava fazendo piada" quando escreve que a luta final será entre comunistas e ex-comunistas.

Figura 14. Escritor previu em 50 a morte do comunismo.

Folha de São Paulo, 07 de setembro de 1991.

Disponível em: <<acervo.folha.com.br>>

Já o artigo da *Folha de São Paulo*, do dia 26 de setembro de 1962⁷⁷, traz a notícia da chegada ao Brasil de Ignazio Silone. Ele irá participar do congresso Pen Club (associação internacional de poetas, ensaístas e romancistas, fundada em Londres em 1922 pelos escritores Catharine A, Dawson Scott e J. Galsworthy). O objetivo é criar laços de colaboração e diálogo entre os profissionais da escrita de todo o mundo. O evento aconteceria em Buenos Aires, entre os dias 3 e 9 de outubro. No aeroporto internacional do Galeão, Rio de Janeiro, Silone declara ser a primeira vez que vem ao Brasil e espera manter o contato com os intelectuais brasileiros. O restante do artigo fala sobre a participação política de Silone, a perseguição, o exílio e a tessitura de *Fontamara*, editado em muitas línguas, traduzido inclusive para o português.

⁷⁷ A transcrição completa do texto está no anexo I, página 155.

Ignazio Silone no Brasil

RIO, 25 (FOLHA) -- O escritor italiano Ignazio Silone, que vai participar do Congresso do Pen Club, em Buenos Aires, no período de 3 a 10 de outubro próximo, desembarcou, hoje, no aeroporto internacional do Galeão. Silone, que foi recebido pelo adido cultural italiano Fernando Capocchi, disse ser esta a primeira vez que vinha ao Brasil, e que esperava manter contatos com os intelectuais brasileiros.

Adiantou ainda o escritor que concederá uma entrevista coletiva na ABI, possivelmente ainda esta semana. Tendo pertencido ao Partido Comunista Italiano, Ignazio Silone foi perseguido pelos fascistas tendo obrigado a deixar o país, retornando à Inglaterra e Suíça, onde escreveu seu famoso livro "Ontanoara", em 1945, e que já foi editado em 17 idiomas, incluindo em português. Atualmente Silone, que é diretor da revista "Tempo Presente", pertence ao grupo socialista de Nenni.

Figura 15. Ignazio Silone no Brasil
Folha de São Paulo, 26 de setembro de 1962.
Disponível em: <<acervo. folha.com.br>>

O artigo da *Folha de São Paulo* do dia 07 de outubro de 1962⁷⁸, de autor não identificado, traça um perfil do intelectual, escritor e político que é Ignazio Silone, em uma continuação do artigo do dia 26 de setembro de 1962. Uma semana antes da publicação do artigo, São Paulo e Rio Janeiro tiveram a oportunidade de receber “um dos homens mais importantes da cultura e do pensamento italiano: o romancista

⁷⁸ A transcrição completa do texto está no anexo I, nas páginas 156-158.

Ignazio Silone”. Indo para o encontro do Pen Club em Buenos Aires, Silone aproveita uma curta estadia nas duas maiores capitais brasileiras.

O jornalista destaca que, além de sua produção literária, Silone foi um político ativo, entre os fundadores do partido comunista na Itália, partido abandonado ao reconhecer que promovia a mutilação da liberdade humana, servindo-se de mentiras para conquistar a massa operária (*Folha de São Paulo*, 7 de outubro de 1962). Destaca também que, após a experiência comunista, Silone filia-se ao Partido Socialista de Pietro Nenni (político, jornalista e escritor italiano, líder histórico do Partido) e dirige a revista *Tempo Presente* junto com Nicola Chiaromonte (político, filósofo e intelectual italiano). Em seguida, é feita uma pequena biografia do autor e comentada sua participação nas revistas *A Vanguarda* e *Il Lavoratore*.

Na opinião do jornalista, Silone teria seguido as pegadas intelectuais de Mazzini (considerado o maior revolucionário italiano do século XIX) em ver a liberdade e a justiça como fundamentos imprescindíveis da redenção humana. Sua bagagem espiritual teria sido enriquecida ainda pela assimilação do pensamento de filósofos e pensadores como Croce, Hegel e Marx. Assim como Croce, Silone condena a subordinação do escritor ao Estado, grave defeito das repúblicas populares comunistas, que leva os autores a renunciar ao dever fundamental de relatar os sentimentos e anseios dos demais membros da sociedade. Em tal contexto, o escritor é forçado a deixar de lado a própria consciência, que segundo Silone é “uma forma redentora do homem”. (*Folha de São Paulo*, 7 de outubro de 1962)

Perfil

Ignazio Silone

NA semana que findou, o Rio e São Paulo perderam, durante uma semana, um dos homens mais importantes da cultura e do pensamento italiano: o romancista Ignazio Silone. O escritor, autor de um punhado de obras traduzidas para a maioria das línguas, foi para Buenos Aires, a fim de participar do Congresso do "Pen Club".

Silone, além de sua produção literária, foi um político ativo, um de poucos grandeza, um dos fundadores do Partido Comunista Italiano, com cuja direção stalinista entrou em luta e, através desta, reconheceu que o comunismo mutilava a liberdade humana e servia-se da mentira para conquistar as massas. Esta hoje filiado ao Partido Socialista, de Pietro Nenni e reduz sua atuação política aos limites da atividade da revista "Tempo Presente", que dirige juntamente com Nicola Chiaromonte.

O autor de "Fontamara", "Pão e Vinho", "Semente Sob a Neve", "A Escola de Diferença", "Famosus", "Um punhado de Amoras", "Viagem a Paris", "O Segredo de Luca", nasceu em Pescina, nos Abruzos (Itália Central), a 10 de maio de 1900. Filho de pai camponês e mãe tecelã, o pai camponês e mãe tecelã, o ambiente de sua infância despertou-lhe a vocação excepcional. Sentiu de perto a opressão e as injustiças sociais mormente no meio rural. Enveredou pelo terreno político, incorporando-se, em 1917, as fileiras da Liga dos Camponeses de Pescina e depois foi guindado ao cargo de secretário da Federação dos Trabalhadores do Campo, na província dos Abruzos.

Socialismo vs. Fascismo

O inimigo era o fascismo, que a todo o momento conta do país, atacando todos os movimentos de renovação. Integrando-se com ardor na ação dos socialistas, destaca-se como jornalista em "A Vanguarda" e, em seguida, em "Il Lavoratore". E assim foi forçado a dar um adeus temporário à Itália, depois da "Marcha Sobre Roma". Obstinado de uma fé inquebrantável, regressou para participar, em 1925 do ativismo subterrâneo de combate ao fascismo. Em 1926 foi condenado pelo Tribunal Especial Fascista, dei-

comunistas, em Mocon, encarcerado, durante a repressão, diante de uma produção inarrivável entre sua maneira de sentir, querer e pensar sobre o comunismo e a cultura moconista. Sua amarga recepção traduziu-se para o cinema "O Deus que Fracassou", fez com que abandonasse o sistema.

Mais chegado a Tolstói

Os airds e estratégias, apreçados durante a reunião do "Komintern", que não vacilava em ordenar o retorno da mente para politizar as massas de camponeses no campo uma revolução e de economia que tinham com sua vida do Partido em 1930. Não obstante, não desistia de luta antifascista. No exílio, dedicou-se a literatura que lhe deu fama internacional. Como socialista, avizinhava-se mais de Tolstói que de Marx, fundando seu socialismo não no esquematismo da dialética materialista, mas em princípios humanos e éticos.

Silone, durante a semana que passou em S. Paulo e Rio, fez um estudo rápido de novos costumes e do temperamento brasileiro e, provavelmente, com esse material, e escreverá qualquer coisa. Achou o brasileiro bastante semelhante ao italiano, com sua índole extrovertida, atual e honesta.



Ignazio Silone

lento ideológico de Silone é próprio e essencialmente socialista. O seu abandono do comunismo deveu-se também a condenação, pura e simples, e aprioristicamente, pela Internacional stalinista, de um documento de Trotsky. Pensa que a propriedade privada é um obstáculo a evolução do homem e que ela constitui um elemento grave de dominação e servidão econômica. Exclui o determinismo histórico, por a história progredir pelos condicionamentos socio-econômico-culturais, sendo a consciência humana partícipe importante para o processo histórico. Sua bagagem espiritual não é resultado de influência de nenhum filósofo em particular, mas tem uma construção própria, pela assimilação de conceitos, como Benedetto Croce, Hegel, Marx e outros.

Contra o Estado

Condena com energia a subordinação do escritor ao Estado, como acontece nas repúblicas populares:

«O escritor tem uma responsabilidade social: como membro da sociedade, não pode furtar-se ao dever de reproduzir os sentimentos, os anseios e as necessidades dos demais membros. Razão por que não pode ser ditado a autoridade de um Estado.»

Indicado como um dos impulsionadores do movimento neo-realista na Itália, contestou que a sua obra tenha essa característica, que é puramente descritiva. Usa o real como matéria-prima,

xando novamente o país, para receber abrigo na Suíça, onde permaneceu até 1944.

Naquele ano, quando a guerra mundial entrava em seus momentos decisivos, com a destruição do nazifascismo, retornou à Itália, a fim de ingressar nas fileiras espartâneas de fustigamento ao fascismo, que finalmente agonizava.

Silone, como romancista, é conhecido em todo o mundo. Ainda recentemente, recebeu um galardão com a obra "O Segredo de Luca", que foi agraciada com o "Premio Italla". Na revista que comanda — a qual abrange os ramos político, social e cultural — é um crítico político-social e está empenhado numa luta sem tréguas contra o comunismo. Deixou em 1930 esse movimento, depois de 10 anos de militância, pois foi na Itália, em 1920, um dos seus fundadores. Delegado italiano à Internacional

VIA V. ANTONIOZZI 2001

Arrebatava no comunismo como o meio mais eficiente para combater o fascismo. Em Moscou, durante o seu contato direto com o sistema, concluiu que se tratava, na realidade, de um "fascismo vermelho".

Mazziniano

Silone seguiu as pegadas de Mazzini, o grande revolucionário italiano do século passado. Ambos vêem na redenção humana, em base moral, a grande meta, em que a liberdade e a justiça são fundamentos intocáveis.

Simples e sereno, refere-se à revolução cubana como a um redondo malogro, pois o homem do campo terá um patrão mais duro — o Estado — que o anterior. O pensa-

colocando, porém, um viado literário na dialética que se fez entre a consciência e a realidade, a final de contas a grande batalha do ser humano..

E a consciência?

Uma forma redentora do homem que procura a libertação, afirma **Silone**.

Os personagens do famoso escritor encarnam a humildade, a beleza de espírito, e adotam o heróico como fato rotineiro, como cumprimento de um dever. Quase todos eles estão vinculados à terra, a mesma de sua infância, uma aldeia agreste dos abruzos, onde Jesus Cristo poderia ter escolhido seus discípulos.

DATA ANUNCIADA

Figura 16. Perfil de Ignazio Silone.
Folha de São Paulo, 07 de outubro de 1962.
Disponível em: <<acervo.folha.com.br>>

Após esta breve análise de dez artigos publicados nos jornais, *Folha da Noite*, *Folha da Manhã* e *Folha de São Paulo*, que tratam das obras silonianas e em modo especial de *Fontamara*, conclui-se que o romance ganha nova vida através da reescritura (leitura) toda vez que é citado nos artigos. Os comentários apresentados nos jornais partem de uma ação reflexiva de quem os escreve, que considera não apenas o aspecto estrutural, estético, poético das obras, mas também sua relevância social e política. Parte-se do pressuposto que os jornalistas não fizeram uma leitura mecânica da obra citada, e sim uma análise, relacionando-a com suas próprias experiências vividas.

Mesmo sem seguir um percurso histórico delimitado, percebe-se que as obras de Silone são bastante citadas nos jornais pesquisados, valiosos meios de divulgação tanto da cultura nacional quanto daquela internacional. A análise desses artigos é fundamental para entender como acontece a leitura e a releitura de *Fontamara* no Brasil, pelos representantes do meio intelectual. Vale ressaltar ainda que, além do primeiro romance de Silone, outros também são citados, como é o caso de *Una Manciatà di More* (ainda não traduzido para o português), *Pão e vinho*, *A semente sob a neve* e *A escola dos ditadores*. Contudo, quase sempre o nome de Silone vem acompanhado da informação que se trata do famoso escritor de *Fontamara*.

Outros artigos lidos, mas não colocados no anexo I, tratam de anúncios referentes ao filme italiano *Fontamara* (1980), do diretor Carlo Lizzani, exibido na capital paulista. Todas as citações do filme *Fontamara* trazem um breve comentário explicando que o mesmo é baseado no romance homônimo de Ignazio Silone. Além do nome do diretor do filme, o italiano Carlo Lizzani, estão presentes ainda os nomes dos atores principais: Michele Placido, Antonella Murgia e Ida Di Benedetto. Algo que sem dúvida chama a atenção é a quantidade de ocasiões em que o filme é referenciado na *Folha de São Paulo*, mais de 105 vezes sobre um total de 148 textos coletados no acervo online da Folha.

Em síntese, a imagem transmitida pelos artigos em relação a *Fontamara* é a de uma obra que mesmo tendo sido escrita em um período conturbado da política italiana, os anos do fascismo, alcança notoriedade e é traduzida em várias partes do continente.. Este é o caso do Brasil, onde é publicado em 1935, apenas dois anos após sua primeira publicação. Depois da primeira tradução brasileira, o livro não cai no esquecimento, mas é novamente reeditado e traduzido, suscitando muitas releituras, de modo especial no jornal *Folha de São Paulo*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo refletir sobre as possíveis motivações que levaram à tradução do romance *Fontamara*, do escritor italiano Ignazio Silone, aqui no Brasil em 1935. A partir da análise da capa do texto traduzido, a hipótese inicial era que a obra fosse apresentada no Brasil como texto subversivo, assim como foi considerada na Itália fascista dos anos 30. A importância do estudo se deve à recuperação de uma narrativa de grande valor literário, que ainda dialoga com o tempo presente gerando novas releituras, como também dá mais visibilidade ao escritor Ignazio Silone, ainda pouco estudado no Brasil sob o ponto de vista da tradução. A pesquisa pretende deixar também a sua contribuição aos Estudos da Tradução, ao trabalhar o conceito de tradução como reescrita, tendo como referencial teórico o texto de André Lefevere: *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária* (2007). Esta visão sem dúvida é muito importante, pois atribui maior autoridade ao tradutor enquanto autor e mediador de um novo enunciado na sua própria cultura.

Desde o início do estudo procurou-se demonstrar, através de exemplos, como a tradução de textos enriquece um sistema literário que está se formando, ou que está passando por um momento de crise, ou que ainda busca por meio da interação com a literatura estrangeira novas ideias para elaborar a própria. Diante dessas reflexões, a posição que assume a literatura traduzida dentro de uma cultura é muito importante porque, além de possibilitar o diálogo com a literatura local, proporciona uma nova leitura e interpretação cada vez que o texto é traduzido. No entanto, vale ressaltar que a atividade da tradução está interligada a fatores internos, através das ideologias e da rede de relações que estão presentes na cultura alvo, e que definem normas e parâmetros de aceitação.

Levando em consideração esses aspectos, pode-se pensar a tradução como reescritura, em que um texto estrangeiro é reescrito em outra cultura, ou seja, é levado para fora do seu contexto histórico, social e político. Reescrever, no entanto, não significa reproduzir um modelo já pronto, ao contrário, é um processo criativo e individual, pois cada escritor através da sua interação com as experiências vividas constrói a própria interpretação do texto relacionando-a com outros discursos que fazem parte da sua vida. Levando em conta esta questão, as reescritas (traduções) não são imparciais, uma vez que o tradutor traz consigo as próprias ideologias e experiências para adicionar significado à leitura. Dentro desta complexa atividade que é a tradução, é o sistema

de mecenato que determina que tipo de literatura deve circular no sistema literário, e de que forma.

A figura do reescritor (tradutor) também faz parte do grupo de agentes que colocam em circulação a imagem e a representação de um autor, de uma obra literária e até do contexto social de outra cultura. A tradução de *Fontamara* no Brasil, em 1935, realizada por Aristides Lobo, pode ser um exemplo de como a tradução seja uma atividade complexa, interligada diretamente a tantos fatores internos da cultura brasileira da década de 30.

A capa escolhida para a edição de 1935 do texto traduzido, por exemplo, surpreende, pois transmite uma clara ideologia política. De fato, o estudo buscou mostrar que não foi por acaso que o texto foi traduzido naquele preciso momento no Brasil. Logo, as imagens políticas e sociais italianas são aproveitadas para servir a fins específicos dentro da cultura brasileira.

Fontamara é traduzido na década de 30 a pedido de um grupo de militantes (mecenas), pertencentes a um movimento político, do qual o próprio Aristides (tradutor) faz parte como dirigente interno: a *Liga Comunista Internacionalista*, fundada em 1931, após terem sido expulsos do *Partido Comunista Brasileiro*, por pertencerem ao trotskismo. Para reforçar a ideologia do grupo, além da capa, bastante subjetiva, estão presentes os comentários críticos de dois líderes do comunismo russo: Leon Trotsky e Karl Radek, ambos expulsos do partido comunista.

As escolhas políticas e ideológicas de Aristides Lobo e do escritor Ignazio Silone constituem um ponto em comum entre os dois intelectuais, e geram uma motivação forte para que *Fontamara* entre no projeto editorial idealizado pelo grupo de militantes da *Liga Comunista Internacionalista* entre as décadas de 30 e 40, que prevê traduções de outras obras, consideradas significativas para a causa revolucionária.

Com o intuito de tornar o presente estudo ainda mais rico, a análise dos artigos de jornais serviu para exemplificar de que forma os críticos e resenhistas de jornais e revistas atuam como colaboradores do sistema de mecenato, e através de seu status ajudam a promover ou recusar obras que segundo eles não estão de acordo com os padrões aceitáveis para o contexto histórico e social daquele momento. Estes artigos de jornais são uma fonte fundamental de dados, pois mostram que uma obra ganha sobrevivência ao longo dos anos através de novas leituras, interpretações ou significações. Entende-se que os jornalistas e os resenhistas têm a grande responsabilidade de ser mediadores entre o público leitor e o autor da obra que está sendo abordada. Eles podem

inconscientemente (ou não) influir sobre a recepção de uma obra como também podem promover um escritor a um status mais elevado dentro de um sistema literário. No caso de Silone, os autores dos artigos analisados parecem elevar a aceitabilidade entre o público brasileiro, dando mais credibilidade e legitimidade tanto ao autor italiano, quanto às suas obras, em especial *Fontamara*.

Por fim, levando em conta a imagem que transparece dos textos *Fontamara*, *A escola dos ditadores*, *Pão e vinho* (entre outros textos do autor citados rapidamente nos artigos), Silone ainda hoje suscita novas significações a cada releitura. Em outras palavras, mesmo sendo constantemente interpretado a partir de uma ótica política, como um autor ligado às suas raízes e aos acontecimentos políticos de seu tempo, Silone continua sendo um escritor atual, pois apesar dos anos transcorridos desde sua primeira edição, *Fontamara* continua dialogando com o tempo presente, na figura dos camponeses e das suas misérias, injustiças e desventuras.

Contudo, seria um equívoco afirmar que o romance do escritor italiano é traduzido no Brasil apenas pelas questões políticas que o texto aborda. O texto de Silone é traduzido também por ser “um grande romance”, e não apenas por ser engajado. Seria muita ingenuidade considerar o texto siloniano como um simples instrumento de propaganda política para a *Liga Comunista Internacionalista*, fundada no Brasil em 1931, que teve entre seus líderes o tradutor e militante Aristides Lobo. Olhar o texto somente pelo viés político não explicaria o fato de ter sido traduzido em mais de vinte idiomas em curto intervalo de tempo, chegando a ser aclamado como um best seller internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTELO, Raúl. *Literatura em revista*. São Paulo: Ática, 1984.
- AMORIM, Sônia Maria. *Em busca de um tempo perdido*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- ARRAES, Danielle de C. G. Linguagem, Poder & Educação: Vidas Secas de Graciliano Ramos e o Estado Novo de Getúlio Vargas. *Revista Litteris*, n. 8, setembro de 2011.
- ARRIGONI, Maria Teresa. Em busca das obras de Dante em português no Brasil (1901-1950). In PETERLE, Patricia (org) *A literatura italiana no Brasil e a literatura brasileira na Itália sob o olhar da tradução*. Tubarão: Copiart, 2011.
- BASSNETT, Susan. *Estudos de tradução*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2003.
- BELLETTI, Roberta. Pinocchio: contributi alla letteratura per l'infanzia. *Mosaico Italiano*. Niterói – Rio de Janeiro, n.95, ano VIII, dezembro de 2011.
- _____. De Amicis: Cuore degli italiani e Coração dei brasiliani. *Mosaico Italiano*. Niterói – Rio de Janeiro, n.104, ano VIII, setembro de 2012.
- BENJAMIN, Walter. A tarefa – renúncia do tradutor. In: HEIDERMANN, Werner (org). *Clássicos da Teoria da Tradução*. Tradução de Susana Kampff Lages. Antologia Bilíngue, alemão – português, vol. I, Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.
- BETELLA, Gabriela K. O direito à inteligência na história de *Zero*, de Ignácio de Loyola Brandão. In: PETERLE, Patricia (org). *A literatura italiana no Brasil e a literatura brasileira na Itália: sob o olhar da tradução*. Tubarão: Copiart, 2011.
- _____. *Fontamara em texto e gravura: confluências do romance de Ignazio Silone com a linoleogravura de Fayga Ostrower*. 2º CIELLI - Colóquio Internacional de Linguísticos e Literários e 5º CELLI - Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários, 13, 14, 15 de junho de

2012. Programa de Pós-Graduação em Letras - UEM - Maringá - Paraná. Anais eletrônico.

BERTONHA, João Fábio. *Sob a sombra de Mussolini: os italianos em São Paulo e a luta contra o fascismo, 1919-1945*. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1999.

_____. O Partido Comunista d'Italia no Brasil e as antifascistas italianas na América Latina. *Revista Novos Rumos*. São Paulo (UNESP), ano 15, n. 33, 2000.

BOSCHINI, M. *Zero, di Ignazio de Loyola Brandão*. 22 de nov. 2013. Disponível em: < <http://www.mattatoio5.com/fantascienza/14-zero-di-ignacio-de-loyola-brandao/item>>. Acesso em 27 de fev. 2014.

BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patricia (orgs). *Tradução e relação de poder*. Tubarão - SC: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. *A tradução de Fontamara no projeto editorial da Liga Comunista Internacionalista*. Posfácio. In: SILONE, Ignazio. *Fontamara*. Trad. Aristides Lobo. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

_____. *Textos e intervenção*. Seleção, apresentações e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades – Editora 34, 2002.

CARNEIRO, Joaquim. A escola dos ditadores. *Revista Clima*. São Paulo, n. 12, abril de 1943.

_____. O Partido Comunista d'Italia no Brasil e as antifascistas italianas na América Latina. *Revista Novos Rumos*. São Paulo (UNESP), ano 15, n. 33, 2000.

CAVALLARI, Doris N. *A arte de representar o outro: Silone e a criação de um universo polifônico*. Tese de Doutorado, UNESP: Assis, 2000.

_____. *Narrar é resistir*. Apresentação. In: Ignazio Silone. Fontamara. Trad. Doris N. Cavallari. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2003.

_____. Sem discurso não há poder: reflexões sobre La scuola dei dittatori de Ignazio Silone. *Revista de Italianística*, USP, v. IX, p. 155-171, 2004.

_____. Ignazio Silone e a busca do personagem ideal: o nascimento de Pietro Spina. *Insieme*. Revista da Associação de Professores de Italiano do Estado de São Paulo, São Paulo, v. 9, p. 105-112, 2002.

_____. A tessitura narrativa de Fontamara e Vidas Secas. *Insieme*. Revista da Associação de Professores de Italiano do Estado de São Paulo, São Paulo - SP, v. 8, p. 34-45, 2001.

_____. O tratado político de Ignazio Silone: La scuola dei dittatori. *Insieme*. Revista da Associação de Professores de Italiano do Estado de São Paulo, São Paulo - SP, v. 6, p. 44-48, 1995.

_____. Ignazio Silone, nascido escritor em 1930/Ignazio Silone, nato scrittore nel 1930. In: PETERLE, Patricia. (Org.). *Ignazio Silone: ontem e hoje*. Niterói: Comunità, 2010, v. 1, p. 27-34.

_____. Lo sguardo e il silenzio: il fondamento del segreto di Luca de Ignazio Silone. In: BIZZONI, Franca e LAMBERTI Maria Pia. (Org.). *Italo Calvino y la cultura de Italia*. México: UNAM, 2007, v. 1, p. 235-242.

BOSCHINI, Max. *Zero, di Ignazio de Loyola Brandão*. 22/11/2013. Disponível em: <<<http://www.mattatoio5.com/fantascienza/14-zero-di-ignacio-de-loyola-brandao/item>>>. Acesso em 03/04/2014.

COUTINHO. Afrânio. *Crítica e teoria literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará – PROED, 1987.

CROCE, Benedetto. *Il rapporto tra intellettuali e fascismo*. Disponível em <<http://online.scuola.zanichelli.it/letterautori-files/volume-3/pdf-online/48-croce_tema.pdf>> Acesso em 21 de abril de 2012.

DANTAS, Vinicius. *Bibliografia de Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades – Editora 34, 2002.

DAROS, Romeu, P. O processo criativo na tradução do episódio de “Paolo e Francesca” da Divina Comédia. In: SOARES, Noêmia; DE SOUZA, Rosane; ROMANELLI, Sérgio (orgs). *Dom Pedro II: Um Tradutor Imperial*. Tubarão: Copiart, 2013.

DE FARIA, Maria A.G. *O percurso intelectual e canônico de Ignazio Silone nos romances do exílio*. RELIT -UFSC, n.03, V.1, agosto de 2011.

DESLILE; WOODSWORTH (orgs.). *Os tradutores na história*. São Paulo: Ática, 1998.

DE MOURA, Elton Alisson. *Produção literária brasileira no século 19 circulava pelo mundo*. 19/09/2012. Disponível em <<http://agencia.fapesp.br/16204>> Acesso em 30 de setembro de 2013.

DIONISIO, Maria A.; MACEDO, Tadeu da S. Benedetto Croce: percezione delle riflessioni sull'arte in Brasile. Trad. Costanza Pediconi. *Mosaico Italiano*, Niterói - Rio de Janeiro, n. 104, ano VIII, setembro de 2012.

DI PAOLO, Edvige. *A narrativa do religioso em *Vino e pane* de Ignazio Silone*. Dissertação de Mestrado em Literatura Italiana. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ, 2008.

DULLES, John W.F. *Anarquistas comunistas no Brasil, 1900-1935*. Trad. César P. Horta. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

EVEN-ZOHAR, Itamar. La posizione della letteratura tradotta all'interno del polisistema letterario. In: NERGAARD, Siri. (org). *Teorie contemporanee della traduzione*. Milano: Bompiani, 1995.

FAUSTO. Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2003.

FERENZINI, Valéria Leão. Os italianos de Juiz de Fora e as medidas nacionalistas do Estado Novo. In: *Caderno de resumos do I simpósio do Laboratório de história política e social: 70 anos do Estado Novo*. Universidade Federal de Juiz de Fora; 05 a 08 de novembro de 2007.

FABRIS, Mariarosaria. “A ‘terra Trágica Agônia’: Giuseppe Ungaretti no Brasil”. In *Revista USP*, São Paulo n.37, p. 154-167, março /maio de 1998.

FARIA, De Paoli Flora. Ignazio Silone e o sentimento da terra. *Revista Recorte*, ano 2 – n.3 – julho a dezembro de 2005.

FOGAÇA, Aline. Parole e sangue e Il mestiere di tradurre. In: PETERLE, SANTURBANO, WATAGHIN (orgs). *Literatura Italiana Traduzida no Brasil 1990-1950*. Niterói-RJ: Editora Comunità, 2013

GUARESCHI, Égide. Carlo Sforza: uma perspectiva. In: PETERLE, P; SANTURBANO, A; WATAGHIN, L. *Literatura Italiana Traduzida no Brasil 1900-1950*. Rio de Janeiro: Comunità, 2013.

GUGLIELMI, M. La traduzione Letteraria. In: GNISCI, A. *et al. Introduzione alla letteratura comparata*. Milano: Bruno Mondadori, 1999.

GUGLIELMINO, Salvatore; GROSSER, Hermann. *Il sistema literário: guida Alla storia letteraria e all'analisi testuale - Novecento*. Milano: G. Principato, 1994.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1985.

LEFEVERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Bauru: EDUSC, 2007.

LEMOS, Andréa. *Expressão Popular: produção editorial e engajamento político*. Disponível em <<http://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2012/trabalhos/7289_Lemos_Andrea.pdf>>. Acesso em 11 de abril de 2013.

MACIERA, Aislan C. Le traduzioni dell'opera di Pirandello in Brasile. *Mosaico Italiano*. Niterói – Rio de Janeiro, n.95, ano VIII.

MACHADO, Anna et al. *Planejar Gêneros acadêmicos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MARTINS, Márcia do A. Peixoto. *Shakespeare e tradução*. Disponível em <<http://www.dbd.puc-rio.br/shakespeare/shakespeare_e_traducao.php>> Acesso em 05 de

maio de 2013.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

_____. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil*. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

MILTON, John. *O Clube do Livro e a tradução*. São Paulo: EDUSP, 2002.

_____. *O poder da tradução*. São Paulo: Ars Poética, 1993.

_____. *Tradução: teoria e prática*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. A importância de fatores econômicos na publicação de traduções: um exemplo do Brasil. *TradTerm*, n. 17, 2010.

MOSCARDELLI, Maria (org). *La coperta abruzzese: il filo della vita di Ignazio Silone*. Roma: Aracne, 2004.

MUNHOZ, Solange. A aproximação ao tema do exílio e à experiência de escritores argentinos e brasileiros. *Revista de Letras*, São Paulo, Vol. 45, n. 2, 2005.

PAES, José Paulo. *Tradução: a ponte necessária: aspectos e problemas de arte de traduzir*. São Paulo: Ática, 1990.

PAVESE, C. Prefazione. In: MELVILLE, H. *Moby Dick*. Milano: Corriere della Sera - I grandi classici, 2002.

_____. Ieri e oggi. In: TELLINI, Gino. *Il romanzo italiano dell'Ottocento e Novecento*. Milano: Bruno Mondadori, 1998.

PETERLE; SANTURBANO; WATAGHIN (orgs). *Literatura italiana traduzida no Brasil 1900 – 1950*. Niterói - RJ: Editora Comunità, 2013.

PETERLE, Patricia (org.) *A literatura italiana no Brasil e a literatura brasileira na Itália: sob o olhar da tradução*. Tubarão – SC: Copiart Editora, 2011.

PETERLE, Peterle. Paragens e passagens: possível coleção abissal de Giuseppe Ungaretti. In: MARSAL, Meritxell Hernando; DINIZ, Alai Garcia; CUSTODIO, Raquel Cardoso de Faria. *Estéticas Migrantes*. Rio de Janeiro: Comunità, 2013, p. 100-112.

_____. *Ignazio Silone: encruzilhadas entre literatura, história e política*. Niterói, RJ: Comunità, 2011.

_____. Permanência no tempo. In: *Rascunho*. Ensaios e resenhas, maio de 2012.

_____. Literatura e tradução: uma relação de “sobrevida” e revitalização. In: *In-Traduções* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Vol. 3, n. 5, 2011.

_____. *Ignazio Silone: ontem e hoje – Ignazio Silone: ieri e oggi*. Rio de Janeiro: Comunità, 2010.

_____. Da política à literatura: o percurso de Ignazio Silone. In: *Alea: Estudos Neolatinos*, vol.11 n.1, Rio de Janeiro, jan\junho, 2009.

_____. *Secondino Tranquilli ou Ignazio Silone: da militância política à atividade literária*. In: *Revista Literatura em Debate* vol.3, n.4, p.141-151, 2009.

_____. Questioni per La letteratura comparata: uno sguardo alle opere di Ignazio Silone e Graciliano Ramos. In: *Revista de Italianística*, XIX – XX. n. 19\20, 2010.

_____. *Ignazio Silone: a reconstrução de uma trajetória poético-intelectual através das cartas*. Tese de Doutorado, UFRJ: Rio de Janeiro, 2006.

_____. A experiência italiana de Cesare Pavese: questões de tradução literária e literatura comparada. In: *Graphos*. João Pessoa, Vol 11, n. 2, Dez./2009.

_____. América de Pavese e Vittorini: confluências entre a tradução literária e a literatura comparada. In: *Cadernos de Tradução*, Vol 1, n. 23, 2009.

RAMOS. Renato. Resistência anarquista e antifascista no período

Vargas. In: *EMECÊ*, 2006, ano 2, n. 5. Disponível em <<http://marquesdacosta.files.wordpress.com/2011/12/emece_05.pdf>> Acesso em 18 de setembro de 2013.

SALVADORI, Massimo. L. *L'età contemporanea*. Milano: Loescher, 1990, vol. 3.

SANTOS, Anne Caroline de Moraes. O Périplo da formação de Berardo Viola e de Franz Biberkopf: um estudo do Bildungsroman em Fontamara, de Ignazio Silone, e em Berlin Alexanderplatz, de Alfred Döblin. Dissertação de Mestrado em Letras, URRJ: Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS, Sandra k. F. V. dos. *Reescrita e manipulação em duas traduções de Nineteen Eighty-four de George Orwell*. Mestrado em Estudos da Tradução - UFSC, Florianópolis, 2001.

SANTURBANO. Andrea. A tradução literária entre censuras e mediação cultural In: *Anais do X Encontro Nacional dos Tradutores e IV Encontro Internacional de Tradutores*, Ouro Preto: de 7 a 10 de setembro de 2009. Disponível em: <<www.ichs.ufop.br/anaisdoentrad/images/stories/76Santurbano.pdf>> Acesso em 24 de outubro de 2013.

SCHNEEBERGER, Carlo Alberto. *Minimanual compacto de história do Brasil*. São Paulo: Rideel, 2003.

SILONE, Ignazio. *Uscita di sicurezza*. Milano: Mondadori, 2001.

_____. *Fontamara*. Trad. Doris Nátia Cavallari. Ilustrações de Andrés Sandoval. Berlendis & Vertecchia Editores: São Paulo, 2003.

_____. *Fontamara*. Milano: Oscar Mondadori, 2013.

_____. *Fontamara*. Trad. Aristides Lobo. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

_____. *Fontamara*. Trad. Aristides Lobo. Rio de Janeiro: Cultura Política, 1935.

_____. *Vino e pane*. Milano: Oscar Mondadori, 2010.

_____. *Il segreto di Luca*. Milano: Oscar Mondadori, 2009.

_____. *L'avventura d'un povero cristiano*. Milano: Oscar Mondadori, 2011.

_____. Primo encontro com Dostoievsky. In: *La fiera letteraria*, Roma, 4 de março de 1956.

SOBRAL, Adail. *Dizer o 'mesmo' a outros: ensaios sobre tradução*. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2008.

SPINDEL, Arnaldo. *O que são ditaduras*. São Paulo. Editora brasiliense S.A., 1981.

TELLINI, Gino. *Il romanzo italiano dell'Ottocento e Novecento*. Milano: Bruno Mondadori, 1998.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. *Traduzir o Brasil Literário. Paratextos e discurso de acompanhamento*. Volume 1. Tradução do francês de Marlova Aseff e Eleonora Castelli. Copiart: Tubarão, 2011.

TRENTO, Angelo. *Os italianos no Brasil*. São Paulo: Premio 2000.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução*. São Paulo: EDUSP, 2002.

WATAGHIN; CAMPOS; BERNARDINI; LUZI; SCARLINI. *Daquela estrela à outra*. São Paulo: Ateliê, 2003. v. 1. 232p

_____. Imitação, transcrição, plágio na poesia de Ungaretti. *Cadernos Neolatinos* (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 1, n.1, 2002.

_____. Poesia "popular" e poesia "douta": o tema da contemplação da morte em traduções do português e do árabe de Giuseppe Ungaretti. *Língua e Literatura* (USP), v. 26, p. 235-244, 2000.

WYLER, Lia. *Línguas, Poetas e Bacharéis: Uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: ROCCO, 2003.

Páginas consultadas online:

A novela, livraria do globo, 1936-1938. Disponível em:

<<<http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/2013/01/a-novela-livraria-do-globo-1936-1938.html>>>

Antonio Candido o mestre do Brasil. Disponível em:

<<<http://super.abril.com.br/cultura/antonio-candido-mestre-brasil-444404.shtml>>>. Acesso em 20/03/2014.

Athena editora. Disponível em:

<<<http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/2012/05/athena-editora.html>>>. Acesso em 11/04/2013.

A verdadeira Itália ao lado das Nações Unidas. In: *Folha da Noite*, 17 de agosto de 1943. Disponível em:

<<http://almanaque.folha.uol.com.br/mundo_17ago1942.htm>> Acesso em 25 de outubro de 2013.

Berlendis & Vertecchia Editores. Disponível em:

<<<http://www.berlendis.com/editora.aspx>>> Acesso em 21 de maio de 2013.

Carlos Heitor Cony. Disponível em:

<<<http://www.carlosheitorcony.com.br/>>>

Cultura Brasil. Ignazio de Loyola, lo scrittore appassionato di cinema.

Disponível em: <<http://gianzino-culturabrasil.blogspot.it/2011/07/ignacio-de-loyola-lo-scrittore.html>>>. Acesso em 27 fevereiro de 2014.

Dicionário Bibliográfico de Literatura Italiana Traduzida no Brasil.

Disponível em: << www.dlit.ufsc.br>>

Editora Expressão Popular. Disponível em: <<

http://editora.expressaopopular.com.br/quem_somos/>> Acesso em 14 de abril de 2013.

Giulio Einaudi Editore. Disponível em:

<<http://www.einaudi.it/Contenuti-comuni/Statici/casa_editrice>> Acesso em 30 de setembro de 2013.

História da Folha. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm>> Acesso em 14 de abril de 2013.

_____. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/tempos_cruciais-01.shtml>> Acesso em 14 de abril de 2013.

Jornal GGN. Disponível em:

<<<http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/iluminacoes-de-antonio-candido-2-clima-visada-ampla-e-renovadora>>>. Acesso em 20/03/2014.

Paulo M. Oliveira. Disponível em:

<<<http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/2012/05/paulo-m-oliveira.html>>> Acesso em 11/04/2013.

Traduções de Monteiro Lobato. Disponível em:

<<<http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/2011/01/traducoes-de-monteiro-lobato.html>>> Acesso em 03/03/2014.

Artigos de jornais analisados na pesquisa

Conferências. In: *Folha da Manhã*, 6 de outubro de 1946, primeiro caderno, página 4. Disponível em: <<<http://acervo.folha.com.br/>>>

CONY, Carlos Heitor. Fora todos! In: *Folha de São Paulo*, 25 de agosto de 2005, primeiro caderno, página 2, sessão opinião. Disponível em: <<<http://acervo.folha.com.br/>>>

CRISTALDO, Janer. Escritor previu em 50 a morte do comunismo. In: *Folha de São Paulo*, 07 de setembro de 1991. Sessão Mundo, página 4. Disponível em: <<<http://acervo.folha.com.br/>>>

Ignazio Silone, o exílio de um escritor “maldito”. In: *Folha de São Paulo*, 02 de setembro de 1978, Ilustrada, página 3. Disponível em: <<<http://acervo.folha.com.br/>>>

Ignazio Silone no Brasil. In: *Folha de São Paulo*, 26 de setembro de 1962. Primeiro Caderno, página 5. Disponível em: <<<http://acervo.folha.com.br/>>>

Livros Novos. In: *Folha da Manhã*, 30 de setembro de 1943, primeiro caderno, p. 4. Disponível em: <<<http://acervo.folha.com.br/>>>

Os dez mais! In: *Folha de São Paulo*, 3 de janeiro de 1999, página 5, sessão Mais! Disponível em: <<<http://acervo.folha.com.br/>>>

PETRACCONI, Pasquale. Os fontanarezes se agitam. In: *Folha da Noite*, 17 de agosto de 1946, Caderno único, página 2. Disponível em: <<<http://acervo.folha.com.br/>>>

Perfil Ignazio Silone. In: *Folha de São Paulo*, 07 de outubro de 1962. Sessão ilustrada, página 3. Disponível em: <<<http://acervo.folha.com.br/>>>

Romances mais votados! In: *Folha de São Paulo*, 3 de janeiro de 1999, página 7, sessão Mais! Disponível em: <<<http://acervo.folha.com.br/>>>

ANEXO I

Jornal *Folha de São Paulo*

Quinta-feira, 25 de agosto de 2005

Primeiro Caderno, pág. 2

Sessão - Opinião

Título: Fora Todos!

Autor: Carlos Heitor Cony

Rio de Janeiro – Já lembrei aqui neste espaço, há tempos, a cena deliciosa de um dos melhores romances que li em toda a minha vida, “Fontamara”, de Ignazio Silone, autor italiano patrulhado pelos comunistas, embora tenha sido, ele próprio, um comunista sincero, mas independente da linha ditada pelo “pápuca” Stalin e seus prepostos espalhados pelo mundo, inclusive no Brasil.

Uma comissão de fascistas vai a Fontamara, aldeiazinha perdida nas montanhas, onde todos são analfabetos e vivem brigando por causa das cabras e, sobretudo, por causa de água, água pouca, que só existe numa fonte, a fonte amarga do título. Os fascistas fazem uma pesquisa de opinião e querem saber como recensear aqueles camponeses rudes, fora do contexto progressista que Mussolini havia criado na Itália

Era impossível e, principalmente, inútil fazer um questionário sobre o pensamento político daquela gente. Os fascistas simplificaram. Chamavam um a um os fontamareneses e pediam para que eles dessem um viva a qualquer pessoa ou entidade. O primeiro deu um “Viva o rei!” e foi cadastrado como monarquista. Outro deu um “Viva o papa!”, foi catalogado como clerical. Uma velhinha deu um “Viva São Roque!”, padroeiro da aldeia, e foi arrolada como anarquista. E um outro viveu o povo, recebendo a classificação de comunista.

O ancião mais velho da aldeia, desconfiando que nenhum daqueles vivos havia agradado aos fascistas, pensou em dar um “Viva Garibaldi!”, mas teve receio de também não agradar. Deu um “Viva todos!”. Foi fichado como liberal. É isso aí. Viva todos.

Na semana passada, numa dessas manifestações contra a corrupção reinante, apareceu uma faixa: “Fora todos!” (Não tenho certeza se havia o ponto de exclamação, seria redundante). Seriam liberais como o velhinho de Fontamara, na base do: estando tudo na pior, o mais sábio e decente é irmos todos embora.

Mas para onde?

Jornal *Folha de São Paulo*

Sábado, 07 de setembro de 1991

Sessão Mundo, pág. 4

Título: Escritor previu em 50 a morte do comunismo

Autor: Janer Cristaldo

Golpe de graça virá da Rússia, disse Silone

Há quatro décadas do desmoronamento do império russo, mais precisamente em 1950, um livrinho intitulado “The God that failed” andou escandalizando as consciências religiosas do século. Era o depoimento de seis militantes ou simpatizantes do movimento comunista que regavam sua fé. Arthur Koesther, Ignazio Silone, Richard Wright, André Gide, Louis Fischer e Stephen Spender. Como fogueiras não estavam mais em moda no Ocidente, estes escritores tiveram seus nomes queimados em efígie pela fabulosa máquina inquisitorial do PCUS.

No posfácio à antologia, Raymond Aron se pergunta: como é possível que um homem de inteligência superior possa entregar alegremente ao Partido Comunista a independência de julgamento, à qual ele deveria atribuir mais importância que a maior parte dos homens?

A resposta não é fácil, e particularmente nestes dias em que o ofício de soviétólogo ou Kremlinólogo se tornaram profissões de alto risco, e os argumentos especialistas do ramo foram reduzidos à condição de videntes míopes de bola de cristal. Tudo foi previsto, menos o óbvio: o desmoronamento, desde dentro, de um sistema fundamentalmente entrópico.

Prever o que aconteceu significava negar o caráter “científico” do marxismo. Os raros audazes que ousaram esta afirmação foram condenados à morte civil pelos marxistas. Foi o caso de Ignazio Silone, um dos depoentes sobre o Deus que fracassou.

Nasceu com o século, nas montanhas dos Abruzos, Itália. Filho de um pequeno proprietário de terras foi, em 1921, um dos fundadores do Partido Comunista Italiano, que abandonou dez anos depois. Em 1930, após ter sido preso em diferentes países da Europa, instalou-se na Suíça, onde viveu até 1944. Romances mais conhecidos: “Fontamara” e “Pão e Vinho”, como também os diálogos do “A Escola dos ditadores”.

Desconfiança básica deste filho de camponeses: não aceitava a mentira como método. Teve atritos pessoais com Stalin ao fazer a defesa

de Trotski, e a aventura que Trotski não teve, a de continuar vivo após discordar de Stalin. Sofreu para libertar-se do dogma.

“A verdade é que não nos libertamos do Partido Comunista como quem se liberta de um partido liberal. O Partido, para os militantes, não é apenas um organismo político: é escola, igreja, caserna, família. É uma instituição totalitária no sentido mais completo e puro da palavra e absorve a totalidade de quem a ele se submete. Assim, um comunista sincero que, por milagre, preserva seu espírito crítico natural e insiste em aplicá-lo de boa fé aos assuntos do partido, se expõe aos contraditórios infortúnios do não conformista: antes mesmo de pronunciar sua submissão definitiva ou sua abjuração, ele sofre na alma toda espécie de tormentos”. O que talvez explique tantos dramas contemporâneos, se é que é possível a um comunista ser honesto e ao mesmo tempo inteligente, nesta era das comunicações.

Silone abandonou o barco há sessenta anos. Sua intuição pertence ao território do gênio: “A luta final terá lugar um dia entre os comunistas e os ex-comunistas, disse certa vez a Togliatti. Será a experiência do comunismo que matará o comunismo. Assim sendo, não excluo que o golpe de misericórdia lhe venha da Rússia”.

O veredicto é herético para a época. Richard Crossman, o prefaciador do livro, considera que “Silone sem dúvida estava fazendo piada” quando escreve que a luta final será entre comunistas e ex comunistas.

Jornal *Folha de São Paulo*

Sábado, 02 de setembro de 1978

Sessão Ilustrada, pág. 3

Título: Ignazio Silone, o exílio de um escritor “maldito”.

Le Monde

Ignazio Silone morreu no exílio, ou pelo menos fora de seu país, a Itália. Seu destino foi ser exilado, ou clandestino, durante 20 anos. A tristeza de seu desaparecimento não atenuada pela breve lembrança do prêmio Del Duca que fora receber em Paris. Mas esse prêmio, que se acrescentava a alguns outros (o Marzotto, em 1965, o Campiello, em 1968) confirmava que o “caso Silone” evoluira profundamente nestes últimos anos.

Porque houve um paradoxo a propósito de Silone, o qual não é fácil de deslindar, ou como ele mesmo teria dito, “explicar”. Ai estava um jovem político, quase desconhecido na Europa, que um romance - “Fontamara” - lançado em várias línguas, exceto na sua (houve uma pequena tiragem confidencial em Paris, em italiano) punha na primeira fila dos escritores ocidentais, a partir de 1933.

Fora descoberto por Jacob Wassermann: era lido em francês num folheto de “Europe” em 1934. Prokosch e Faulkner o consideravam como o maior escritor italiano contemporâneo; era comparado a Malraux e a Hemingway. Camus (que tanto se aproximava dele), Nadeau, Orwell estavam entusiasmados com ele. É verdade que se pode admitir que seus leitores, estranhos à cultura italiana, demasiado deslumbrados por d’Annunzio, se tenham deleitado com ambiguidade com o folclore meridional, presente em “Fontamara”: talvez até, um século depois de Silvio Pellico, e um pouco antes dos livros de Gramsci, tenham encontrado de novo a fascinação mítica das prisões sob o sol: o motivo do encarceramento está presente através de maioria dos romances de Silone.

Mas “Fontamara” e depois “Pão e Vinho” (em 1938, em francês) e em seguida “A semente debaixo da neve” (em 1942 na Suíça, em 1950 na França) também eram documentos novos em primeira mão, sobre uma realidade política, social e intelectual muito pouco conhecida. Vivia-se um decênio aberto à literatura de ação e de compromisso.

Na Itália, Silone era visto sob um prisma diferente. Nascido em 1º de maio de 1900 em Pescina, nos Abruzzos - o burgo de Mazzarino - fizera ali parte de seus estudos, no seminário menor; só recebera lições de belo estilo, sobre os modelos dos clássicos de liceu, e as leituras furtivas do proibido d’Annunzio não melhoravam as coisas. Pode-se

pensar que a literatura franciscana já o tinha interessado. Mas a vida política precoce, a clandestinidade, só o havia formado literariamente no horror ao belo estilo de colégio e no hábito dos relatórios sem lirismo para os congressos do Partido Comunista (que ele contribuía para fundar em 1922), dos volantes de propaganda ou dos artigos dos jornais que ele dirigia. Foi redigindo esses relatórios abstratos que ele percebia que faltava neles alguma coisa, a pequena chama da vida, a vibração dos pequenos fatos verdadeiros e das afeições individuais.

Nas reuniões do comitê central, chegava até a interromper os detalhes dialéticos por uma anedota que somente o sardo Gramsci sabia apreciar. Foi daí que partira sua experiência de escritor, quando, demissionário-expulso do PCI, em 1930, exilado e tuberculoso em Davos (Suíça) ele redigira com dificuldade “Fontamara”. Ficou surpreendido ao saber que ele se alinhara com uma porção de modelos: Faulkner, Hemingway, Fogazzaro, Guerrazzi, que ele ignorava.

Os críticos italianos ficaram confusos. Em primeiro lugar, tratava-se do único romancista antifascista do exterior, de um comunismo de que evidentemente não se podia falar na imprensa do regime. Sabe-se que o silêncio sobre um livro, por ocasião de sua publicação, é uma pedra tumular dificilmente remível. E ainda mais, Silone escrevia mal, ao que parece como Svevo: faltava a sua prosa a “vibração interior”. Isto é, sem dúvida, as palavras raras e ricas, as metáforas, as comparações, as paisagens impressionistas (Silone quase nunca descreve), as facilidades elegíacas. Num momento de “prose d’arte”, de fragmentos idílicos, essa escrita linear, essas “palavras pobres” não agradam.

Depois veio o neo-realismo do após-guerra com seu americanismo. Seu naturalismo subjetivo e populista. Silone não usava o dialeto que entretanto era a única língua de seus personagens reais: contava sem rodeios, exceto alguns flashback, e deslocamentos de pontos de vista (em “Fontamara”, são três camponeses que falam cada um por sua vez), ele dizia simplesmente os motivos econômicos, políticos, que provocavam a dor dos oprimidos de seu país, os “cafoni”: e sob esse ponto de vista, Silone é um dos raros romancistas autenticamente marxistas da Itália.

Além disso tornara-se anticomunista, declarava-se fora da Igreja, não aprovava absolutamente o humanismo indiferente dos liberais; nem mesmo reivindicava seus méritos antifascistas, num silêncio exemplar e constrangedor para muita gente. Seu êxito no exterior, ajudado por uma prosa demasiado fácil de traduzir, acabara por lhe alienar as simpatias de seus confrades. Silone viu-se assim esquecido

na maioria dos quadros literários italianos deste século. Por sua vez, as gerações mais recentes nem mesmo se dignavam inscrevê-los entre os populistas (sendo o populismo o socialismo dos outros) e acham que seus camponeses ou seus intelectuais não são suficientemente revolucionários.

Apesar desses motivos convergentes de hostilidade, a força moral do homem engajado Dora dos grupos, seu otimismo obstinado diante de um mundo cujos aspectos grotescos, tirânicos, injustos ele denuncia. Sua fé numa sociedade em que os homens possam se livres, responsáveis, abertos a outrem, sua vigilância em favor dos oprimidos, afinal venceram as reservas e por volta de 1965 Silone foi confinado, não sem ambiguidade “recuperadora”, no Panteão dos italianos vivos.

Agora que ele entra para o Panteão dos mortos, temos muitas perguntas a fazer sobre o escritor. A importância, para ele e para seus leitores, das mensagens sociais e morais que nos dirigia fez passar para segundo plano, ou contestar os valores propriamente literários de uma obra abundante. É preciso que estude melhor o trabalho assíduo, metucioso a que Silone submetia seus romances, usando mesmo para esse fim as traduções estrangeiras sucessivas, como rascunho.

“Fontamara”, entre 1933 e 1937, só recebeu retoques de pormenores, mas “Pão e vinho” perdeu episódios inteiros, digressões demasiado teóricas; A “Semente debaixo a neve” custou um enorme trabalho de revisão; “A raposa e as camélias”, de 1934 a 1960, teve 4 a 4 redações diferentes (era também o único romance que não se situava nos Abruzzos). A própria bibliografia de Silone, através das edições clandestinas, estrangeiras, definitivas, é um labirinto complicado.

Assim se verá melhor porque Silone não corresponde à ideia tradicional do “belo escritor”, que a evolução de sua arte foi constante, no sentido da dificuldade, senão no do êxito; que, da aventura muito simples narrada em “Fontamara” ele passou para a grande composição de “A semente debaixo da neve” (para muita gente sua obra-prima) e ao romance policial do “Segredo de Luca”, que é sua narrativa mais romanticamente subjetiva.

Será apreciada a ausência e qualquer narcisismo da memória, apesar de haver muitas tentações proustianas nesse homem ligado à sua região de infância e para o qual “um punhado de amoras” podia evocar todo um mundo; assim se compreenderá como, fiel a uma linha naturalista, a autobiografia profunda de Silone se transpôs discretamente para um mundo exatamente representado tal como ele o viveu, ruminou e compreendeu, um mundo inesquecível de “cafoni” agora salvo do desespero e que Salliet colocou ao lado do de Sunge, de Tchekhov e o

Renard de “Nossos irmãos bravios”. Não há psicologismo, não há apelo ao inconsciente individual, uma arte coral que cada vez mais tendia para o diálogo, para o teatro, a “Sacra Rappresentazione”, e que o exemplo de Martin Du Gard deve ter influenciado. Alias, aí residia o perigo literário de Silone, seus diálogos avassaladores e demasiado “escritos” eram às vezes ensaios mais do que narrativas.

Silone viveu terremotos geográficos, religiosos, ideológicos, que o deixaram despojado como seus “cafoni”. Mas, como também para eles, a ironia calma, o silêncio antes da palavra, as palavras que não ultrapassam a coisa a ser dita, a vontade de compreender sem pressa, e sem se deixar influenciar pelos “mutamenti” (mudanças) superficiais, permitiram que Silone elaborasse uma obra que é um testemunho moral, mas também fonte de prazer literário. Seus livros escritos com ritmos de contadores orais de Abruzzos, com a paciência da mãe tecelã, são “sinceros” e “honestos” como “o pão e o vinho”; ali estão adjetivos e coisas que se observam e que não se podem esquecer pois também estão ligados a uma civilização rural que já é apenas um resto de nostalgia, ou mais simplesmente de ignorância.

Jornal *Folha de São Paulo*
Quarta-feira, 26 de setembro de 1962
Primeiro Caderno, pág. 5
Título: Ignazio Silone no Brasil

RIO, 25 (Folha) O escritor italiano Ignazio Silone, que vai participar do congresso do Pen Club, em Buenos Aires, no período de 3 a 9 de outubro próximo, desembarcou hoje no aeroporto internacional do Galeão. Silone, que foi recebido pelo adido cultural [?] Fernando Capecci, disse ser essa a primeira que vinha ao Brasil, e que esperava manter contatos com os intelectuais brasileiros.

Adiantou ainda o escritor que concederá uma entrevista coletiva na ABL, possivelmente ainda esta semana. Tendo pertencido ao Partido Comunista Italiano, Ignazio Silone foi perseguido pelos fascistas sendo obrigado a deixar o país, refugiando-se na Inglaterra e Suíça, onde escreveu seu famoso livro “Fontamara”, em [?], e que já foi editado em 17 idiomas, inclusive em português. Atualmente Silone, que é diretor da Revista “Tempo Presente”, pertence ao grupo socialista de Nental.

Jornal *Folha de São Paulo*
 Domingo, 07 de outubro de 1962
 Sessão Folha Ilustrada, pág. 3
 Título: Perfil Ignazio Silone

Perfil

Ignazio Silone

Na semana que findou, o Rio de Janeiro e São Paulo hospedaram durante uma semana um dos homens mais importantes da cultura e do pensamento italiano: o romancista Ignazio Silone. O escritor, autor de um punhado de obras traduzidas para a maioria das línguas, foi a Buenos Aires a fim de participar do Congresso do “Pen Club”.

Silone, além de sua produção literária, foi um político ativíssimo de primeira grandeza, um dos fundadores do Partido Comunista italiano, com sua direção stalinista entrou em luta e, através desta reconheceu que o comunismo mutilava a liberdade humana e servia-se da mentira para conquistar as massas. Está hoje filiado ao Partido Socialista, de Pietro Nenni reduz sua atuação política aos limites da atividade da revista “Tempo presente”, que dirige juntamente com Nicola Chiaromonte.

O autor de “Fontamara”, “Pão e Vinho”, “Semente Sob a Neve”, “A Escola de Ditadores”, “Fascismus”, “Um punhado de Amoras”, “Viagem a Paris” “O Segredo de Luca”, nasceu em Pescina, nos Abruzzos (Itália Central), a 10 de maio de 1900. Filho de pai camponês e mãe tecelã, o amicente de sua infância despertou-lhe a vocação excepcional. Sentia de perto a opressão e as injustiças sociais mormente do meio rural. Enveredou pelo terreno político, incorporando-se em 1917, as fileiras da Liga dos Camponeses de Pescina e depois foi guindado do cargo de secretário da Federação dos Trabalhadores do Campo, na província dos Abruzzos.

Socialismo vs. Fascismo

O inimigo era o fascismo, que afirmando conta do país, enforcando todos os movimentos de renovação. Integrandose com ardor na ação dos socialistas, destaca-se como [?] em “A Vanguarda” e, em seguida em “Il Lavoratore”. E assim foi forçado a dar um adeus temporário à Itália depois “marcha Sobre Roma”. Obstinado, de uma fé inquebrantável, regressa [?] para participar, em 1925 do ativismo

subterra o combate do fascismo. Em 1926 foi condenado pelo Tribunal Especial Fascista, deixando novamente o país, para receber abrigo na Suíça, onde permaneceu até 1944.

Naquele ano, quando a guerra mundial entrava em seus momentos decisivos, com a destruição do nazifascismo, retornou à Itália, a fim de ingressar nas fileiras espontâneas de fustigamento ao fascismo, que finalmente agonizava.

Silone, como romancista, é conhecido em todo o mundo. Ainda recentemente, recebeu um galardão com a obra “O Segredo de Luca”, que foi agraciada com o “Prêmio Itália”. Na revista que comanda – a qual abrange os ramos político, social e cultural – é um crítico político-social e está empenhado numa luta sem tréguas contra o comunismo. Deixou em 1930 esse movimento, depois de 10 anos de militância, pois foi na Itália, em 1920, um dos seus fundadores. Delegado italiano à Internacional. Comunista, em Moscou encontrou-se, durante a [?], diante de um [?] possível entre sua maneira de sentir, querer e pensar sobre o comunismo e a [?]. Sua amarga recepção para o [?] “O [?] que [?]”, fez com que abandonasse o sistema.

Mais chegado a Tolstoi

[?]e estratégias, apregoados, distante a reunião do [?], que não vacilava em ordenar o recurso da mentira para polarizar as [?] dedicou-se a literatura que lhe deu fama internacional. Como regionalista, [?] mas de Tolstoi que Max, fundando seu socialismo não no esquematismo da dialética materialista, mas em princípios humanos e éticos.

Silone, durante a semana que passou em São Paulo e Rio de Janeiro fez um estudo rápido de nossos costumes e do temperamento brasileiro e, provavelmente, com esse material, escreverá qualquer ensaio. Achou o brasileiro bastante semelhante ao italiano, com sua índole extrovertida, afável e hospitaleira.

Acreditava no comunismo como o meio mais eficiente para combater o fascismo. Em Moscou, durante o seu contato direto com o sistema, concluiu que se tratava na realidade, de um “fascismo vermelho”.

Mazziniano

Silone seguiu as pegadas de Mazzini, o grande revolucionário italiano do século passado. Ambos veem na redenção humana, em base moral, a grande meta, em que a liberdade e a justiça são fundamentos intocáveis.

Simples e sereno, refere-se à revolução cubana como a um redondo malogro, pois o homem do campo terá um padrão mais duro – O Estado – que o anterior. O pensamento ideológico de Silone é próprio essencialmente socialista. O seu abandono do comunismo deveu-se também a condenação, pura e simples e aprioristicamente pela internacional stalinista de um documento de [?]. Pensa que a propriedade privada é um obstáculo a evolução do homem e que ela constituiu um elemento grave de dominação e servidão econômica. Excluiu o determinismo histórico pois a [?] pelos condicionamentos sócio-econômico-culturais, sendo a consciência humana participe importante para o processo histórico. Sua bagagem espiritual não é resultado de influência de nenhum filósofo em particular, mas tem uma constituição própria pela assimilação de pensadores como Benedetto Croce, Hegel, Marx e outro.

Contra o estado

Condena com energia a subordinação do escritor ao Estado, como acontece nas repúblicas populares.

O escritor tem uma responsabilidade social: como membro da sociedade, não pode furtar ao dever de reproduzir os sentimentos, os anseios e as necessidades dos demais membros. Razão por que não pode ser bitolado à autoridade de um Estado.

Indicado como um dos impulsionadores do movimento neo-realista na Itália contestou que a sua obra tenha essa característica que é puramente descritiva. Usa o real como matéria-prima, colocando, porém sua versão literária na dialética que se fez entre a consciência e a realidade, afinal de contas a grande batalha do ser humano.

E a consciência?

Uma forma redentora do homem que procura a liberação, afirma Silone.

Os personagens do famoso escritor encarnam a humildade, a beleza de espírito, e adotam o heroísmo como fato rotineiro, como cumprimento de um dever. Quase todos eles estão vinculados à terra, a mesma de sua infância, uma aldeia agreste dos abruzzos, onde Jesus Cristo poderia ter escolhido seus discípulos.

Jornal *Folha da Noite*

Sábado, 17 de agosto de 1946

Único, pág. 2

Título: Os fontamarezes se agitam

Autor: P. Petraccone

No noticiário italiano de hoje há uma pequena notícia que merece um rápido comentário. Trata-se, afinal de nossos velhos conhecidos.

Lembram-se, os leitores de Fontamara dos “cafoni” de Fontamara, da novela de Ignazio Silone? Os fontamarezes depois de muitos anos voltaram a cartaz.

Esses fontamarezes em verdade deram o que fazer. Mas depois da lição que mereceram do fascismo, em 1928 ou 29, e que Silone objetivamente nos contou não se ouviu mais falar deles.

Pretendiam esses “cafoni” de Fontamara resistir ao fascismo, então na fase ascensional e muito bem amparado com o apoio de todos os governos democráticos do mundo. Pretendiam impedir que o riacho que banhava a sua aldeia fosse desviado em benefício de novos ricos, pretendiam não pagar mais impostos, ridicularizavam os gerarcas da nova ordem, chegaram a escrever e distribuir um jornalzinho com o curioso título: “Que devemos fazer?”, no qual se pregava a união dos operários e dos camponeses contra o inimigo comum.

Naturalmente, as coisas não podiam deixar de ter um desfecho desastroso. Um belo dia uma “aparição punitiva” acabou com tudo. Uma fileira de caminhões, tiros, saqueio, fogo na aldeia. Tudo estava acabado. Alguns mortos. Mas tudo estava acabado.

Os fontamarezes voltam à luz da publicidade.

“As terras do príncipe Alessandro Terionia situada a 80 quilômetros de Roma foram invadidas por camponeses, que as dividiram entre si pacificamente e sem encontrar resistência de que quer que seja” – nos informa a Reuters.

A agência, é verdade, não faz o nome de Fontamara. Mas Fontamara – nome bem bonito – pode também ter sido [?] dos mapas, pode também nunca ter exultado. Que sejam, porém fontamarezes os invasores dos latifúndios [?] do príncipe [?] sobre isso não há dúvida são mesmo eles! Não se lembram os leitores do príncipe [?] a desse patrício romano que na sua remota mocidade faz um século e meio não era nem nobre nem italiano, pois acompanho com o nome de Torlogno, as tropas napoleônicas que desciam na Itália enriqueceu exercendo a profissão de vivandeiro dos soldados franceses! Os fontamarezes se agitam e tomam

posse das terras que por anos e anos, por uma infinidade de anos fecundaram com o seu trabalho e que nunca lhes deram abastança.

Sinto uma vontade louca de desejar-lhes que sejam bem sucedidas.

E verdade, que entre eles devam ser poucos os nossos conhecidos.

Berardo Viola não está com eles, pois Berardo morreu torturado pela polícia fascista, não querendo revelar o nome dos companheiros. Não estão com eles o general Baldissera, nem Scarpone, nem Santa-Feira Santa, pois também morreram defendendo a ideia.

Mas com certeza, entre os fontamarezes de hoje haverá também algum dos nossos conhecidos ou, na falta dos filhos, os netos, os sobrinhos desses nossos velhos amigos.

Que a sorte vos acompanhe fontamarezes, que a sorte vos acompanhe pela vossa felicidade e pela felicidade do nosso país, que deve ressurgir! Afinal, na Itália há algo que deve ser modificado, se queremos marchar adiante. Sem violência, sem sangue, pacificamente como diz a notícia da Reuters sem desordens, mas há algo que deve ser modificado com coragem e resolução.

Que a sorte vos acompanhe fontamarezes.

Jornal *Folha da Manhã*
Sexta-feira, 01 de janeiro de 1943
Primeiro Caderno, pág. 7
Titulo: Livros novos

Lançamento do livro da Escola dos Ditadores, nessa coluna há informação dos seguintes livros que estão sendo lançados:

Os Russo não se rendem, de Alexander Pollakov, Ed, Pã Americana

Chamavam-me Cassandra, Jeneviene Taubois, Ed, Pã Americana

O resto é silêncio, Érico Veríssimo, Globo

Os Cossacos, Tosltói,

Destino da carne, Samuel Butler, José Olympio

Diogo Antonio Feijó, Octavio, Tarquinio de Sousa, José Olympio

ESCOLA DOS DITADORES – Ignazio Silone – Ignazio Silone, autor do “Fontamara”, acaba de ter um novo livro traduzido para a nossa língua. Trata-se da sátira “Escola dos ditadores” numa tradução de Aristides Lobo. Poucos livros contemporâneos atendem com igual eficácia à necessidade de pensar e discutir que se impõe em nossa época. Em “A Escola de Ditadores”, os diálogos se desenvolvem com tão serena objetividade e apresentam tal clareza, que o autor se coloca mais na posição de um analista desapaixonado do que na de um homem de partido. Seus pensamentos e conclusões representam menos o sentir de uma determinada corrente de ideias do que o de toda a humanidade que sofre, luta o trabalho. Neste livro, verdadeiro manual de ensino político, o fascismo é severamente à luz dos acontecimentos destes últimos vinte anos. “Escola dos Ditadores” é, no fundo, uma apologia dos princípios democráticos em sua forma mais elevada e cuja rigorosa definição apresenta sobre a base dos modernos métodos de investigação científica da história.

Jornal *Folha da Manhã*

Quinta-feira, 30 de setembro 1943

Primeiro caderno, pag. 4

Título: Pão e vinho – Ignazio Silone – Editora Oceano Limitada, São Paulo

Na sua coleção “Romances Clássicos e Modernos”, a Editora Oceano Limitada, desta Capital, acaba de publicar: “Pão e Vinho”, livro que é considerado pela crítica, como a melhor obra do escritor italiano Ignazio Silone, ora no exílio. Publicado em 1933, na Suíça, o romance “Fontamara”, imediatamente traduzido para vários idiomas, Silone granjeou fama em todo o mundo. Dentre os seus livros, “Pão e Vinho” é tido geralmente como o principal trabalho literário. Há nesse romance cenas vigorosas da Itália de todos os tempos, da “povera gente” penando, da luta aparentemente inútil contra uma ditadura feroz.

Os camponeses pobres de todas as regiões do mundo poderão se reconhecer nos seus “cafoni”. Há, por isso, nas páginas dessa grande obra de arte, um conteúdo universal que a enobrece.

Nesse livro há muito de autobiográfico. Secondino Tranquillini, que somente ao exílio adotou o pseudônimo de Ignazio Silone, participou durante vários anos da luta clandestina contra o fascismo; sua família, como a do protagonista do romance, Pietro Spina ou Dom Paulo Spada, morreu no terremoto de 1915, e, como ele, caçado pelos “camisas pretas” por toda a Itália, passou muitos meses escondido entre os “cafoni” (camponeses) dos Abruzos, sua província natal.

Desse livro, diz o crítico Otto Maria Carpeaux: “O herói do romance volta à pátria, que ele não reconhece mais e onde não mais o reconhecem, até que se perde, para sempre, nas montanhas, cobertas de neve, onde os lobos o dilacerarão: uma jovem – somente ela – fará sobre o perdido o sinal da cruz. É uma grande obra de arte: como todas as grandes obras de arte: faz pairar, atrás de ai um profundo silêncio”.

“Pão e Vinho” mostra-nos a grande e tormentosa luta de um homem por um ideal. Através da vida de Pietro Spina surge aos nossos olhos a vida amarga da gente humilde, ludibriada pela ditadura fascista. Um romance de ideias e de costumes “Pão e Vinho” é um livro que, no dizer de Willy Schlamm poderá esperar: ele sobreviverá à nossa geração, seja qual for a decisão que ela venha a tomar.

Jornal *Folha da manhã*
Domingo, 06 de outubro de 1946
Sessão conferências, pág. 4
Título: O Romance de Ignazio Silone

Sob os auspícios do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, o prof. Antonio Candido pronunciará depois de amanhã, às 20 h 30, no auditório da Biblioteca Municipal, uma conferência sobre o tema: “o romance de Ignazio Silone”.

ANEXO II

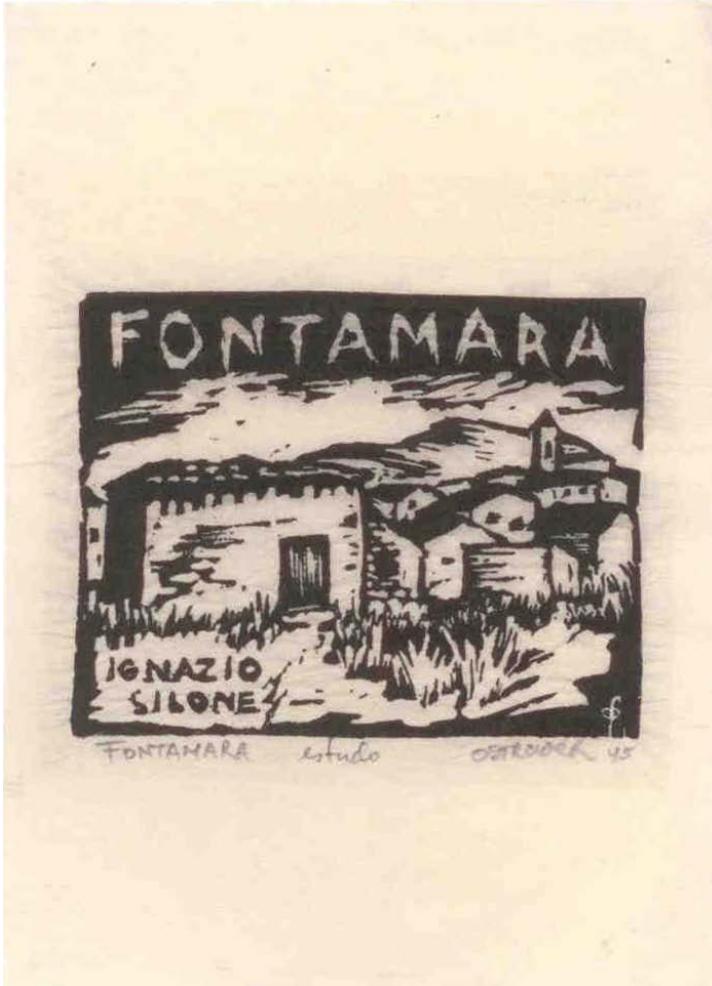


Figura 17. *Fontamara* - Linoleogravura, 1945
Ilustradora: Fayga Ostrower

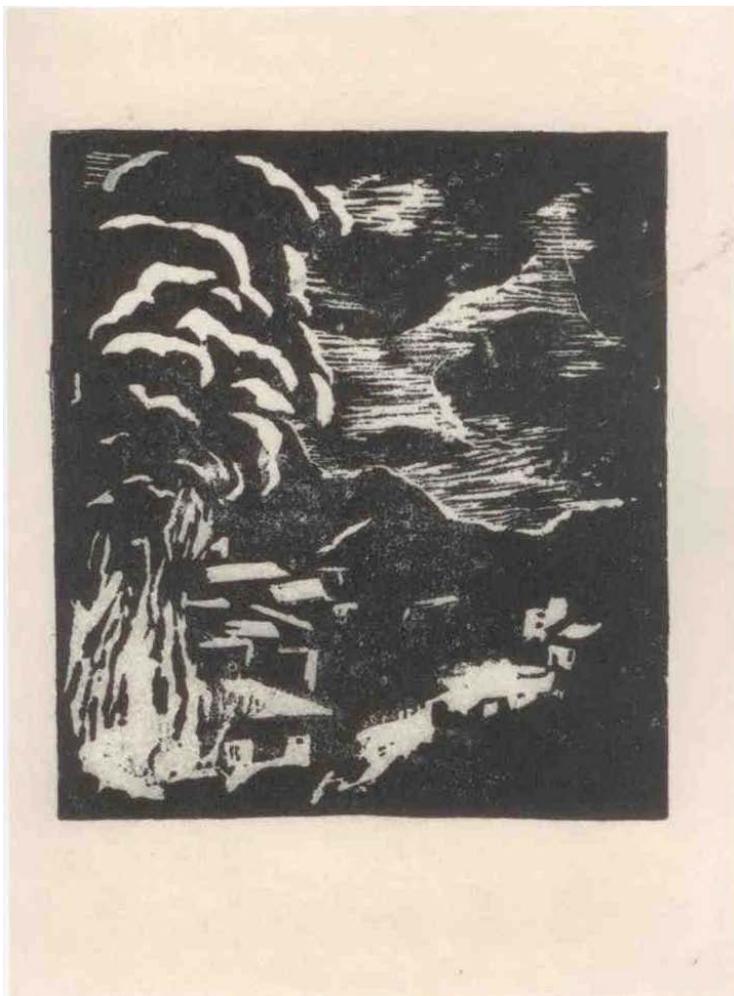


Figura 18. *Fontamara* - Linoleogravura, 1945
Ilustradora: Fayga Ostrower